**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE**

**UNIANDRADE**

**MESTRADO EM LETRAS**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA**

# O DESPERTAR POLÍTICO DE ROGER CASEMENT EM *O SONHO DO CELTA* DE MARIO VARGAS LLOSA

**SIRINEU ZANCHI MEDEIROS DE WITT**

CURITIBA

2012

**SIRINEU ZANCHI MEDEIROS DE WITT**

# O DESPERTAR POLÍTICO DE ROGER CASEMENT EM *O SONHO DO CELTA* DE MARIO VARGAS LLOSA

Dissertação apresentada como um dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria Literária do curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade -- UNIANDRADE.

Orientadora: Profª. Drª Sigrid Renaux.

CURITIBA

2012

**TERMO DE APROVAÇÃO**

SIRINEU ZANCHI MEDEIROS DE WITT

**O DESPERTAR POLÍTICO DE ROGER CASEMENT EM O SONHO DO CELTA DE MARIO VARGAS LLOSA**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dra. Sigrid Renaux (Orientadora - Uniandrade)

Prof. Dra. Liana de Camargo Leão (UFPR)

Prof. Dra. Brunilda Tempel Reichmann (Uniandrade)

Curitiba, 24 de agosto de 2012.

UNIANDRADE
CURITIBA-PR

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por proporcionar-me viver este momento. À minha família, Zanchi De Witt. À minha esposa, Laura, e meus filhos Giulliano, Abraham, Michel e Adrian José. À Nelli Zanchi, minha mãe; à Silvio De Witt, meu pai. À Sirley e a Willian, irmã e sobrinho. Aos meus avôs, José M. Zanchi e Idalina Roveda, Leopoldo De Witt e Maria Carmen Medeiros. A todos vocês o meu amor e carinho.

À minha orientadora, Professora Dra. Sigrid Renaux, por seu profissionalismo, competência e tempo disponibilizado à orientação deste trabalho de pesquisa. Obrigado por ter-me conduzido até aqui. Ao olhar para trás e ver o trabalho concluído, posso dizer que os méritos alcançados se devem à sua orientação. Como o embrião que inicia a sua caminhada, sei que tenho que melhorar muito. Estes dois anos e meio de vida acadêmica, guardarei sempre na memória. Esse tempo mostrou-me um mundo que eu não conhecia. Obrigado pela sua amizade.

À Coordenadora do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade, Professora Drª. Verônica Daniel Kobs, pelo profissionalismo, compromisso e dedicação na coordenação do curso.

À Professora Dra. Brunilda Tempel Reichmann, a quem fico grato por ter sido minha professora e pela sua presença como membro na banca de qualificação e defesa. E, pelas sugestões propostas no exame de qualificação. Muito obrigado pelas suas aulas. Ao lermos em suas aulas O *Coração das Trevas*, foi aberto um espaço que possibilitou a escolha de *O sonho do celta* como objeto de análise deste trabalho.

À Professora Dra. Liana Leão, membro da banca de qualificação e defesa. Muito obrigado pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação, pois através delas, foi possível olhar o personagem com um novo viés.

À Professora Dra. Edna Polese.

À Professora Dra. Mail Marques de Azevedo.

À Professora Dra. Janice Thiel.

À Professora Dra. Cristiane Busato Smith.

Ao Ilmo. Dr. Norberto Renaux pelo carinho e amizade.

A todos os mestrandos da turma de 2010, pela oportunidade de compartilhar com vocês essa trajetória de aprendizado e amizade.

**EPÍGRAFE**

“Nunca vi tanto magnetismo num ser humano como ele”.

Edmund Morel

“Quando nós nos conhecemos, achei que você fosse

apenas um aventureiro. Agora sei que é um místico”.

Herbert Ward

**SUMÁRIO**

**RESUMO .....vii**

**ABSTRACT.....viii**

**INTRODUÇÃO .....1**

**1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....5**

**2 O ROMANCE *O SONHO DO CELTA* .....13**

**3 ROGER CASEMENT E A INFÂNCIA NA IRLANDA.....18**

**4 ROGER CASEMENT E O CONGO.....25**

**4.1 A AVENTURA E O DESPERTAR POLÍTICO .....25**

**4.2 A INVESTIGAÇÃO E O RELATÓRIO.....33**

**5 ROGER CASEMENT NA AMAZÔNIA E AS LEMBRANÇAS DA IRLANDA.....43**

**5.1 A VIAGEM A IQUITOS .....44**

**5.2 A INVESTIGAÇÃO NO PUTUMAYO, O POSICIONAMENTO REVOLUCIONÁRIO E O RELATÓRIO..... .....61**

**6 ROGER CASEMENT NA PRISÃO DE PENTONVILLE.....80**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....102**

**REFERÊNCIAS .....107**

**RESUMO**

Este trabalho faz uma leitura do romance histórico *O sonho do celta,* de Mario Vargas Llosa, a fim de captar e analisar o despertar político do personagem Roger Casement durante sua trajetória desde a infância, sua travessia pelo Congo e Amazônia entre o final do século XIX e o início do século XX, sua luta pela libertação da Irlanda até o momento em que é levado ao patíbulo por ter sido considerado traidor do Império Britânico. A análise está embasada nas teorias de Mikhail Bakthin, expostas em *Problemas da Poética de Dostoievski,* mais precisamente a 3ª característica da Sátira Menipeia: a busca do herói pela verdade. Essas teorias serão complementadas pelos estudos de Silviano Santiago, que abordam o entre-lugar do discurso latino-americano em *Uma literatura nos trópicos*; Tzvetan Todorov, em *A conquista da América,* que estuda a questão do "eu" e do "outro"; Edward Said, em *Orientalismo o Oriente como invenção do Ocidente* que fala da apropriação da África pelos europeus; Homi Bhabha, que teoriza sobre *O local da cultura* numa abordagem da identidade do eu e do outro a partir da ambivalência do discurso colonial; Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, que aborda a descolonização do ser e o medo do outro; e, finalmente, Stuart Hall, que analisa o nascimento e a morte do sujeito moderno em *A identidade cultural na Pós-Modernidade*.

Palavras-Chave: Heroi menipeano. Entre-lugar. Imperialismo e anti-imperialismo.

**ABSTRACT**

This work analyses Mario Vargas Llosa's historical novel *The Dream of the Celt*, in order comprehend and discuss Roger Casement's political awakening by way of his trajectory since his childhood, his journey through the Congo and the Amazon forest between the end of the nineteenth and the beginning of the twentieth century, his struggle for the liberation of Ireland up to the moment when he is taken to the gallows for being considered a traitor of the British Empire. This analysis is based on Mikhail Bakhtin´s theories presented in *Problems of Dostoevsky's Poetics*, more precisely on the third characteristic of Menippean Satire: the hero's search for truth. These concepts will be complemented by works from other theorists, such as: Silviano Santiago, who discusses the "in-between" place in Latin-American discourse in *Uma literatura nos trópicos*; Tzvetan Todorov, who considers the question of the "I" and the "other" in *The Conquest of America;* Edward Said, who argues about the appropriation of Africa by the Europeans in *Orientalism*; Homi Bhabha, who theorizes about the ambivalence of the colonial discourse in *The Location of Culture*; Frantz Fanon, who examines the decolonization of human beings and the fear of the other in *The Wretched of the Earth*; and, finally, Stuart Hall, who analyzes the birth and the death of the modern subject in *The Question of Cultural Identity*.

Key words: Menippean hero. In-betweenness. Imperialism and anti-imperialism.

## INTRODUÇÃO

Falar a respeito do romance histórico de Mario Vargas Llosa e pesquisar sobre o despertar político de Roger Casement, o protagonista de *O sonho do celta* (2010), é uma verdadeira aventura. É percorrer o Congo e a Amazônia juntamente com um personagem que mergulha nas trevas e "desmundos" dos colonizadores e colonizados. O romance de Llosa remete o leitor a um momento sombrio da história da humanidade, até hoje desconhecido por muitos, assim como foi o processo europeu de ocupação e exploração de regiões distantes dos centros de poder.

Partindo desta perspectiva, a proposta deste trabalho é analisar a conscientização política do personagem Roger Casement observando seus vários deslocamentos tratados aqui como "entre-lugares" metafóricos, utilizando como embasamento teórico a característica principal da Sátira Menipeia, desenvolvida por Mikhail Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski.* No caso de *O sonho do celta,* o herói é Roger Casement, que, durante sua trajetória, se depara com situações extraordinárias que o levam a descobrir a verdade e o colocam, consequentemente, em um entre-lugar político. Observando os deslocamentos vividos pelo personagem durante suas viagens pela África, América do Sul e Europa, percebem-se seus "entre-lugares" metafóricos entre verdade e mentira, amor e crueldade, beleza e desencanto, o "Inferno de Dante" e o "Paraíso do Diabo", imperialismo civilizador e resistência revolucionária, prisão e libertação ao subir no patíbulo.

*O sonho do celta* pode ser situado simultaneamente como um romance histórico, pois aborda um período da história moderna entre o final do século XIX e o início do século XX. Além de trazer informações sobre a vida do ex-cônsul Roger Casement, a obra proporciona aos leitores um contato com as ações do personagem

junto a seus familiares, colegas de trabalho, autoridades, negros africanos, índios amazônicos, amigos e inimigos na Irlanda e na Inglaterra.

Não se trata, assim de abordar apenas as aventuras do herói e de seus "entre-lugares" no Congo, na Amazônia e na Irlanda, mas observar que este termo, como será definido adiante, não se limita à obra em si, mas a todo o processo de colonização implantado pelos europeus no mundo atlântico do final do século XIX e início do século XX: de um lado estavam os colonizados, que, subjugados e oprimidos, realizavam o sonho do colonizador através do seu trabalho; de outro, os colonizadores, que não mediam as consequências para alcançar seus intentos. Diante de tais situações, seguindo seu próprio caminho o personagem vivencia o seu despertar político. E, a partir de então, os negros do Congo e os índios peruanos são vistos pelo personagem como etnias que deveriam lutar através das armas para conquistar sua liberdade; o Império Britânico passa a ser visto por Casement como seu principal antagonista; e a Alemanha, inimiga do Império, torna-se o seu principal aliado na luta pela independência da Irlanda. Após planejar com o governo alemão o apoio bélico e militar na luta pela libertação da Irlanda, Casement é preso ao transportar armas para o Levante da Semana Santa na Irlanda. Assim, Casement vê na sua condenação à morte o fim de todos os seus sonhos: não poderá ver uma Irlanda livre do jugo britânico, não realiza o sonho de ter mulher e filhos e nem aprender o gaélico. O personagem, como os negros e os índios, tem sua vida ceifada por enfrentar os impérios que os subjugavam.

Na trama de Llosa existe uma gama de personagens, mas entre eles predomina a figura de Roger Casement: cortês, culto e conservador, mas que, no decorrer da narrativa, transforma-se em ativista político capaz de enfrentar o Império Britânico para fazer valer a verdade e a justiça.

Para efeito de organização, este trabalho está dividido em diversas etapas. No primeiro capítulo apresentaremos a fundamentação teórica que embasa a análise. No segundo capítulo contextualizaremos *O sonho do celta* dentro da obra de Mario Vargas Llosa. A seguir, dedicaremos o terceiro capítulo para abordar a infância do personagem Roger Casement na Irlanda e os primeiros "entre-lugares" do romance. O quarto capítulo será destinado às viagens de Casement ao Congo, suas aventuras, seu despertar político diante das mentiras do colonizador e sua investigação que culmina com seu relatório de denúncias. No quinto capítulo analisaremos a viagem de Casement à Amazônia, sua investigação e denúncias contra a Peruvian Amazon Company e seu novo relatório. Por fim, o sexto capítulo será dedicado ao cárcere de Casement por sua atuação como revolucionário irlandês e consequentemente como traidor do Império Britânico.

Durante essa pesquisa, constatou-se que já existem muitas publicações sobre a personalidade histórica Roger Casement, tais como: *Roger Casement no Brasil,* de Angus Mitchell (2011); *The Amazon Journal of Roger Casement* (1997) *e Sir Roger Casement's Heart of Darkness: the 1911 documents* (2003), ambos editados por Angus Mitchell; *The Devil and Mr. Casement*, do historiador Jordan Goodman (2009); diversos artigos nas revistas da *ABEI Journal* (The Brazilian Journal of Irish Studies)[1], entre outras [publicações]. Entretanto, ainda não há estudos específicos sobre o despertar político de Roger Casement em *O sonho do celta*. Isso nos instiga a explorar os deslocamentos metafóricos vividos pelo personagem que o conduzem a viver seu Congo, Amazônia e Irlanda interiores e o

[1]Peter James Harris: "From the Putumayo to Connemara: Roger Casement's Amazon Voyage of discovery". IN: *ABEI Journal* n.4, June 2002; Angus Mitchell: "Unframing the Black Diaries of Roger Casement". IN: ABEI Journal n. 11, November 2009; no *ABEI Journal* n. 12, November 2010, foram publicados cinco artigos sobre Roger Casement na América do Sul, por Angus Mitchell, Jordan Goodman, Juan Álvaro Echeverri, Otoni Mesquita e Maureen Murphy. Outros artigos e livros estão relacionados em sites especializados.

seu consequente despertar político. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é verificar e trabalhar a questão da alteridade através da análise do personagem Roger Casement em confronto com o outro, bem como explorar as relações existentes entre as várias realidades vividas pelo personagem. Buscaremos analisar Roger Casement na percepção de que ele ocupa um “entre-lugar” em termos emocionais, sociais, geográficos e políticos.

Esta pesquisa justifica-se assim pelo fato de *O sonho do celta* ser um romance histórico baseado na vida do ex-cônsul britânico Roger Casement, defensor dos direitos humanos e mártir político irlandês, que, a serviço do Império Britânico viajou ao Congo e à Amazônia no final do século XIX e início do século XX para confirmar e denunciar as atrocidades cometidas por europeus contra os nativos dessas regiões. Suas publicações *Relatório sobre o Congo* e *Relatório sobre o Putumayo* foram fundamentais para revelar as crueldades cometidas contra os nativos dessas regiões. Além disso, esta pesquisa mostra-se relevante pelo fato de a vida de Roger Casement ter sido romanceada por Mario Vargas Llosa, um dos maiores escritores da atualidade, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2010.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao ler o romance *O sonho do celta* de Mario Vargas Llosa e observar as ações do personagem identificamos que ele se enquadra nas teorizações de Mikhail Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2010), obra em que aborda, entre outros, as características da *sátira menipeia*[2] e, em específico, o herói menipéico: Roger Casement, em sua trajetória pelo Congo e Amazônia, enfrentando o desconhecido mundo da selva, depara-se com a dor dos explorados causada pelas atrocidades cometidas pelo explorador europeu. Chega, assim, ao status de herói pelas ações que realizou em benefício dos oprimidos, denunciando os maus tratos sofridos pelos negros e índios durante o processo de exploração do látex no interior das matas africanas e amazônicas.

Por um longo período Roger Casement foi defensor do Império Britânico. Mas, em consequência dos fatos atrozes que investigou no Congo e na Amazônia, de conservador e defensor do Império Britânico se transforma num aliado dos oprimidos e vê na luta armada a única alternativa desses povos para se libertarem do colonizador, alternativa que se ampliou ao incluir também a Irlanda como colônia da Inglaterra. Em consequência, tem sua vida ceifada na luta pela libertação da Irlanda.

Portanto, foi observando as ações do protagonista de *O sonho do celta* que fundamentamos este trabalho nas teorias de Bakhtin sobre as características do herói na *sátira menipeia*, gênero preparador do romance contemporâneo. Dentre as características da *menipeia*, salienta-se a terceira:

[2] Esse gênero deve a sua denominação ao filósofo do século II a.C. Menipo de Gádara, que lhe deu forma clássica. No entanto, o termo, como denominação de um determinado gênero, foi introduzido pela primeira vez pelo erudito romano do século I a. C., Varro por Varro, que chamou a sua sátira de "*saturae menippea*". (BAKHTIN, 2010, p. 128)

> A particularidade mais importante do gênero da *menipeia* consiste em que a fantasia mais audaciosa e descomedida e a aventura são interiormente motivadas, justificadas e focalizadas aqui pelo fim puramente filosófico-ideológico, qual seja o de criar *situações extraordinárias* para provocar e experimentar uma idéia filosófica: uma palavra, uma verdade materializada na imagem do sábio que procura essa verdade. Cabe salientar que, aqui, a fantasia não serve à *materialização* positiva da verdade, mas à busca, à provocação e principalmente à *experimentação* dessa verdade. Com esse fim, os heróis da *menipeia* sobem aos céus, descem ao inferno, erram por desconhecidos países fantásticos, são colocados em situações extraordinárias reais. (...) Muito amiúde o fantástico assume caráter de aventura, às vezes simbólico ou até místico-religioso (em Apuleio). Mas, em todos os casos, ele está subordinado à função puramente ideológica de provocar e experimentar a verdade. (BAKHTIN, 2010, p. 130)

O protagonista de *O sonho do celta* na sua trajetória de aventuras pela África, entrou para a expedição do aventureiro Henry Morton Stanley porque acreditava que aquele trabalho ajudaria os congoleses a saírem do estado de abandono em que se encontravam. Mas durante o trabalho ele percebe que os membros da expedição mentiam enganavam, decepavam membros de homens, crianças e mulheres incendiavam aldeias e assassinavam congoleses. Junto com Stanley, herói de sua infância, Casement vê que os contratos firmados com os nativos, vistos pelos europeus como uma prova da legitimidade da relação de trabalho, não passavam de embuste. Numa outra expedição, já a serviço da Grã-Bretanha, após seu trabalho de investigação, tem seu Relatório publicado pelo Governo Britânico e torna-se assim conhecido em toda a Europa. Já no continente sul-americano, no início do século XX, durante seu trabalho de investigação na Amazônia, ele constata que a empresa britânica que explorava borracha na região e comete atrocidades contra os povos nativos. Novo relatório é publicado e várias iniciativas são tomadas para punir os culpados. É portanto a partir do contato com sucessivas situações de crueldades e impunidades que Casement desperta

politicamente: ele se desilude com o sistema político britânico e passa a lutar contra o mesmo para libertar a Irlanda. Ao ser preso por traição, Casement conhece, de certa maneira, o mesmo inferno que os povos subjugados conheceram.

A forma como Roger Casement se posicionou diante das encruzilhadas, na sua luta constante em defesa dos oprimidos, o elevam à categoria de herói nessa menipeia contemporânea de Mario Vargas Llosa. O herói que, através da mentira contada pelos exploradores na Europa, repetida e ouvida por ele no coração do Congo, descobre a verdade.

A teoria de Bakthin será complementada, ainda, pelos estudos pós-coloniais de Tzvetan Todorov em *A conquista da América* (2010), obra em que o autor discute o tema do “eu” e do “outro”:

> Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro.* O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. (TODOROV, 2010, p. 3)

Casement, no dia a dia da expedição no Congo, percebe que os europeus trapaceavam. Por um período de tempo ele também fora enganado. Mas, ao despertar do seu sonho, ele percebe que ajudava um explorador que cometia atrocidades, cujas ações não combinavam com aquilo que se propagava na Europa sobre os objetivos da expedição. Ao despertar politicamente, Casement passa, portanto, a ver aquela realidade com outro olhar. Naquele momento Casement e os membros da expedição de Stanley eram a metonímia do colonizador que livraria os congoleses do mundo das trevas. No entanto, o protagonista, ao perceber que os nativos eram enganados pelos exploradores, compromete-se interiormente a aliviar

o sofrimento deles. Ao tomar um posicionamento político diferente dos demais, Casement vive, portanto, um “entre-lugar”.

Para tratarmos do conceito de entre-lugar, tomamos como referência a teoria de Silviano Santiago, que aborda, em *Uma literatura nos trópicos* (2000), o entre-lugar do discurso latino-americano. O conceito é adaptado pois Santiago trata do entre-lugar geográfico. Neste trabalho, porém, utilizaremos o entre-lugar como metáfora dos deslocamentos do protagonista de *O sonho do celta* diante das várias encruzilhadas de sua travessia. Para Santiago, o sujeito na literatura latino-americana está

> entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26)

Roger Casement depara-se igualmente com as várias dualidades: a verdade e a mentira, o negro africano e o branco europeu, o colonizado e o colonizador, o explorado e o explorador, a dor do outro e a sua própria dor, a liberdade e a opressão, a paz e a violência, o espaço geográfico da Inglaterra em oposição à África, Amazônia e Irlanda. Para o personagem a África e a Amazônia são espaços do “outro”, espaço de tribos errantes, onde um “eu” europeu comete atrocidades. Mas com o seu despertar político, o negro e o índio explorados tornam-se um “eu” e o “eu” do explorador transforma-se num “outro”, quando o personagem, contrariando o mundo à sua volta, prefere seguir seu próprio caminho. Para abordar essa multiplicidade de fronteiras tomamos como referência as teorias de Homi K. Bhabha, expostas em *O local da cultura* (2010), que analisa a identidade do eu e do outro a partir da ambivalência do discurso colonial. Segundo Bhabha,

> O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado. Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle,* encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/de*, para lá e para cá, para frente e para trás. (BHABHA, 2010, p.19)

Roger Casement vive também os dois lados da história: por um período de tempo ele é o colonizador, que parte para expedição imaginando que tudo o que acontece faz parte do trabalho, mas, ao despertar, descobre que aquilo tudo era uma manobra muito bem arquitetada para saquear e depredar os bens dos nativos. Mesmo assim, Casement continua servindo ao sistema e, mentalmente, age como um aliado dos explorados. Casement vive assim no momento fronteiriço entre não se considerar um colonizador e ter a consciência da sua posição de colonizado como cidadão irlandês. Ainda segundo Bhabha: “Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 2010, p. 20).

Martin Heidegger, citado por Bhabha, afirma que “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2010, p.19). Na posição de cônsul, o personagem faz o seu trabalho subordinado ao Império Britânico, mas, apesar de continuar trabalhando para o sistema, mentalmente ele inicia a sua desvinculação. Ele tem conhecimento de que aquilo que viu na África não estava limitado apenas àquele continente, mas acontecia em outras partes do mundo, confirmado por ele na Amazônia e pontuado por Edward Said em *Orientalismo, o*

*Oriente como invenção do Ocidente* (2008), ao discutir a questão da apropriação da África pelos europeus:

> A disputa colonial pela África no século XIX, não era absolutamente limitada à África, é claro. Nem a penetração do Oriente era um segundo momento súbito e dramático depois de anos de estudo erudito sobre a Ásia. O que devemos levar em conta é um longo e lento processo de apropriação, pelo qual a Europa, ou a consciência européia do Oriente, passou de textual e contemplativa a administrativa, econômica e até militar. A mudança fundamental foi espacial e geográfica, ou melhor, foi uma mudança na qualidade da apreensão geográfica e espacial no que dizia respeito ao Oriente. ( p. 285)

Os europeus, na cobiça de ampliar o seu território, viram na África uma possibilidade: imensos espaços vazios ocupados por tribos errantes, ou seja, uma terra de ninguém, onde viviam os “selvagens”. Os colonizadores, baseados nesse pensamento, apropriaram-se de grandes áreas do continente africano e, entre elas, do Congo, ocupado por Leopoldo II, rei da Bélgica, em 1884, ocupação esta apoiada na conferência de Berlim, em 1885, por quatorze nações da Europa.

O mesmo fez a Inglaterra. Segundo Edward Said (2008) “desde os dias de sir William Jones, o Oriente fora o que a Grã-Bretanha governava e o que a Grã-Bretanha conhecia a seu respeito: a coincidência entre a geografia, o conhecimento e o poder, com a Grã-Bretanha sempre no lugar do senhor, era completa” (SAID, 2008, p. 291). Ainda de acordo com Said, a Grã-Bretanha levou a sua posição imperial a todas as suas colônias e sempre manteve um olhar de superioridade sobre seus governados.

Tomamos ainda como referência as teorias de Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra* (2010), que discutem a descolonização do ser, situação pela qual Casement passa em diversos momentos da sua trajetória atlântica:

> A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagonistas, que

> têm precisamente a sua origem nessa espécie de substantificação que a situação colonial excreta e alimenta. [...] A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. [...] A descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. [...] Não se desorganiza uma sociedade, por mais primitiva, com um tal programa, se não se decide, desde o início, isto é, desde a própria formulação desse programa, derrubar todos os obstáculos que se encontram pelo caminho. (FANON, p. 52-53)

A "descolonização mental" do protagonista de *O sonho do celta* inicia-se no momento em que ele se depara com a verdade e a mentira em solo africano e continua em processo de crescimento. Na Amazônia, a saída que o personagem encontra para que os índios conquistassem novamente a liberdade é a luta armada. Daí em diante, Casement age como um extremista revolucionário, fazendo uma inversão no seu posicionamento político, pois, ao conspirar contra a Inglaterra para libertar a Irlanda, o personagem pede apoio dos alemães, inimigos do Império Britânico. Nesse processo de descolonização, portanto, Casement passa de conservador a revolucionário numa sequência constante, onde o ápice acontecerá com o seu enforcamento na prisão de Pentonville.

Observando todas as transformações sofridas pelo personagem -- o aventureiro idealista, o voluntário a serviço da Igreja Batista, o investigador, o defensor dos negros e dos índios, o revolucionário e o mártir político irlandês -- tomamos como referência as teorias de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade (*2006), que analisam o nascimento e a morte do sujeito unificado. De acordo com Hall,

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (p. 13)

Como se observará na análise do romance, Casement viveu como colonizado a serviço do Império Britânico durante a infância e por um longo período na idade adulta. Como herói da narrativa, ele parte numa missão e descobre verdades que não imaginava existir. É a partir dessa descoberta que ele começa a viver uma nova história interior que muda gradativamente sua forma de pensar. Durante o processo de desconstrução do personagem conservador, surge consequentemente o Casement defensor dos direitos humanos, o revolucionário e o herói político irlandês, antecipando, desta maneira, as características do herói pós-moderno.

A partir dessas construções teóricas, iniciaremos nosso estudo de *O sonho do celta*. No próximo capítulo, analisaremos o enredo do romance inserindo-o na produção literária de Mario Vargas Llosa.

## 2 O ROMANCE *O SONHO DO CELTA*

Mário Vargas Llosa, autor de *O sonho do celta,* é romancista, jornalista, dramaturgo, ensaísta, crítico literário e um dos mais importantes escritores da atualidade. Nascido em Arequipa, no Peru, em 1936, viveu em Paris na década de 1960 e lecionou em diversas universidades norte-americanas e europeias. Sua extensa obra literária é composta de dezoito romances – entre eles, *A guerra do fim do mundo* (1981), sobre a guerra de Canudos, nove peças teatrais e doze ensaios. Venceu o Prêmio Nobel de Literatura em 2010 "por sua cartografia das estruturas de poder e suas imagens vigorosas da resistência, revolta e derrota do indivíduo"[3].

Situamos *O sonho do celta* como romance histórico e, assim sendo, é necessário salientar a origem desse gênero. Segundo Antonio Esteves, (2010)

> Embora narrativas fictícias tratando de fatos ou de personalidades históricas tenham existido praticamente desde a antiguidade, costuma-se apontar o nascimento desse gênero no início do século XIX, durante o romantismo, pelas mãos de Walter Scott (1771-1832). Foi resultado de uma série de eventos históricos, como a Revolução Francesa e as conseqüentes campanhas napoleônicas, que levou o homem da época ao despertar de certa consciência de sua condição histórica. E coube a Scott, no processo de afirmação do romance como epopéia da burguesia, criar essa nova variante narrativa, cujos personagens, ao mesmo tempo que estão profundamente inseridos no fluxo da história, atuam de modo que seu comportamento explicite as peculiaridades da época apresentada. Georgy Lukacs (1977) estuda minuciosamente o gênero fixado por Scott e seus seguidores, na obra *O romance histórico*, aparecida originalmente entre 1936 e 1937, assinalando a publicação de *Waverley,* em 1814, como marco de inauguração do romance histórico. A consolidação e popularização, no entanto, ocorrerá pouco depois com a publicação de *Ivanhoé*, em 1819. (p.31)

[3]Site oficial do Prêmio Nobel de Literatura. No original lê-se: "for his cartography of structures of power and his trenchant images of the individual's resistance, revolt, and defeat". Tradução nossa. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel _ prizes/ literature/ laureates/2010/>. Acesso em 20 de junho de 2012.

Esteves argumenta em seguida que o romance histórico contemporâneo se caracteriza por fazer uma releitura crítica da história, enquanto sua multiplicidade de perspectivas possíveis faz com que se dilua a concepção de verdade única em relação ao fato histórico. A ficção confronta diferentes versões, que podem ser até mesmo contraditórias (ESTEVES, 2010, p.36).

O romance de Llosa toma como referência a vida de Roger Casement, ex-cônsul da Grã-Bretanha. Ao ter sua vida romanceada na contemporaneidade, temos acesso a uma possível leitura daquilo que poderia ter acontecido no final do século XIX e início do século XX durante o processo de exploração e colonização do Congo e da Amazônia e a luta pela independência da Irlanda que culminou com o Levante da Semana Santa em Dublin.

*O sonho do celta* está estruturado em quatro partes: “O Congo”, “A Amazônia”, “Irlanda” e “Epílogo”. Entremeados a essas partes, nos capítulos ímpares, o narrador conta os acontecimentos ocorridos na prisão, e, nos capítulos pares, a infância, as viagens de investigação ao Congo e à Amazônia e seu ativismo político na Irlanda e na Alemanha. No romance, Mario Vargas Llosa faz uso de um narrador onisciente intruso, no qual “o autor/narrador, qual um deus, tudo conhece da história e tudo pode esquadrinhar, inclusive a vida mental das personagens” (MOISÉS, 1999, p. 411) e, em vários momentos, ainda comenta os acontecimentos narrados, como no início do capítulo II: “Do seu nascimento, a 1º. de setembro de 1864, em Doyle´s Cottage, Lawson Terrace, no subúrbio Sandycove de Dublin, ele não se lembrava de nada, claro” (Llosa, 2011, p. 17). Em função da narração onisciente, o tempo cronológico do romance se entrelaça ao tempo da memória do personagem, ao reviver, no cárcere, passagens de sua infância e do período de férias na Irlanda, seu trabalho e experiências na África, na Amazônia e sua luta pela

libertação da Irlanda. Em segundos, através da memória, o protagonista volta vários anos na história, como se revivesse todos aqueles momentos. O espaço no romance, evidentemente, também é múltiplo: a África é, primeiramente, local das aventuras de Casement e, num segundo momento é o espaço de investigação; a Amazônia é o local onde o personagem faz mais um trabalho de averiguação de denúncias; a Irlanda é a terra natal e o motivo da luta pela libertação e da morte do personagem. O Brasil também aparece no romance como espaço de passagem, no qual o protagonista trabalha como cônsul. Por fim, a Inglaterra é o local onde o personagem é acolhido pelos tios e onde ele trabalha, adquire conhecimento e fama, mas também é o local de sua morte. Assim, ao mudar constantemente de um lugar para outro, o personagem vive não apenas entre-lugares geográficos mas também psicológicos, ao ouvir relatos de atrocidades, pois, diante da dor do outro toma esta dor para si e com isso vive também um entre-lugar emocional.

As experiências acumuladas por Casement desde sua infância, ao identificar-se com a cultura do povo celta, seu contato com duas igrejas, protestante e católica, o contato direto com as pessoas que trabalhavam no porto em Liverpool, a aventura na África, o trabalho de investigação no Congo e Amazônia, o reencontro com a Irlanda, a fama alcançada após a publicação dos relatórios, a conspiração na Alemanha, a ação armada para o Levante da Semana Santa, a prisão, são suas grandes escolas. O despertar político de Casement inicia-se no momento em que ele se opõe às atitudes do explorador Henry Morton Stanley, pois é após tomar um posicionamento diferente do seu herói de infância, que ele procura um jeito de aliviar a dor dos congoleses durante as visitas que faz às aldeias.

Esse jeito de ver o mundo além dos limites, de seguir em frente nas suas investigações sem deixar-se abalar pelos horrores da selva, fazem de Casement um

novo homem. Envolve-se de forma profissional em seu trabalho, e, em muitas ocasiões depara-se com a morte. Como investigador consular a serviço da Grã-Bretanha, utiliza inclusive seus próprios recursos e tempo para ajudar os nativos.

Desta maneira, a travessia pelo círculo atlântico do colonizador possibilitou a Casement entrar em contato com diversas culturas. O menino irlandês, que adorava ouvir as histórias que seu pai contava sobre os grandes descobridores, ao partir em busca da realização dos seus sonhos, não apenas repete os grandes feitos dos seus heróis, mas vai além: descobre a verdade e a mentira a respeito da colonização. Ao fazer esta descoberta, rompe com o sistema político britânico e passa a desconstruir tudo aquilo que por longo tempo acreditara. A partir de então, o personagem liberta-se dos laços que o prendiam ao império colonizador e passa a construir junto com os seus compatriotas irlandeses uma forma de libertar a Irlanda. O personagem encontra assim na ofensiva armada o caminho a ser percorrido para alcançar seu objetivo.

Ao tomar esse posicionamento ele vive o seu grande “entre-lugar”, político, deslocando-se de uma posição de estabilidade para se embrenhar pela encruzilhada que o levará ao Levante da Semana Santa de 1916 em Dublin.

Ao abordarmos aqui o termo “entre-lugar”, faz-se necessário recorrer a Silviano Santiago: estar num entre-lugar é se encontrar “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (2000, p. 26). Santiago situa o ritual antropofágico da literatura latino-americana sempre entre dois elementos: no momento de contato entre a cultura europeia e a cultura latino-americana, ao surgir o estranhamento, acontece o entre-lugar.

Nubia Hanciau (2005), ao tratar do entre-lugar, cita ainda outras

nomenclaturas para definir o mesmo termo:

> (...) lugar intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspace* (revista Chora), *in-between* (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M.L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o *hors-lieu*, são algumas, entre as muitas variantes para denominar, nesta virada de século, as "zonas" criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura européia. (HANCIAU, 2005, p. 127)

O entre-lugar abordado por nós neste trabalho é, portanto, metafórico, é a posição que Roger Casement assume diante das várias encruzilhadas. O termo pode, portanto, estar relacionado a um espaço psicológico, filosófico, religioso, geográfico e político.

Os "entre-lugares" em *O sonho do Celta* vão se formando a partir do posicionamento do personagem frente às ações do outro. É no limite entre uma posição e outra que está a fronteira do entre-lugar, o ponto de deslocamento do personagem, momentos fronteiriços que o levarão, aos poucos, à descoberta da verdade. A próxima etapa deste trabalho será, portanto, a análise dos primeiros deslocamentos de Casement, durante a infância na Irlanda.

## 3 ROGER CASEMENT E A INFÂNCIA NA IRLANDA

No segundo capítulo de *O sonho do celta* o narrador retrata a vida de Roger Casement desde a data do seu nascimento até o momento de suas primeiras viagens à África. Abordaremos alguns entre-lugares de Casement na infância, criados pelos deslocamentos geográficos e emocionais.

Roger é o filho mais novo do capitão Roger Casement e Anne Jephson. Ele nasceu em 1º de setembro de 1864 num subúrbio de Dublin, como já mencionado. Roger tem três irmãos mais velhos: Tom, Charles e Nina. Durante a semana, o menino vai para a escola e aos domingos acompanha seu pai à Igreja Protestante. Nas celebrações religiosas, Roger faz tudo o que os demais membros da igreja fazem a fim de agradar seu pai (LLOSA, 2011, p.17-18). Um traço da educação paterna é a determinação de que os meninos não deveriam receber carinhos da mãe para não se transformarem em adultos mimados.

A mãe, Anne, e os demais irmãos de Roger, também participam dos cultos religiosos. Anne era católica e se converteu ao protestantismo para casar com o capitão Roger Casement. Mas, às escondidas, quando viaja à casa dos parentes em Liverpool, ela ainda frequenta a Igreja Católica. Sem que o capitão Casement saiba, ela vive um duplo papel. Há uma oposição religiosa entre marido e mulher em relação a alguns preceitos, o que distancia mãe e filhos do chefe da família.

Nessa situação de distanciamento vivenciada no lar, o menino Roger fica deslocado. Ele sabe que não deveria se aproximar da mãe para receber seu carinho quando o pai está presente. Contudo, Roger e Anne Jephson, em segredo, trocam abraços e carinhos:

> Mesmo para um menino de pouca idade, era impossível não notar que sua mãe,

> quando estava com as irmãs e os primos da Escócia, agia de uma forma que parecia esconder alguma coisa. Só descobriria o que era já adolescente: embora formalmente Anne Jephson tenha se convertido ao protestantismo para se casar com seu pai, pelas costas do marido continuava sendo católica (“papista”, diria o capitão Casement), confessando, indo à missa e comungando, e, no mais recôndito dos segredos, ele mesmo tinha sido batizado como católico aos quatro anos, durante uma viagem de férias que ele e seus irmãos fizeram com a mãe a Rhyl, no norte de Gales, onde moravam suas tias e tios maternos. (LLOSA, 2011, p. 17)

Devido à escolha de Anne Jephson de não seguir a religião do marido, o pai de Roger também vive um deslocamento causado pelos demais membros da família, ocupando um lugar oposto ao dos familiares pelo fato de não saber o que acontecia em casa durante sua ausência.

Da mesma forma, Roger e Anne Jephson ocupam um entre-lugar de inclusão e exclusão. A mãe, quando trata o filho caçula com carinho e abraços, deixa os outros filhos sem afeto: ela inclui Roger e exclui Tom, Charles e Nina. O deslocamento ocorrido é marcado pela inclusão e exclusão, pois ele aproxima duas pessoas e afasta três. Pode-se dizer também que o comportamento diferenciado de Roger na presença e na ausência do pai o levam a viver um “duplo” e um “outro”, pois, perante os irmãos, ele é visto como o irmão mais novo, mimado pela mãe, aquele que pode receber carinhos por ser o mais novo. Essa oposição de ideias e sentimentos é uma das características desse entre-lugar, pois o afeto – e a falta dele – criam um distanciamento de ordem sentimental entre os membros da família Casement.

O menino Roger também vive um “duplo”. Ele gosta de ouvir as histórias de navegadores e exploradores contadas pelo pai. Entretanto, ele experimenta o impulso de correr para os braços da mãe mesmo sabendo que o costume do pai não o permite. O comportamento de Roger quando o pai está em casa é diferente de

quando este está ausente. Essa mudança de comportamento cria um entre-lugar psíquico, marcado por distanciamento e proximidade. Consequentemente, essa duplicidade de comportamento causa ciúmes nos irmãos, que o veem como o querido da mãe e protegido do pai.

Santiago (2000), ao falar sobre o entre-lugar do discurso latino-americano, cita ainda o exemplo do jabuti de Antonio Callado em *Quarup.* O animal, ao ser mordido pela onça, transforma o crânio do felino em escudo e cria a sua própria armadura: “O jabuti, que só possuía uma casca branca e mole, deixou-se morder pela onça que o atacava. Mordeu tão fundo que a onça ficou pregada no jabuti e acabou por morrer. Do crânio da onça o jabuti fez seu escudo” (SANTIAGO, 2000, p. 9). O entre-lugar vivido por Roger Casement na infância serve, igualmente, de escudo protetor que o acompanhará durante sua jornada em defesa dos negros no Congo e dos índios na Amazônia: o afeto e o carinho recebidos da mãe desenvolvem no menino o amor e a ternura; e as histórias que ele gosta de ouvir do pai e que o distanciam dos irmãos aparecem na narrativa como elementos antecipadores para suas futuras aventuras na África e na Amazônia.

Entretanto, um acontecimento que marca o início da vida de Roger é a morte de sua mãe. Não chora de dor, fica mudo. Ao emudecer ele tem uma reação visivelmente diferente dos irmãos: deslocado, demonstra seu sentimento de forma diferente dos outros. Esse fato faz Roger viver o entre-lugar da dor. A dor de perder alguém que significava proteção, amor materno. Roger é invadido por um sentimento de perda, e, diferentemente dos irmãos, a dor que sente seca-lhe a alma a ponto de não soltar sequer uma lágrima. Ao contrário, perde a voz. A ausência da mãe representa, para ele, a ausência da família.

Depois da morte da mãe, Casement recebe a visita dela como espectro. Por

muitas noites, em sonho, Roger mantém encontros transcendentais com ela. A cada sonho ele sente como se a mãe aparecesse para protegê-lo. Ele vive aquilo como se fosse uma situação real que se renova e se recria a cada novo sonho.

O capitão Casement, após a morte de Anne Jephson, entrega os filhos aos parentes. Apesar de ser acolhido pelos tios, Roger não encontra na casa deles o mesmo conforto e afeto que recebia em seu lar: Roger, diante da ausência dos pais vive um entre-lugar espacial e ao mesmo tempo afetivo-emocional. Somente alguns anos mais tarde é que ele começa a sentir-se mais à vontade na casa de campo dos Casement, pois durante os seis anos em que vive com os tios paternos, sente-se um estrangeiro.

Na escola que Roger freqüenta durante três anos, ele é um estudante distraído, que tira notas regulares, com exceção de latim, francês e história antiga. Além disso, escreve poesia e parece sempre ensimesmado.

Os finais de semana Roger sai para passear e ouvir lendas e canções em gaélico contadas por pescadores e agricultores. São seus primeiros contatos com aquilo que fazia parte da mitologia do povo irlandês: lá estava a origem do povo celta. Esse contato com a cultura dos povos antigos da Irlanda faz Roger sentir-se bem pertencendo a terra e ao povo e, esse sentimento o acompanha por toda a sua vida. O interesse pelas tradições dos antigos irlandeses é um dos motivos que fazem o personagem viver o seu entre-lugar derradeiro, abordado aqui como elemento antecipador. Ao lembrar aqueles lugares e tradições, ressurge na memória a sua infância:

> Sua diversão preferida eram as excursões por aquelas terras ásperas, de camponeses tão idosos quanto a paisagem, algumas dos quais falavam entre si o irlandês antigo, dando ensejo a que seu tio-avô John e os amigos dele fizessem às vezes chacotas cruéis. Charles e Tom não compartilhavam de caminhadas pelo

> campo ou subindo as colinas escarpadas de Antrin; Nina em contrapartida, sim, e por isso mesmo, apesar de oito anos mais velha que ele, era a sua preferida e com quem sempre se deu melhor. (LLOSA, 2011, p. 21)

O narrador enfatiza que o menino Roger sofre chacotas por admirar a vida daqueles povos antigos do interior da Irlanda. Esse posicionamento que diverge daquele dos parentes é um dos elementos antecipadores e um dos motivos pelos quais Casement irá iniciar sua luta contra o Império Britânico.

O fato de ter sido aconselhado pelo tio a abandonar os estudos para começar a trabalhar aos 15 anos mostra que o menino é responsável, e que o tio Edward Bannister via nisso uma necessidade. O tio o ajuda a encontrar emprego em uma companhia inglesa em que ele mesmo havia trabalhado. Segundo o narrador, Roger é um rapaz sério e empenhado, mas com pouco preparo intelectual, passando a trabalhar no departamento de administração e contabilidade. No começo é mensageiro: faz o trâmite entre barcos, aduanas e depósitos no porto. Seus chefes têm muita consideração por ele e, nos quatro anos em que lá trabalha, não recebe reclamação alguma. Não bebe e ninguém o vê frequentando bares do porto. Sua paixão pela África e seu empenho em crescer na companhia o levam a fazer as coisas com cuidado, lendo as anotações dos folhetos e publicações sobre o comércio marítimo entre a Inglaterra e a África. Logo que lê, repete as ideias encontradas nos textos:

> Sua paixão pela África e o seu esforço para se firmar na companhia o levaram a ler com cuidado, fazendo mil anotações, os folhetos e publicações que circulavam no escritório, relacionados com o comércio marítimo entre o Império britânico e a África Ocidental. Depois, repetia, convicto, as ideias que impregnavam esses textos. Levar produtos europeus à África e importar as matérias-primas que o solo africano produzia era, mais que uma operação mercantil, uma iniciativa em prol do progresso de povos parados na pré-história, imersos no canibalismo e no tráfico de escravos. O comércio levava para lá a religião, a moral, a lei, os valores da Europa

> moderna, culta, livre e democrática, num progresso que acabaria por transformar os desventurados das tribos em homens e mulheres do nosso tempo. (LLOSA 2011, p. 23-24)

Como observado no fragmento acima, Roger acredita que os europeus levam o progresso ao continente africano. A maneira como o protagonista incorpora a ideia contida naqueles panfletos demonstra que o jovem acredita que está no caminho correto.

Ao ir para Londres, Casement afasta-se das suas origens. Ele distancia-se do meio cultural irlandês e deixa para trás o espaço da primeira identidade, aproximando-se do colonizador. A sua visão é a de que o Império Britânico está na vanguarda da Europa. Os companheiros de empresa o ridicularizam, perguntando se o jovem Roger Casement é um tonto ou é muito esperto, se acredita nas mentiras ou as proclama para alcançar méritos junto aos chefes.

Casement vive portanto situações distintas em relação às suas escolhas: durante a infância e a adolescência, por força das circunstâncias, muda de lar e, com a morte dos pais, vai morar com os parentes. Com isso, perde algo de si mesmo, sofrendo um deslocamento. Segundo Hall, “esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Porém, é a partir dos 18 anos, no início da idade adulta, que as ações praticadas por ele acontecem por escolha pessoal. As constantes mudanças durante a infância são uma antecipação daquilo que ele enfrentará no mundo atlântico em contato com os nativos africanos e índios amazônicos. São momentos de preparação que antecedem a trajetória do herói antes de partir para o mundo desconhecido no coração do Congo.

Antes de embarcar definitivamente para a África, Roger Casement faz três viagens seguidas ao continente africano. Essas viagens despertam ainda mais a

atração pela África. Quando completa vinte anos, o protagonista descobre que pode realizar o seu sonho de infância e ser um desbravador entrando para a expedição de exploração do Congo liderada por Henry Morton Stanley. Assim, Casement parte para sua aventura acreditando que a expedição beneficiaria aquele povo que vivia na escuridão.[4] As aventuras vividas pelo personagem na África e as revelações da verdade que se apresentam a ele serão abordadas a seguir.

[4]Como comenta o historiador Jordan Goodman, o próprio Casement admitiu, em carta à sua amiga e colega Alice Stopford Green, que, antes de ver as condições no Congo, ele se havia convencido de que o imperialismo era bom: “British rule was to be extended at all costs, because it was the best for everyone under the sun, and those who opposed that extension ought rightly to be ‘smashed’. I was on the high road to being a regular Imperialist jingo” (GOODMAN, 2009, p. 74).

# 4 ROGER CASEMENT E O CONGO

Neste capítulo analisaremos a viagem de aventuras de Casement à África como membro da expedição de Stanley, seu despertar político e, em seguida, a viagem oficial de investigação que fará para apurar e denunciar as atrocidades cometidas no Congo Belga.

## 4.1 A AVENTURA E O DESPERTAR POLÍTICO

No último parágrafo do segundo capítulo de *O sonho do celta,* o narrador informa que Roger Casement fez três viagens à África Ocidental no navio *SS Bounny*. Suas experiências foram tão marcantes que, após essas viagens, Casement resolve se mudar para lá. Ele pede demissão do emprego em Liverpool e entra para a expedição de Henry Morton Stanley, um ex-jornalista norte-americano que encontrara o famoso doutor Livingstone na foz do Nilo e que agora estava a serviço de Leopoldo II, no Congo belga.

Ao partir para a África, Casement tem a oportunidade de permanecer com os parentes em um grande centro urbano ou partir para o desconhecido. Ao escolher partir o protagomnista acredita estar cumprindo uma missão de salvação dos negros do Congo. Ele tem em mente que a expedição luta por uma causa nobre, que ajudaria aquele povo necessitado.

Roger Casement é um dos primeiros europeus desse período a empreender uma expedição de exploração ao Congo e está convencido da importância da expedição, qual seja, salvar os povos que vivem na escuridão:

> Ele acreditava profundamente em tudo isso quando, aos vinte anos de idade, chegou ao continente negro. As primeiras febres palúdicas só o atacaram tempos depois. Tinha acabado de realizar o desejo de sua vida: participar de uma expedição encabeçada pelo mais famoso aventureiro em solo africano: Henry Morton Stanley. (LLOSA, 2011, p.32)

Nesta missão Casement realiza, assim, o seu sonho de infância. Ao trazer o passado de Casement à narrativa, o narrador ressalta diversas vezes a crença do protagonista no objetivo da expedição, que é dizer aos caciques africanos que os europeus estão ali para ajudar a melhorar suas condições de vida, cuidar de suas enfermidades, educá-los e abrir-lhes os olhos sobre as verdades deste mundo. Como o narrador enfatiza,

> Nem sequer entendia direito, a princípio, a razão de ser daquela expedição encabeçada por Stanley e financiada pelo rei dos belgas que ele, naturalmente, considerava na época – tal como a Europa, como o Ocidente, como o mundo – o grande monarca humanitário, decidido a acabar com as chagas que eram a escravidão e a antropofagia e a libertar as tribos do paganismo e da servidão que as mantinham em estado selvagem. (LLOSA, 2011, p. 35)

Na Europa, portanto, o idealizador e patrocinador da expedição, o rei belga Leopoldo II, é visto como um rei humanitário, que visava acabar com os males que dominavam o continente africano. Entretanto, entre o objetivo da expedição e o que realmente acontece, há um abismo. No dia a dia, em contato com as tribos, Casement se vê entre a verdade e a mentira do processo de exploração: ao abrirem as estradas por onde passariam as caravanas, a vida do povo congolês é tomada por falsas promessas, sofrendo abusos, servidão e morte.

Uma das várias situações que incomodam Casement é passar pelas aldeias e ver os chefes da expedição obrigarem os caciques a assinar contratos escritos em francês nos quais os nativos comprometem-se em prestar mão-de-obra, dar alojamento, fornecer guias e sustento aos funcionários da AIC (Associação Independente do Congo). Esse tipo de proposta ultrapassa todos os limites de escravidão. Os congoleses não são consultados pelos prepostos do governo belga, simplesmente são submetidos a cumprir o que estava sendo acordado, sem receber

nada em troca.

Casement percebe que os contratos são embustes. A partir de então, ele começa a ter consciência de que os exploradores enganam os africanos, porque mesmo assinando um documento que não tinha validade jurídica, aquele ato visto pelo nativo é um compromisso que deve ser cumprido.

> Mas pior que ser um cego voluntário era dar explicações para aquilo que qualquer observador imparcial chamaria de embuste. Porque, em todas as aldeias onde a expedição de 1884 chegava, depois de distribuir miçangas e bagatelas e depois das consabidas explicações por intermédio de intérpretes (muitos dos quais não chegavam a ser entendidos pelos nativos), Stanley fazia os chefes e feiticeiros assinarem uns contratos, escritos em francês, comprometendo-se a fornecer mão de obra, alojamento, guia e sustento para os funcionários, representantes e empregados da AIC nos trabalhos que desenvolvessem para atingir os objetivos que a inspiravam. (LLOSA, 2011, p. 36)

Casement não se deixa, portanto, enganar pelas promessas dos exploradores: por um tempo ele acredita que Leopoldo II e Stanley são inocentes e bem intencionados. Entretanto, constata que Stanley é um dos mais cruéis exploradores que pisou em solo africano:

> Ele ia e vinha pela África espalhando por um lado a desolação e a morte – queimando e saqueando aldeias, fuzilando nativos, esfolando as costas dos carregadores com os chicotes de tiras de pele de hipopótamo que tinham deixado milhares de cicatrizes nos corpos de ébano de toda a geografia africana – e, por outro lado, abrindo rotas para o comércio e a evangelização em imensos territórios cheios de feras, insetos e epidemias que pareciam respeitá-lo como um titã das lendas homéricas e das histórias bíblicas. (LLOSA, 2011, p. 36-37)

Para Stanley, os nativos não significam coisa alguma pois os congoleses eram pessoas que viviam na escuridão, em um mundo de selvageria. Como os europeus, Stanley vê nos congoleses pessoas submissas e pobres de espírito.

No convívio diário com Stanley e seus capatazes, o mito de infância sobre o

benfeitor dos nativos se desfaz. Roger leva algum tempo para reconhecer o Stanley que explora, mutila e assassina homens, mulheres e crianças:

> A única coisa que ficou bem clara foi que a ideia de que ele era um grande benfeitor dos nativos não correspondia à verdade. Soube disso ouvindo os capatazes que tinham acompanhado Stanley na viagem de 1871-1872 em busca do doutor Livingstone, uma expedição, diziam, muito menos pacífica que esta na qual, sem dúvida seguindo instruções do próprio Leopoldo II, ele se mostrava mais cuidadoso com as tribos cujos chefes – 450 no total – obrigou a assinar a cessão de suas terras e da sua força de trabalho. As coisas que aqueles homens rudes e desumanizados pela selva contavam da expedição de 1871-1872 o deixaram de cabelo em pé. Aldeias dizimadas, caciques decapitados e suas mulheres e filhos fuzilados quando se negavam a alimentar os expedicionários ou ceder carregadores, guias e mateiros para abrir picadas nas florestas. (LLOSA, 2011, p. 39-40)

Ao questionar o explorador, se este não sente remorso por aquilo que faz, o protagonista mostra a sua oposição em relação à imagem que fizera de seu herói de infância. Em resposta, Stanley franze o nariz, enrubesce e repete a pergunta que Casement havia feito:

> – Remorso? Consciência pesada? – O chefe da expedição franziu o nariz e avinagrou a cara sardenta e queimada de sol, como se nunca houvesse escutado essas palavras e quisesse adivinhar o que queriam dizer.
>
> – De quê?
>
> – Dos contratos que os fazemos assinar – disse o jovem Casement, superando seu estado de confusão. – Eles deixam suas vidas, suas aldeias, tudo o que têm nas mãos da Associação Internacional do Congo. E sem saber o que assinam, porque nenhum deles fala francês.
>
> – Se soubessem francês, tampouco entenderiam esses contratos. – O explorador deu uma risada franca, aberta, um dos seus atributos mais simpáticos. – Nem eu entendo o que querem dizer. (LLOSA, 2011, p. 37)

Esse posicionamento de Stanley deixa Casement decepcionado, pois Stanley revela

que o objetivo dele em solo congolês está distante do que é idealizado na Europa. O silêncio que se estabelece entre os membros da expedição no momento em que Casement questiona o seu lider é indicativo de que há conivência por parte dos demais expedicionários em relação às práticas da expedição.

O fato de Roger ter heroicizado Stanley durante sua infância – e, por algum tempo, na idade adulta – causa no jovem aventureiro idealista um mal-estar devido a sentimentos contraditórios: nesse momento em que Casement e seu herói travam embate político sobre a forma como os trabalhos da expedição são conduzidos, o protagonista vive o seu descentramento diante da descoberta da verdade. É, por conseguinte, a partir do embate com o seu "herói" que o personagem tem o seu despertar político: aquilo que até então ele acreditava ser a verdade passa a ser desconstruído. O que era tido como aventura perde a razão de ser. O protagonista começa assim a afastar-se da ideologia imperialista e aproximar-se dos negros que sofriam a exploração.

Mais tarde, durante o período de recuperação de um dos ataques de malária que o acometiam, Roger relembra a conferência de Berlin, que acontecera em fevereiro de 1885, sem a presença de nenhum congolês. As 14 potências europeias participantes, lideradas por Grã Bretanha, Estados Unidos, França e Alemanha, deram gratuitamente a Leopoldo II dois milhões e meio de quilômetros quadrados no Congo, juntamente com vinte milhões de congoleses. Naquela ocasião, o personagem festejara a conquista do rei da Bélgica. Porém, pelo resto de sua vida, Casement lamenta ter dedicado seus primeiros oito anos à África como soldado da construção do Estado Independente do Congo. Ele depositara naquele projeto sua dedicação, mas, ao buscar alguma justificativa, pergunta-se como poderia descobrir o que acontecia nesta vastíssima área do Congo, pois "ele não passava de uma

minúscula peça da gigantesca máquina que havia começado a ganhar corpo sem que ninguém, com exceção do seu astuto criador e um grupo íntimo de colaboradores, soubesse em que consistiria" (LLOSA, 2011, p. 44).[5]

Segundo Edward Said, que, em *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente,* estuda a temática do Oriente como criação do Ocidente, a disputa e a apropriação da África pelos europeus não estavam limitadas ao continente africano. O que houve foi um longo e lento processo de ocupação:

> A disputa colonial pela África no século XIX não era absolutamente limitada à África, é claro. [...] O que devemos levar em conta é um longo e lento processo de apropriação, pelo qual a Europa, ou a consciência européia do oriente, passou de textual e contemplativa a administrativa, econômica e até militar. A mudança fundamental foi espacial e geográfica, ou melhor, foi uma mudança na qualidade da apreensão geográfica e espacial no que dizia respeito ao Oriente. (SAID, 2008, p. 285)

Observa-se, primeiramente, que os colonizadores conheceram a África através de relatos de exploradores como Stanley e, após terem acesso a informações sobre a realidade do Congo, como a geografia, as riquezas que poderiam ser exploradas e as dificuldades que encontrariam ao explorar aquela região, viram na África uma possibilidade de lucro. É a partir desse prévio contato

---

[5]Em outro momento do final do século XIX, o escritor Joseph Conrad, em *O Coração das Trevas*, já havia denunciado através do personagem Marlow as atrocidades cometidas contra os negros no Congo e o que significava aquele processo de exploração no coração da África:

A conquista da terra, que significa sobre tudo arrebatá-la daqueles que têm uma cor diferente e narizes um pouco mais chatos que os nossos, não é algo bonito, quando se examina de perto a questão. O que a redime é apenas a idéia. Uma idéia que, por trás da conquista, é uma crença altruísta na idéia, algo que se pode erguer; diante da qual se inclinar e oferecer um sacrifício. (CONRAD,1984, p.13)

Conrad não fez, na realidade, um ataque aberto à forma como o europeu agia no continente africano, mas mencionou que aquilo não era certo. No discurso do colonizador havia, de forma aparente, a intenção em ajudar aqueles povos do interior das matas. Porém, por trás dessa ideia, havia outra: a de explorar aquele povo, o "outro".

que ocorre o processo de ocupação, administração e a exploração do patrimônio desses povos.

Roger, então, está no Congo a serviço do explorador europeu. É um homem ocidentalizado que incorpora a ideologia e o discurso dos colonizadores. É um “eu” que, a serviço do Império, vê nos nativos do Congo os “outros”. Entretanto, ao deparar-se com a realidade desses povos através da convivência diária, descobre que a forma como Leopoldo II explora o Congo não é diferente da forma de exploração que a Inglaterra mantém a Irlanda. Essa descoberta o deixa deslocado ele não é nem um nativo sendo explorado e nem um explorador que busca dinheiro – por não concordar com o modo como o processo de ocupação é conduzido. E, na conversa que mantem com o missionário batista Theodore Horte, expõe suas dúvidas: se o que faz é o que os europeus anunciavam, se suas ações trarão progresso à África e se os colonizadores são realmente benfeitores. Theodore Horte revela que ele também é perseguido por “dúvidas terríveis” e ambos concordam que muita coisa deve ser feita para tirar os nativos africanos do estado primitivo em que vivem. Horte não só explica a situação a Casement, mas também indica como deve ocorrer esse processo de exploração, argumentando:

> Entretanto, pelo menos na teoria, a chamada “civilização” tinha muito de verdade. Não eram atrozes as condições de vida dos nativos? Seus níveis de higiene, suas superstições, sua ignorância das noções de saúde mais básicas não os faziam morrer como moscas? Não era trágica aquela vida de mera sobrevivência? A Europa tinha muito a contribuir para que eles saíssem do primitivismo. Para que abandonassem certos costumes bárbaros (...) Era imprescindível que também viessem as coisas boas do Velho Continente. Não a cobiça dos mercadores de alma suja, mas a ciência, as leis, a educação, os direitos inatos do ser humano, a ética cristã. (...) Quando as coisas não têm como retroceder, não vale a pena perder tempo perguntando se não seria preferível que não tivesssem ocorrido. É melhor tentar orientá-las pelo bom caminho. Sempre se pode endireitar o que está torto. Não era este o melhor ensinamento de Cristo? (LLOSA, 2011, p. 56)

O diálogo com Horte impele o protagonista a tomar um rumo diferente em sua aventura na África: Casement renuncia ao seu emprego em dezembro de 1888 antes de cumprir mais um ano de contrato com Stanley e vai trabalhar na missão batista de Ngombe Lutete. Ele sente-se mais útil no trabalho missionário, que pratica de janeiro a março de 1889, por dez libras ao mês.

A experiência adquirida na empreitada no Congo contribui para a nomeação de Casement como cônsul britânico em Boma em 1900. Logo após ser nomeado, o personagem tem um encontro com Leopoldo II, encontro que revela a desconfiança e desconforto que a figura do rei lhe inspirava, e que serão confirmados durante sua próxima investigação:

> O rei dos belgas falou do seu esforço quixotesco e da incompreensão dos jornalistas e políticos ressentidos. Havia erros e havia excessos, sem dúvida. Por que? Não era fácil contratar gente digna e capaz que quisesse se arriscar a trabalhar no longínquo Congo. Pediu ao cônsul que, se visse alguma coisa a ser corrigida no seu novo destino, informasse a ele pessoalmente. A impressão que o rei dos belgas lhe causou foi de um personagem pomposo e ególatra. (LLOSA, 2011. p. 45)

Roger volta então à Inglaterra, mas retorna a África em 1903, desta vez para investigar, as denúncias de atrocidades que estariam sendo cometidas por Leopoldo II. Casement, desta vez, não vai à África para viver uma fantasia de infância. Ele parte nessa aventura à procura da verdade motivado por um fim puramente filosófico-ideológico, como os heróis da menipeia, que “sobem aos céus, descem ao inferno, erram por desconhecidos países fantásticos, são colocados em situações extraordinárias reais” (BAKHTIN, 2010, p. 130), a fim de descobrir o que se ocultava por detrás da máscara civilizatória de Leopoldo II. Analisaremos a seguir esta nova viagem de Casement à África.

## 4.2 A INVESTIGAÇÃO E O RELATÓRIO

A viagem para apurar as atrocidades que estavam sendo cometidas contra os nativos durou três meses e dez dias. Algum tempo depois, ao rememorar essa viagem, Roger sente que havia se transformado em outro homem, mais lúcido e realista em relação à África, aos seres humanos, ao sistema de exploração das colônias e à sua vida. Entretanto, assim como adquiriu experiência, o protagonista ficou mais propenso à infelicidade. Nos momentos em que se encontra desanimado, pensa que seria preferível nunca ter feito aquela viagem.

> No início de sua viagem de investigação, o personagem se surpreende
>
> ao ver a paisagem despovoada, constatar que aldeias como Tumba, onde passou a noite, e as que salpicavam os vales de Nsele e Ndolo, que antes fervilhavam de gente, estavam semidesertas, com velhos fantasmais arrastando os pés no meio da poeira, ou acocorados contra um tronco, de olhos fechados, como se estivessem mortos ou dormindo. (LLOSA, 2011, p. 72)

Roger lembra de quando visitou a cidade pela primeira vez: na época, havia mais de 5000 habitantes na região. Em seu retorno, porém, há apenas 352 pessoas, que, em sua maioria, estão deterioradas pela idade ou pelas doenças. O protagonista constata que apenas 82 pessoas tinham condições de trabalhar e, às suas indagações sempre obtém a mesma resposta das autoridades: “de que os negros morriam como moscas por causa da doença do sono, da varíola, do tifo, dos resfriados, das pneumonias das febres e outras pragas que, devido a má alimentação, acabavam com o seu organismo, que não estava preparado para resistir às doenças” (LLOSA, 2011, p. 72).

De certa forma, Casement concorda com algumas dessas respostas. Entretanto, ele sabe a razão da mortandade na África: “a praga que mudara boa

parte dos congoleses do Médio e Alto Congo é a cobiça, a crueldade, a borracha e o sistema implacável de exploração dos africanos pelos colonos europeus" (LLOSA, 2011, p. 82). O que ele havia conhecido quando fazia parte da expedição de exploração e que fora a causa da sua decepção com Stanley, apresentava-se de forma generalizada à sua frente no seu retorno às aldeias como investigador.

Por esta razão, ao tomar a iniciativa de alugar um navio para fazer o seu trabalho de forma independente, Roger Casement o faz para preservar sua independência e não ser coagido por nenhuma autoridade belga. A partir de então, com autorização do Foreign Office (Ministério de Relações Exteriores do Reino Unido), Casement aluga o barco *Henry Reed*, da American Baptist Missionary Union, com sua tripulação. Viajar em seu próprio barco facilitaria o seu trabalho, pois poderia atracar em qualquer lugar.

Os congoleses que Casement visita aceitam fazer as denúncias desde que não estivesse acompanhado de autoridades belgas, pois ele é visto pelos nativos como uma liderança capaz de resolver os problemas deles. Porém Roger sabe que o seu trabalho se resume a anotar em relatórios o que está ocorrendo. Assim, ao ter livre acesso para investigar as atrocidades, o personagem e os negros vivem numa posição de "eus", pois Casement, enquanto autoridade britânica sem a companhia da autoridade policial belga, é visto pelos congoleses como um aliado. Mesmo sendo um "outro", nesse contato seu com os nativos, o negro e o branco transformam-se em "eu". Deste modo, ao fazer suas investigações de forma independente, o personagem demonstra sua visão política e sua nova postura em relação aos fatos.

O encontro de Casement com a doutora Lily de Hailes, da sociedade batista missionária, é de fundamental importância para essa nova postura: ao perguntar a

ela por que havia tanta gente com feridas nas nádegas, pernas e costas, o cônsul ouve da doutora que aquelas pessoas são vítimas do chicote:

> – E se o senhor quer saber por que há tantos congoleses com vendas nas mãos e nas partes sexuais, também posso explicar – acrescentou Lily de Hailes, desafiadora. – Porque os soldados da Force Publique cortaram ou esmagaram com pancadas de facão suas mãos e seus pênis. Não se esqueça de incluir isso no seu relatório. São coisas que não se costumam dizer na Europa quando se fala do Congo. (LLOSA, 2011, p. 76)

Diante do depoimento de Hailes e das imagens de mutilados, Casement vive um também deslocamento emocional: por um lado, ao comover-se, ele se afasta do lugar de estabilidade dos exploradores belgas que maltratam os nativos e, por outro lado, no meio de tamanha desumanidade, encontra pessoas como a doutora Hailes que dedicam a vida para ajudar os nativos.

Além disso, naquele desmando colonial, todos os nativos têm obrigações definidas para com o sistema opressor. Não há escolha; são obrigados a trabalhar submissos àquela realidade como se estivessem cumprindo um dever:

> Entregar cotas semanais ou quinzenais de mantimentos – mandioca, aves domésticas, carne de antílope, porcos selvagens, cabras ou patos – para alimentar a guarnição da Force Publique e os peões que abriam caminhos, instalavam os postes de telégrafo e construíam cais e depósitos. Alem disso a aldeia precisava entregar determinada quantidade de borracha em cestas de fibras vegetais tecidas pelos próprios indígenas. Os castigos por não cumprir essas obrigações variavam. Por entregar menos que as quantidades estabelecidas de mantimentos ou de borracha, a pena eram chicotadas, nunca menos de vinte e às vezes até cinquenta ou cem. Muitos dos castigados sangravam e morriam. (LLOSA, 2011, p. 83)

Não há dúvida de que a África é um mundo sem lei, onde as próprias forças de segurança pública exploram o povo à revelia. Tudo acontece para satisfazer a cobiça e melhorar o negócio pessoal dos agentes que atuam diretamente com os coletores de borracha:

> Nem as disposições ditadas pelo poder colonial – tanto nas empresas privadas como nas propriedades do rei – eram respeitadas. Em toda parte o sistema era violado e piorado pelos soldados e oficiais encarregados de fazê-lo funcionar, porque em cada aldeia os militares e agentes do governo aumentavam as cotas para ficar com uma parte dos mantimentos e algumas cestas de borracha, e fazer seus pequenos negócios revendendo essas coisas. (LLOSA, 2011, p. 83)

Assim, em todas as aldeias por onde Casement anda, as reclamações são as mesmas: os nativos se perguntam como caçariam para alimentar os exploradores se deveriam cumprir as cotas e se queixam das más condições de trabalho.

Outra situação delicada que o personagem enfrenta é a entrevista com um preposto do governo belga, o Capitão Massard. Este é acusado de ter matado três nativos, enfileirados, de uma vez, com um só tiro na nuca. Casement comenta com Massard sobre as mãos trituradas e os pênis cortados das pessoas no hospital de Bolobo e enfatiza que isso é selvageria. O oficial concordou com um gesto de desgosto e afirma que era um desperdício, pois, com os castigos, os congoleses não poderiam trabalhar e os seus rendimentos seriam mínimos. Segundo Massard, as punições ocorrem porque os nativos não cumprem as ordens como deveriam, pois sempre encontram uma maneira de burlar a lei. Comenta, em seguida, que a Força Pública fazia a sua parte:

> Nós fazemos o que podemos, senhor cônsul – continuou o capitão Massard, compungido. – Não é nada fácil, garanto. Porque, além de broncos, esses selvagens são falsários de nascença. Eles mentem, enganam, não têm sentimentos nem princípios. Nem sequer o medo abre os miolos deles. Eu lhe garanto que a Force Publique castiga muito duramente os que cortam as mãos e o pinto dos vivos para nos enganar e continuar caçando com a munição que o Estado lhes dá. Pode visitar os nossos postos e verificar senhor cônsul. (LLOSA, 2011, p. 79)

Ao responder a Casement de que fazia o que podia, Massard assume que não faz aquilo que deveria fazer enquanto autoridade instituída pelo governo belga. Outro aspecto a ser observado no oficial é a forma de se expressar aliada à prepotência

pessoal: ele retrata os nativos como se fosse um profundo conhecedor do assunto, mas suas colocações são extremamente preconceituosas, como a citação acima revela.

Deste modo, Casement e o Capitão Massard, mesmo estando em posições opostas, compartilham do mesmo drama diante da tragédia causada pela exploração: Casement, representando o sistema que investiga as atrocidades do próprio sistema e Massard, simbolizando a organização militar que, ao invés de desempenhar suas funções seguindo o que era anunciado na Europa, fechava os olhos e traia a si mesmo.

Um outro momento que fica gravado na memória do personagem é a revelação que o padre trapista Hutot faz a Casement:

> Enquanto tomavam o desjejum, o padre Hutot explicou ao cônsul que os trapistas da missão de Coquilhatville tinham sido autorizados pela ordem a quebrar o severo regime de clausura que seguiam em outras partes a fim de prestar ajuda aos nativos “que tanto necessitam, nesta terra onde Belzebu parece estar ganhando a batalha contra o Senhor”. (LLOSA, 2011, p. 84)

Como o trecho revela, a situação dos nativos naquela localidade é tão desesperadora que o sacerdote tem a impressão de que Deus está perdendo a batalha para o Diabo, remetendo-nos, mais uma vez, ao percurso do herói menipeano, pois Casement se aprofunda cada vez mais este inferno africano. criado pelos brancos. Casement é então convidado pelo sacerdote a visitar o povoado de Walla, que havia sofrido retaliações da Força Pública. De acordo com as explicações do padre Hutot,

> Como o povoado, já muito reduzido, não conseguiu completar a última cota de mantimentos, borracha e madeiras, nem ceder o número de braços que as autoridades exigiam, chegou um destacamento de trinta soldados da Force Publique sob o comando do tenente Tanville, da guarnição de Coquilhatville. Ao vê-

> los, o povoado inteiro fugiu para os morros. Mas os intérpretes foram buscá-los garantindo que podiam voltar. Não ia acontecer nada com eles, o tenente Tanville só queria explicar as novas disposições e negociar com a aldeia. O chefe mandou que voltassem. Mas, assim que chegaram, os soldados pularam em cima deles. Homens e mulheres foram amarrados nas árvores e chicoteados. Uma grávida que quis se afastar para urinar foi morta com um tiro por um soldado que achou que ela estava fugindo. Outras mulheres foram levadas à *maison d'otages* de Coquilhatville como reféns. O tenente Tanville deu uma semana de prazo a Walla para completar a cota que eles deviam, caso contrário as dez mulheres seriam fuziladas e a aldeia, queimada. (LLOSA, 2011, p. 85)

Nessa descrição do religioso do que o explorador europeu faz no Congo durante o processo de colonização, é notório que os nativos têm todos os seus direitos desrespeitados e, além de terem suas terras invadidas, são transformados em escravos dentro da própria pátria por um invasor que não respeita sua cultura, seu espaço e a sua dignidade humana.

O frade Hutot é, portanto, uma testemunha importante não só por sua experiência de vida no Congo, mas pelo fato de ser uma pessoa que não está a serviço de Leopoldo II e sim de uma instituição que desenvolve trabalho voluntário em benefício dos nativos. Como continua a narrativa, o padre Hutot encontrou em Walla "um espetáculo atroz":

> Para poder entregar as cotas que deviam, as famílias da aldeia tinham vendido seus filhos e filhas, e dois homens, as mulheres, para mercadores ambulantes que faziam tráfico de escravos às escondidas das autoridades. (...) Os nativos estavam aterrorizados. Haviam mandado comprar borracha e mantimentos para pagar a dívida, mas não tinham certeza de que o dinheiro da venda fosse suficiente. (LLOSA, 2011, p. 85)

E o diálogo que se segue entre Hutot e Casement é extremamente significativo: – "O senhor acredita que aconteçam coisas assim neste mundo, senhor cônsul? - Sim, *mon père.* Agora eu acredito em todas as coisas ruins e terríveis que me contam. Se

aprendi uma lição no Congo, foi que não há fera mais sanguinária que o ser humano" (LLOSA, 2011, p. 85-86).

Ele revela que Roger, com a descoberta desta nova verdade, torna-se cada vez mais consciente da crueldade do ser humano, percepção esta que será mais uma vez concretizada quando interroga, com a ajuda do padre Hutot, os habitantes de Walla. E é "com suas cadernetas cheias de anotações e depoimentos" que ele se despede do padre Hutot, no dia seguinte, e embarca rumo ao povoado de Coquilhatville.

Nesta nova etapa de sua viagem de investigação, Casement dirige-se, ao desembarcar, à guarnição da Força Pública, onde se encontra com um oficial belga, o capitão Marcel Junieux, chefe da guarnição militar e responsável pelas estações de coleta. O militar leva Roger para o seu escritório e Casement percebe, ao adentrar o recinto, que na parede há um quadro com a fotografia de Leopoldo II em uniforme de gala, enfatizando, assim, o domínio do monarca belga. Na conversa com o oficial, Casement não só fala sobre o que viu e ouviu, mas também, de forma diplomática, informa ao capitão Junieux as medidas que tomará:

> Roger foi exato e minucioso. Deixou bem claro quais coisas lhe haviam contado e quais ele tinha visto com os seus próprios olhos: as costas e as nádegas lanhadas, os depoimentos dos que venderam os filhos para saldar as cotas que não conseguiam completar. Explicou que o governo de sua majestade seria informado desses horrores, mas que, além disso, ele considerava que tinha o dever de manifestar, em nome do governo que representava, o seu protesto contra a atuação da Force Publique, responsável por violências atrozes como as de Walla. Ele era testemunha presencial de que aquela aldeia se tornara um pequeno inferno. (...)
>
> Quando se calou, o rosto do capitão Junieux permaneceu imutável. Ficou um bom tempo em silêncio. Por fim, fazendo um pequeno movimento de cabeça, disse, com suavidade:
>
> – Como o senhor certamente sabe, senhor cônsul, nós, quer dizer, a Force

> Publique, não ditamos as leis. Nosso papel é apenas fazer que sejam cumpridas. (LLOSA, 2011, p. 87)

A reação de Junieux e a sua resposta a Casement demonstram bem como os personagens envolvidos na trama simbolizam o poder público de duas nações europeias: a Inglaterra, através de Casement, cônsul e representante do Império Britânico, e Junieux, oficial da Força Pública, representante do rei belga. Ao anunciar ao capitão que o governo de sua majestade tomaria conhecimento de todos aqueles desmandos, Roger vê o oficial defender-se dizendo que apenas cumpria ordens, tentando justificar-se para não ser responsabilizado por aquilo que havia sido feito de errado.

Depois de ouvir a defesa do capitão, o protagonista informa ao oficial que conhece as leis e regulamentos do Estado Independente do Congo e que “nada deles autoriza a mutilar os nativos, chicoteá-los até sangrarem, tomar como reféns as mulheres para evitar que seus maridos fujam e extorquir as aldeias a tal ponto que as mães têm que vender seus filhos para entregar as cotas de comida e borracha que vocês exigem” (LLOSA, 2011, p. 87-88).

Após o pronunciamento enfático de Casement, demonstrando sua firmeza em desmascarar o que está por trás das leis e revelando assim sua nova visão da realidade do ser humano, o capitão defende-se mais uma vez, dizendo que está cumprindo ordens dos seus superiores eximindo-se assim da responsabilidade:

> – Nós não exigimos nada de ninguém. Recebemos ordens e a fazemos cumprir, só isso. A Force Publique não fixa essas cotas, senhor Casement. Quem faz isso são as autoridades políticas e os diretores das companhias concessionárias. Nós somos executores de uma política na qual não tivemos qualquer participação. Nunca ninguém pediu a nossa opinião. Se tivessem pedido, talvez as coisas estivessem melhores. (LLOSA, 2011, p. 88)

Diante da posição de indefinição do oficial, o cônsul sugere que ele faça

alguma coisa para livrar as dores daquela gente, já que ele apenas cumpria ordens. Lembra também ao capitão que não foi para massacrar os africanos que os europeus vieram à África. O embate verbal que segue entre ambos –

> – Ah, não? – O capitão Junieux se voltou para encará-lo e o cônsul notou que o oficial tinha empalidecido um pouco. – Para que viemos, então? Já sei: para trazer a civilização, o cristianismo e o livre-comércio. O senhor ainda acredita nisso, senhor Casement?
>
> – Não mais – respondeu Roger Casement no ato. – Antes acreditava, sim. De todo o coração. Acreditei durante muitos anos, com toda a ingenuidade do jovem idealista que fui. Que a Europa vinha à África para salvar vidas e almas, civilizar os selvagens. Agora sei que estava enganado. (LLOSA, 2011, p. 89)

– revela novamente como os dois personagens vivem situações opostas, mas algo os aproxima, além da descrença em relação ao objetivo dos colonizadores: os dois são prepostos do sistema colonial e, mais importante ainda, a resposta de Casement comprova, em mais uma verdade descoberta, sua conscientização de que havia se enganado com relação aos objetivos “colonizadores” dos europeus.

Após a conversa com Junieux, Casement tenta falar com três magistrados belgas de Coquilhatville, mas apenas um deles o recebe. O magistrado *Maitre* Duval ouve Casement e promete investigar o caso, porém o cônsul despede-se, convencido de que o magistrado não fará coisa alguma para investigar as denúncias.

O que se observa é que, desde o rei dos belgas até os soldados, todos querem se beneficiar explorando os negros. Leopoldo II sabe das atrocidades cometidas pela Força Pública, mas nada faz porque seu objetivo é apropriar-se da terra e saquear os bens dos nativos. Como comenta Fanon, ao abordar a força policial durante o processo colonial e confirmando assim a extensão mundial desse processo, “o intermediário não alivia a opressão, não disfarça a dominação. Ele as

expõe, ele as manifesta com consciência tranquila das forças da ordem. O intermediário leva a violência para as casas e para os cérebros dos colonizados" (FANON, 2010, p. 55).

Ao concluir seu trabalho de investigação Roger retorna a Londres. A viagem de retorno é cansativa e o personagem passa os dias entre o delírio e o cansaço pois, diante das atrocidades, ele tinha a impressão de estar enlouquecendo: "chegou a pensar que o sofrimento generalizado dos congoleses impregnava o ar, o rio e a vegetação à sua volta com um cheiro particular, uma pestilência que não era só física, mas também espiritual, metafísica" (LLOSA, 2011, p. 94). Revela, deste modo, a extensão do dano emocional causado nele pelas atrocidades que presenciara.

Em Londres após a conclusão de seu "Relatório sobre o Congo", Roger não se afasta por completo da África, pois mantém na memória a visão daquilo que vivenciara durante aqueles vinte anos e uma nova verdade se revela a ele: "pensou muitas vezes que, se havia uma palavra que fosse a raiz de todas as coisas horríveis que aconteciam aqui, essa palavra era cobiça" (LLOSA, 2011, p. 82). Deste modo, vão se acumulando dentro do herói uma série de verdades que, aos poucos, estão mudando sua maneira de ver o mundo e que continuarão a se acumular, ao ele ser designado para outros trabalhos como cônsul britânico.

Desta vez, a nova missão diplomática de Casement é no Brasil: em 1906, em Santos e, em 1907, em Belém do Pará. Em viagem ao Pará, o protagonista toma conhecimento de que estavam sendo cometidas atrocidades contra os índios no Putumayo, região amazônica pertencente ao Peru. Casement solicita então ao Foreign Office permissão para apurar esses crimes, já denunciados fortemente pela imprensa europeia. Esta nova etapa da viagem será abordada no próximo capítulo.

## 5 ROGER CASEMENT NA AMAZÔNIA E AS LEMBRANÇAS DA IRLANDA

Neste capítulo abordaremos as viagens de investigação de Roger Casement à Amazônia peruana, como também suas lembranças da Irlanda, pois essas rememorações e sonhos, entremeados aos acontecimentos que ocorrem em sua nova investigação, encontram-se intimamente relacionados com sua descoberta da verdade, aprofundando, assim, as percepções do protagonista entre os fatos ocorridos na selva amazônica e no Congo com o que acontecia na Irlanda. Essas percepções levam, consequentemente, a seu posicionamento político revolucionário, ao propor aos índios pegar em armas para conquistarem a liberdade, posicionamento que irá se estender, também, à situação de submissão da Irlanda.

O personagem parte, portanto, para uma nova peripécia. Após conquistar a fama e deixar o seu trabalho de cônsul geral do Rio de Janeiro, ele irá se embrenhar numa região totalmente isolada, adversa, sem recursos, sem lei e autoridade, pois o Putumayo, como será visto, é um mundo bárbaro. Segundo Bakhtin, as situações extraordinárias em que o herói é colocado a fim de provocar a verdade, podem ocorrer

> nas grandes estradas, nos bordeis, nos covis de ladrões, nas tabernas, nas feiras, prisões, orgias eróticas dos cultos secretos, etc. Aqui a ideia não teme o ambiente do submundo nem da lama da vida. O homem da ideia – um sábio – se choca com a expressão máxima do mal universal, da perversão, baixeza e vulgaridade. (BAKHTIN, 2010, p. 131)

Locais semelhantes irão fazer parte do cenário que o personagem irá percorrer em sua trajetória na Amazônia. No Putumayo, principalmente, Casement irá se deparar com todo tipo de vilania. Como herói, ele sabe que a verdade dos fatos não pode ceder à mentira. Assim sendo, parte para Iquitos, local de seu primeiro contato com as autoridades peruanas.

## 5.1 A VIAGEM A IQUITOS

Como a narrativa revela, no início do século XX, no auge do ciclo da borracha na Amazônia peruana, a empresa inglesa de Julio Cesar Arana, a Peruvian Amazon Company, é responsável pelo processo de exploração e comércio do látex, matéria-prima na fabricação de borracha. Devido a escassez de mão de obra muitos índios são recrutados para trabalhar nos seringais na coleta do material. Ao se negarem a fazer o serviço, os índios são açoitados ou mortos.

Em virtude desses acontecimentos, começam a circular comentários na Inglaterra de que era uma companhia inglesa que estava cometendo esses crimes contra os índios. Roger Casement, como cônsul-geral da Grã-Bretanha no Rio de Janeiro, durante uma viagem a Belém do Pará, toma conhecimento de que muitos índios eram torturados na região do Putumayo. Solicita ao Governo Britânico investigar essas denúncias. Casement viaja assim à Amazônia, representando o governo de sua majestade, junto com uma comissão a serviço da Peruvian Amazon Company.

O grupo chega a Iquitos no dia 31 de agosto de 1910. O cônsul inglês responsável pela região é Mr. Stirs, que imediatamente oferece a Roger Casement estadia em sua casa, enquanto os comissionados ficam alojados numa residência preparada pela companhia. Em virtude do cansaço da viagem, Casement afasta-se dos demais membros para poder descansar. Até o momento ele não havia falado aos comissionados sobre o mal-estar físico que a viagem de navio de Londres a Iquitos lhe causara. Prefere viver seu incômodo sozinho para não desanimá-los. Por estar exausto, Casement adormece rápido e é logo “invadido por uma sensação de paz que não tivera ao longo do mês e meio da viagem” (LLOSA, 2011, p. 126). Entretanto,

> Não sonhou com os quatro anos de serviço consular que acabava de prestar no Brasil – em Santos, no Pará e no Rio de Janeiro – mas com o ano e meio que passou na Irlanda entre 1904 e 1905, depois daqueles meses de superexcitação e faina demenciais, enquanto o governo britânico preparava a publicação do seu *Relatório sobre o Congo* e o escândalo que fariam dele um herói e um pária, sobre o qual choveriam ao mesmo tempo os elogios da imprensa liberal e das organizações humanitárias e as diatribes dos Escribas de Leopoldo II. (LLOSA, 2011, p. 126)

No momento em que se inicia sua aventura pela Amazônia, o sonho demonstra que o personagem mantém vivas na memória as lembranças do período em que se afastou da mídia britânica e foi para a Irlanda a fim de descansar e ficar no anonimato (1904-05). Rememora também os finais de semana que passara com a escritora Rose Mauad Young na Irlanda, entrelaçando assim a infância e a idade adulta no sonho. Naquela época, ele percorrera as aldeias de pescadores e camponeses com Rose, ajudando a escritora a registrar poemas, lendas e canções em gaélico.

Deste modo, o personagem faz um resgate do seu passado e o traz ao presente, em Iquitos: relembra que a Irlanda luta para recuperar sua língua e suas tradições. Ele está orgulhoso disso, sente-se um verdadeiro nacionalista e quer recuperar o seu tempo perdido. Essa postura assumida pelo personagem foi percebida pela sua prima Gertrude (Gee). Em carta, ela escreve que o primo havia se tornado um verdadeiro patriota irlandês: “Roger querido: você se tornou um patriota irlandês”, brincou. “Estou recuperando o tempo perdido”, respondeu Roger (LLOSA, 2011, p. 127)[6].

[6]Em outra carta endereçada a Alice Stopford Green, Casement dá a demonstração dessa definição política, ao posicionar-se politicamente como cônsul britânico e irlandês. Essa consideração indica a diferença que Casement estabelece entre ambos os consulados, apontando para um afastamento do protagonista em relação à Inglaterra. Como consta na carta, Casement adverte a amiga: “Lembre-se, meu endereço é: Consulado da Grã-Bretanha e da Irlanda, Santos – não consulado Britânico!” (MITCHELL, 2011, p. 26).

Desta maneira, mesmo cansado da viagem e prestes a iniciar um novo trabalho de investigação em outro continente, o pensamento do personagem está voltado para a terra dos seus antepassados. Pelo tempo de um sonho, ele se afasta dos problemas atuais e lembra a caminhada por Donegal e Galway, "apalpando a geografia da sua pátria cativa, observando como um apaixonado a austeridade dos campos desérticos, da costa bravia, e conversando com os pescadores frugais e lacônicos" (LLOSA, 2010, p. 127)[7].

Casement conhecera também muitos irlandeses, católicos e protestantes, como Douglas Hyde, fundador da National Literary Society, que promoviam o renascimento da cultura irlandesa. Aquelas pessoas buscavam devolver os nomes nativos às aldeias e ressuscitar as antigas canções irlandesas, as velhas danças, o crochê e o bordado tradicionais dos celtas. Casement envolveu-se tanto nessas atividades que, naquela ocasião, ao ser nomeado para o consulado de Lisboa, atrasa-se o maior tempo possível, inventando problemas de saúde para poder assistir ao primeiro festival "O coração dos vales[7], em Antrim, ao qual compareceram mais de três mil pessoas.

Essas passagens sonhadas merecem destaque por ocuparem posição significativa a partir desse momento na trajetória do herói. O contato com essa Irlanda que era sua terra natal e, no entanto, não conhecia, fez Casement sentir várias vezes seus olhos se umedecerem com as alegres melodias executadas pelos gaiteiros e cantadas em coro. Durante suas férias prolongadas, que revive em sonhos, Casement redescobre a Irlanda, pois lá vivera somente o início da sua infância. Aquilo que viu durante o festival reavivou o seu ânimo e era indicativo de

[7]O festival, que acontece todos os anos no mês de agosto desde 1990, é sediado em Cushendall, condado de Antrim, Irlanda do Norte, e promove a cultura irlandesa com apresentação de grupos musicais, contação de histórias e jogos. Disponível em: < http://www.glensfestival.com/index.html>.

que alguma coisa estava mudando: Casement reencontrara uma Irlanda em processo de redescoberta dos seus valores e esse grupo de intelectuais, políticos, artistas e simpatizantes da causa irlandesa queriam, como Casement irá se conscientizar cada vez mais, uma Irlanda livre do Império Britânico. Para isso, definiam em suas discussões formas de se afastar da Grã-Bretanha. Segundo os líderes do Sinn Fein, partido político irlandês, os irlandeses deveriam boicotar os produtos britânicos, evitar o pagamento de impostos e substituir os esportes ingleses como o críquete e o futebol pelos esportes gaélicos, adotando também a literatura e o teatro irlandeses. Deste modo e de maneira pacífica, a Irlanda se afastaria da submissão colonial. Esta postura anti-britânica é comentada por Fanon, ao tratar da descolonização. Segundo o teórico, “a descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História” (FANON, 2010, p. 53).

Assim, esse pequeno grupo de revolucionários que aparentemente não representava perigo algum diante da superioridade do Império Britânico, terá, naquele ato de bravura durante o Levante da Semana Santa, a atenção da Europa e do mundo voltados para si.

Ao aproximar-se desse grupo de intelectuais e líderes irlandeses, Casement viveu um momento de encantamento. Com a fama que conquistara após a publicação do “Relatório sobre o Congo’, entre outras, e a influência política da sua amiga Alice Stepford Grenn, ele fez amizades com pessoas que o impulsionaram ainda mais na sua luta pela independência da Irlanda. O processo de descolonização desses personagens estava se iniciando e a conclusão desse distanciamento irá acontecer com a tentativa de ruptura com a Inglaterra através do

Levante armado. Como já citado, segundo Fanon, esse processo transforma o homem num outro ser, ao sofrer uma modificação completa.

Ainda em sonho, Casement também recorda que, em 1906, quando o novo ministro de relações exteriores, Sir Edward Grey, ofereceu-lhe o consulado de Santos no Brasil, ele o aceitou porque o seu trabalho de ajuda pró-Irlanda havia acabado com seu pequeno patrimônio e ele vivia de empréstimos. No Brasil, o personagem trabalhara como cônsul porque precisava sobreviver, passando simultaneamente por um período de indefinições políticas. Recorda-se também do poema que havia escrito, em 1906, "um longo poema épico, 'O sonho do celta', sobre o passado mítico da Irlanda" – que sugeriu a Llosa o título de seu romance – e também de um panfleto político, redigido com Alice Stopford Green e Bulmer Hobson, *Os irlandeses e o exército inglês.* Esse documento, contrário ao recrutamento de irlandeses para o exército britânico, reforça a ideia de que o personagem teve um contato efetivo com intelectuais na Irlanda e participou das discussões que os colocavam como opositores do regime político britânico (LLOSA, 2011, p. 129).

Portanto, durante o descanso da viagem, Casement revive, em sonhos, a Irlanda em diferentes momentos. E o desejo de voltar à sua terra natal o impulsiona a iniciar rapidamente o seu trabalho de investigação. Ao acordar, o cônsul Stirs já o esperava para levá-lo à casa do prefeito de Iquitos, Rey Lama.

Na prefeitura da cidade, Mr. Stirs e Casement são recebidos de forma cordial por Rey Lama, que os apresenta às autoridades e ao gerente-geral da Peruvian Amazon Company, Pablo Brumeta. Após a fala do prefeito, Casement discursa sobre os motivos da expedição comandada por ele: na Inglaterra há denúncias de atrocidades cometidas contra os índios pela Peruvian Amazon

Company. Assim que o protagonista anuncia o objetivo da presença da comissão de investigação na Amazônia, o gerente-geral da Peruvian Amazon Company levanta-se e anuncia que a companhia está disposta a colaborar porque não tem nada a esconder. Observa-se que tanto as autoridades locais, como os dirigentes da empresa de Arana, tentam eximir-se da culpa.

Após a conversa com as autoridades, mais tarde, durante seu descanso, Casement, desanimado, fica um longo tempo lembrando o que o ministro das relações exteriores britânico, Sir Edward Grey, havia lhe dito sobre o seu prestígio e sobre os crimes que aconteciam no Putumayo, e do compromisso que havia assumido com o governo britânico: “O senhor tem muito prestígio pelo que fez no Congo. É um especialista em atrocidades. Não pode se negar, sua primeira reação foi arranjar uma desculpa e recusar. Depois, refletindo, pensou que, justamente devido ao seu trabalho no Congo, tinha a obrigação moral de aceitar” (LLOSA, 2011, p. 136).

Meditando assim sobre o que enfrentara no passado e o que pode ver na Amazônia, pensa nas denúncias que o jornalista Saldaña Roca havia feito e relembra sua própria juventude:

> quando a experiência da maldade e o sofrimento, na África, o inundaram de um sentimento beligerante, uma vontade pugnaz de fazer alguma coisa para que o mundo melhorasse. Tinha uma predisposição fraterna por Saldaña Roca. Gostaria de poder apertar sua mão, ser seu amigo, dizer-lhe: “O senhor fez da sua vida uma coisa bela e nobre, senhor.” (LLOSA, 2011, p. 137-138)

Casement rememora também os artigos de Roca sobre a brutalidade que um dos capatazes havia cometido contra os nativos que não conseguiram cumprir suas cotas:

> Cerca de oitocentos ocaimas tinham chegado a La Chorrera para entregar as

> cestas com as bolas de borracha que trouxeram da selva. Depois de pesá-las e armazená-las, o subadministrador de La Chorrera, Fidel Velarde, apontou para o seu chefe, Víctor Macedo, que estava lá com Miguel Loyasa, da El Encanto, os vinte e cinco ocaimas separados do resto porque não haviam trazido a cota mínima de seringa – látex ou borracha – que tinham obrigação de trazer. Macedo e Loaysa decidiram dar uma lição nos selvagens. Dizendo aos capatazes – negros de Barbados – que mantivessem na linha o resto dos ocaimas com os seus máuseres, mandaram os "rapazes" enrolarem aqueles vinte e cinco em sacos embebidos com petróleo. Depois, atearam fogo. Aos berros, transformados em tochas humanas, alguns índios ainda conseguiram apagar as chamas rolando na terra, mas ficaram com queimaduras terríveis. Os que se jogaram no rio como bólibos flamejantes se afogaram. Macedo, Loyasa e Velarde liquidaram os feridos a tiros. Toda vez que Roger lembrava essa cena sentia vertigem. (LLOSA, 2011, p. 138)

Essas informações sobre os crimes do Putumayo, lidas nos artigos de Roca, levam o personagem a relacionar as duas realidades: em dois continentes distantes, seres diferentes sofriam crueldades semelhantes, pois a cultura predominante por longo período na Europa e em outras partes do mundo conservador e racista era a de que os nativos eram selvagens. Esse pensamento estava na mente de muitos aventureiros que, envolvidos no processo de colonização, viram na África e América uma possibilidade de enriquecimento fácil.

Neste mesmo contexto, Todorov, em "A conquista da América", cita como o exemplo o texto que o dominicano Tomas Ortiz escreve ao Conselho das Índias:

> "Comem carne humana na terra firme. São sodomitas mais do que qualquer nação. Não há justificativa entre eles. Andam completamente nus. Não respeitam nem o amor nem a virgindade. São estúpidos e tontos. Só respeitam a verdade quando lhes é favorável; são inconstantes. Não fazem idéia do que seja a previdência. São muito ingratos e amantes das novidades. (...) São brutais. Gostam de exagerar seus defeitos. Não há entre eles nenhuma obediência, nenhuma complacência dos jovens para com os velhos, dos filhos para com os pais. São incapazes de receber lições. (...) Os índios são mais idiotas do que os asnos, e não querem fazer esforço no que quer que seja". (PIERRE MARTYR, citado por TODOROV, 2010, p. 217-218)

Percebe-se assim que o posicionamento de Ortiz não é exclusivo dele: outros colonizadores viram na Amazônia uma possibilidade de lucro, por verem os nativos como pessoas incapazes de cuidar da própria vida e incompetentes para transformar a localidade onde viviam numa terra “desenvolvida”.

Na manhã seguinte, Casement caminha pela cidade e encontra várias pessoas. Entre elas, muitos índios e vendedores ambulantes que oferecem bebidas, animais vivos, bêbados deitados pelo chão e cachorros remexendo o lixo. Ao observar Iquitos naquela manhã, Roger pensa: “Esta cidade é um buraco vil e pestilento” (LLOSA, 2011, p. 140). Este juízo de valor sobre a cidade com suas construções exuberantes e prédios públicos enormes contrastando com a miséria que se reproduzia pelas ruas da cidade, revela assim mais uma vez uma nova verdade: a da exploração a que os índios em Iquitos estavam submetidos.

Nessa manhã, o protagonista tem ainda sua atenção despertada por um jovem nativo forte e musculoso. Ele se aproxima do rapaz e mostra sua máquina fotográfica, pedindo para tirar uma fotografia e oferecendo dinheiro ao rapaz para que este faça poses viris. Há indicativos de que Casement sente atração pelo físico do rapaz, jovem que aparecerá em outros sonhos do protagonista, suscitando nele um sentimento de prazer homossexual.[8]

Em Iquitos, o protagonista se prepara para investigar as denúncias. Mais uma vez o herói parte em busca da verdade, repetindo o que havia feito no Congo. Ele inicia sua investigação com o depoimento do ex-capataz de Arana, o barbadense Eponim Thomas Campbell. No contato com Eponim, Casement descobre que o mesmo não tem certeza da própria idade, mas acredita que não passa de trinta e cinco anos. Para uma pessoa que havia servido como capataz da

[8]Não iremos abordar a homossexualidade de Casement em detalhe nesta dissertação, mas é necessário citar alguns dos encontros do protagonista com esses jovens.

companhia de Arana, o estado em que se encontra agora é lastimável:

> Estava com um blusão desbotado aberto até o umbigo e uma calça de tecido cru que só chegava aos tornozelos, amarrada na cintura com um pedaço de cordão. Estava descalço e seus enormes pés, com unhas compridas e muitas crostas, pareciam de pedra. Seu inglês era cheio de expressões coloquiais que Roger custava a entender. Às vezes se misturava com palavras portuguesas e espanholas. (LLOSA, 2011, p. 141)

Eponim havia sido traído por seus superiores. Ao fazer as denúncias, está na posição de traidor: é caçado pelos outros capatazes da Peruvian Amazon Company. Diante de Eponin, Casement sente por ele aquilo que Grossman comenta a respeito da atitude de Dostoievski, perante seus personagens: “uma centelha de simpatia pelos humilhados e ofendidos que se sente por todas as aventuras dos miseráveis afortunados e dos enjeitados salvos” (GROSSMAN, de acordo com BAKHTIN, 2010, p. 117). Eponim pode não ser um afortunado, mas tivera uma posição de destaque na companhia de Arana. Agora é um enjeitado e está prestes a delatar a Peruvian Amazon Company.

Juntamente com outros barbadianos, Eponim havia sido contratado na capital de Barbados por Lizardo Arana, irmão de Julio C. Arana, para ser capataz numa das estações da Peruvian Amazon Company no Putumayo. Contudo, ele fora enganado,

> (...) porque quando o contrataram não lhe disseram que teria que dedicar boa parte do seu tempo às “correrias”.
>
> – Explique o que são as “correrias” – disse Casement.
>
> Caçar índios nas aldeias para mandá-los recolher seringa nas terras da Companhia. Todos: hitotos, ocaimas, muinanes, nonuyas, andoques, rezígaros ou borás. De qualquer das tribos que havia na região. Porque todos, sem exceção, relutavam em apanhar seringa. (LLOSA, 2011, p. 142)

O que se pode observar no depoimento de Eponim é que a companhia de

Arana realiza a mesma prática utilizada por Leopoldo II com os nativos do Congo. As pessoas eram caçadas na selva e obrigadas a trabalhar para a companhia. No Congo os nativos eram transformados em escravos e quem não cumpria as cotas tinha as mãos decepadas. Na Amazônia os índios se negavam a trabalhar nos seringais, por isso eram caçados. Essa forma desumana de tratamento faz com que Casement se pergunte: “Será que o diabo tinha vencido a eterna batalha?” (LLOSA, 2011, p. 139). É o entre-lugar da dúvida que assola Casement sobre a humanidade/ desumanidade da civilização ocidental.

O depoimento de Eponim deixa Casement, consequentemente, exausto. Ao deitar-se à noite, vários sentimentos visitam sua mente:

> Estava suando, seu corpo doía e um mal-estar itinerante o atormentava aos poucos, órgão por órgão, da cabeça aos pés. O Congo. A Amazônia. Não havia então limites para o sofrimento dos seres humanos? O mundo estava cheio de enclaves de ferocidade como aqueles que o esperavam no Putumayo. Quantos? Centenas, milhares, milhões? Seria possível derrotar essa hidra? Quando lhe cortavam a cabeça num lugar, reapareceria em outro, mais sanguinária e horripilante. Adormeceu. (LLOSA, 2011, p.144)

Casement fica, evidentemente, inconformado com aquilo que ouve e vê. Ele compara o Congo e a Amazônia fica atormentado, pois percebe que na Amazônia a violência contra os nativos era tão intensa quanto na África, numa nova descoberta da verdade. Nesses questionamentos, adormece e sonha com a sua mãe:

> Num lago de Gales. Um sol tênue e esquivo brilhava entre as folhas dos altos carvalhos e, agitado, com palpitações, viu surgir o jovem musculoso que tinha fotografado aquela manhã no cais de Iquitos. O que fazia ele naquele lago galês? Ou era um lago Irlandês, no Ulster? A silhueta espigada de Anne Jephson desapareceu. Seu desassossego não se devia à tristeza e à piedade que aquela gente escravizada no Putumayo lhe causava, mas à sensação de que, embora não a visse, Anne Jephson estava pelos arredores espiando-o de um arvoredo circular. O temor, porém, não atenuava a excitação crescente ao ver o rapaz de Iquitos se

> aproximar. Seu torso estava molhado pelo lago de cujas águas tinha acabado de emergir como um deus lacustre. A cada passo seus músculos se destacavam, e em seu rosto havia um sorriso insolente que o fez estremecer e gemer no sonho. Quando acordou, viu com nojo que tinha ejaculado. Lavou-se e trocou de calça e de cueca. Sentia-se envergonhado e inseguro. (LLOSA, 2011, p. 144)

Novamente a Irlanda e a mãe aparecem no sonho de Casement, evidenciando como ambos permanecem no subconsciente do herói. Em seguida, em entremeio ao sonho com a mãe, Roger vive outra vez um momento de atração homossexual e a dúvida entre olhar para sua mãe e prestar atenção no jovem que emergia do lago deixam o personagem confuso. Ele não tem certeza se era um lago galês ou irlandês no Ulster. O protagonista e o rapaz estavam em realidades diferentes. O jovem que, durante o dia era um adolescente de calção e descalço a beira de um cais em Iquitos, no sonho emerge das águas como uma divindade e divide a atenção do protagonista em relação à mãe. Mesmo sentindo o temor de que ela o espiava de algum lugar, Casement não perde a excitação ao se deparar com o rapaz. Já a mãe, que estava em primeiro plano anteriormente, é deixada de lado. Em sonhos, portanto ele tem uma experiência homossexual, afastando-se assim do cenário das investigações e realizando no sonho aquilo que na vida real estava impossibilitado de fazer.

No dia seguinte, ao encontrar os demais membros da comissão também arrasados com aquilo que tinham acabado de ouvir dos barbadianos, Casement perde a fome e, em vez de fazer a sesta, prefere anotar em seus diários toda a conversa que havia tido com Eponim no dia anterior.[9]

[9]Como comenta Angus Mitchell, editor de *The Amazon Journal of Roger Casement* , entre os documentos de Casement estava "the massive manuscript of his Putumayo Journal and a number of fragmentary diary entries describing other parts of his voyage"(MITCHELL, 1997, p. 8), publicação essa que revela a profunda compreensão dos acontecimentos e o cuidado criterioso que Casement teve em registrar todos os abusos cometidos nesta região pelo explorador europeu.

À tarde, ao se encontrar com o prefeito de Iquitos, Rey Lama, o protagonista toma conhecimento de que o prefeito havia assumido seu posto a pedido do próprio presidente do Peru, Augusto B. Leguía. Diante da situação político-econômica do Peru exposta no romance, percebe-se que o país não vive num sistema democrático, pois a política está entre grupos familiares e amigos. A justiça local depende economicamente da Peruvian Amazon Company. Os exploradores fazem aquilo que querem porque o sistema político e exploratório está sob o seu comando, como o trecho de conversa entre o prefeito e um dos membros da comissão revela:

> – Aqui não é a culta e próspera Inglaterra, senhores – murmurou pesaroso o prefeito. Tinha um copo de água na mão e o esvaziou com um gole só. – Se uma pessoa leva meses para chegar de Lima até aqui, os pagamentos dos magistrados, autoridades, militares, funcionários demoram ainda mais. Ou, simplesmente, não chegam nunca. E como essa gente sobrevive enquanto espera os seus salários?
>
> – Da generosidade da Peruvian Amazon Company? – sugeriu o botânico Walter Folk. (LLOSA, 2011, p. 147)

Nota-se pelo depoimento que a política e a justiça estabelecida na região estão a serviço da Peruvian Amazon Company. A companhia havia criado uma rede de corrupção diante da ineficiência do Estado e o poder do mais forte prevalecia. Diante das benesses oferecidas pelos Aranas, a justiça não age: o poder público se curva ao privado, num sistema de troca de favores pessoais. O próprio Rey Lama confirma esse sistema de submissão do Estado à Peruvian Amazon Company, comentando que a região de Putumayo evoluiu graças à empresa dos Aranas:

> Se agora há vida comercial lá, trabalho, um começo de modernidade, isso se deve a Julio C. Arana e seus irmãos. Vocês devem considerar isso, também. Eles foram os primeiros a conquistar essas terras peruanas para o Peru. Sem a companhia, todo o Putumayo já teria sido ocupado pela Colômbia, que está de olho na região.

> Não podem esquecer esse aspecto, senhores. (LLOSA, 2011, p. 148)

Rey Lama faz a defesa da Peruvian Amazon Company, mas em momento algum ele se refere aos maus tratos sofridos pelos nativos. O que se observa é que a Peruvian Amazon Company faz aquilo que o Estado peruano é incapaz de fazer e, por conta dessa troca de favores, o governo fecha os olhos à barbárie cometida contra os povos nativos.

No mesmo dia, Casement tem um encontro com o gerente-geral da companhia, Pablo Zumaeta. A comissão sai da casa do prefeito e vai até o escritório da Peruvian Amazon Company. Lá, o gerente-geral os espera para a última reunião do dia. Ele os recebe de forma cerimoniosa, apertando a mão de cada um deles e comunica a todos que havia recebido ordens telegrafadas do próprio Julio C. Arana para facilitar o sucesso da missão. Zumaeta está nervoso, mas tenta disfarçar levantando a voz e fazendo gestos enquanto mostra papéis com inscrições, carimbos e assinaturas. Os documentos contêm indicações proibitivas no trato dos funcionários da Peruvian Amazon Company em relação aos indígenas:

> Proibição estrita de impor castigos físicos aos indígenas, suas esposas, filhos e parentes, e de agredi-los em obra ou palavra. Repreendê-los e aconselhar de maneira severa quando tiverem infringido comprovadamente as normas. Segundo a gravidade do erro, poderão ser multados ou, em caso de erro muito grave, demitidos. Se a falta tiver conotações delitivas, devem ser encaminhadas à autoridade competente mais próxima. (LLOSA, 2011, p. 151)

O representante da empresa tenta eximir-se da culpa ao ler a filosofia da empresa. Justifica-se dizendo que a companhia faz de tudo para que ninguém cometa qualquer forma de abuso. Diante disso, Roger pergunta ao gerente: “Será que vamos encontrar no Putumayo os chefes de estação acusados por Saldaña Roca e pelo engenheiro Hardenburg, ou eles já devem ter fugido?” (LLOSA, 2011, p. 151) Sua pergunta revela o quanto ele já está ciente da verdadeira realidade e não

daquela que pretende ser imposta a ele.

Ao ler e comentar as instruções da Companhia aos administradores, Zumaeta quer se redimir de qualquer culpa, questionando Casement:

> – O senhor acha que Arana, que eu, que os administradores da Peruvian Amazon Company somos suicidas para matar indígenas? Não sabe que o problema número um dos seringueiros é a falta de apanhadores? Cada trabalhador é precioso para nós. Se essas matanças fossem verdadeiras, não restaria agora um único índio em Putumayo. (LLOSA, 2011, p. 152)

O narrador salienta que, ao ouvir a defesa de Zumaeta, Casement sente-se como estivesse vivendo novamente o Congo. A única diferença era que Zumaeta falava espanhol. Porém a forma de negar, tanto na África quanto na América, é a mesma:

> Negavam com a mesma desenvoltura o que era evidente porque ambos achavam que coletar borracha e ganhar dinheiro era um ideal dos cristãos que justificava as piores maldades contra esses pagãos que, naturalmente, sempre eram antropófagos e assassinos dos próprios filhos. (LLOSA, 2011, p. 153)

As palavras de Zumaeta se parecem com as do capitão Massard: no Congo, o militar, preposto do rei dos belgas, negava que cometia atrocidades. Zumaeta, na Amazônia, representando a companhia de Arana, nega os crimes para defender os exploradores. Desta maneira, as duas realidades “civilizatórias” se aproximam novamente, Congo e Amazônia.

Durante a noite, numa praça de Iquitos, Casement consegue coletar dados importantes. Através de Urritia, um padre agostiniano, o protagonista toma conhecimento de que muitos meninos e meninas indígenas haviam sido tomados de suas famílias e trabalhavam como domésticos na casa de iquitenhos. Como o padre comenta.

> – Se mesmo numa cidade com autoridades, prefeito, juízes, militares, policiais

> acontecem as coisas que sabemos, o que não ocorrerá lá, onde só existem funcionários da Companhia?
>
> Tornou a suspirar, agora com angústia.
>
> – Aqui, o grande problema é a compra e venda de meninas indígenas – disse, com uma voz machucada. – Por mais esforços que façamos para encontrar uma solução, não conseguimos. (LLOSA, 2011, p. 154-155)

Após esta fala, Casement volta o seu pensamento ao passado e conclui: “O Congo, outra vez. O Congo, em toda parte” (LLOSA, 2011, p. 155), mostrando sua certeza agora absoluta, do embuste da missão civilizatória nos dois continentes. Como o padre continua a explicar, na casa de seus patrões, entre todas as explorações, as meninas eram ainda agredidas e obrigadas a dormir junto com os animais. Muitas garotas também serviam de iniciadoras sexuais para os filhos dos patrões. Após ouvir o religioso, Roger pergunta ao padre se alguma coisa poderia ser feita com as autoridades. Urritia responde que sim, mas pelo fato de as tribos não existirem mais ali e os pais das adolescentes terem morrido, o mais sensato é deixá-las vivendo naquela situação.

Casement resolve voltar para casa do cônsul Stirs. Ele fica tão absorto com a revelação das monstruosidades cometidas, que não consegue perceber o que se passa à sua volta durante o trajeto para casa. A única imagem que lhe vem à mente é a das crianças indígenas:

> Pensava nas crianças arrancadas das suas tribos, separadas das famílias, enfardadas na sentina de uma lancha, trazidas para Iquitos, vendidas por vinte ou trinta soles para uma família em cuja casa passariam a vida varrendo, esfregando, cozinhando, limpando latrinas, lavando roupa suja, xingadas, espancadas e às vezes estupradas pelo patrão ou pelos filhos do patrão. A mesma história de sempre. A história que não acaba nunca. (LLOSA, 2011, p. 156)

O descaso com as crianças e os maus tratos fazem Casement relembrar os vinte anos que passara na África, aproximando, novamente, as duas verdades, pois

em Iquitos ele se depara com a mesma história: desta vez, que há crianças no consulado de Iquitos que trabalham como domésticas. Por esta razão antes de partir para o trabalho de investigação na região de Putumayo, ele conversa com Stirs sobre a compra de crianças indígenas. Casement menciona o padre Urritia e, ao ouvir Casement abordar aquele assunto, Stirs permanece calado e furioso. Entretanto, quando Casement pergunta a Stirs se os criados do consulado também haviam sido pegos no mato como as outras tantas crianças de Iquitos, o cônsul, evasivamente, responde que havia herdado aqueles criados do cônsul anterior. Segundo o narrador, Roger percebe que a fisionomia de Stirs é de hostilidade e, para amenizar a situação, dirige-se a Stirs pedindo desculpas por tê-lo ofendido.

Após acomodar-se em seus aposentos, o personagem volta seu pensamento à discussão que teve com Victor Israel, um comerciante judeu, no navio Huayna. Naquele momento, Israel dissera que Julio C. Arana “estava tirando a Amazônia da selvageria e integrando-a ao mundo moderno” (LLOSA, 2011, p. 180). Israel, ao ser questionado por Casement sobre sua opinião, respondeu: “Eu não sou um selvagem que vive nu, adora a sucuri e afoga no rio os filhos que nascem com lábio leporino” (LLOSA, 2011, p. 181).

Observa-se, deste modo, no discurso de Victor Israel, o menosprezo pelos índios: ao se colocar como pioneiro, comerciante e empresário, ele atribui a si mesmo uma posição como se estivesse acima dos nativos. Diante do posicionamento do comerciante, Casement contrapõe: “Talvez o senhor e eu tenhamos um conceito diferente do que é civilização, meu amigo” (LLOSA, 2011, p.181). Ao ouvir isso, Victor Israel pergunta qual é a ideia de civilização que Roger tem. A concepção de Casement difere da opinião de Israel em relação aos nativos, pois para o protagonista, a idéia de civilização é a de “uma sociedade em que se

respeitam a propriedade privada e a liberdade individual" (LLOSA, 2011, p. 181). Portanto, Roger quer saber toda a verdade para denunciar os culpados. Já o comerciante tem como objetivo os lucros, por isso apoia todo o processo de exploração e a forma como os exploradores atuam, mesmo que isso custe a vida de pessoas inocentes.

Na concepção de Victor Israel, deixar aquela região sob a posse dos nativos seria perpetuar o subdesenvolvimento, pois o critério usado por Casement representaria a manutenção da região em estado primitivo:

> – Por esse critério – afirmou, zombeteiro e ferino –, os peruanos teriam que deixar que a Amazônia continuasse na Idade da Pedra pelos séculos afora. Para não ofender os pagãos nem ocupar estas terras com as quais eles não sabem o que fazer porque são preguiçosos e não querem trabalhar. Desperdiçar uma riqueza que poderia melhorar o nível de vida dos peruanos e fazer do Peru um país moderno. (LLOSA, 2011, p. 182)

Como Casement descobre, em nova revelação da verdade, Victor Israel pensa de forma semelhante àquela do explorador europeu em relação aos nativos africanos, pois vê nos indígenas seres preguiçosos e selvagens. A sociedade moderna que Victor Israel protege está na Amazônia explorando crianças, massacrando, assassinando índios e dilapidando o patrimônio cultural e econômico daqueles que não têm voz e vivem no meio das matas. Israel é uma espécie de Massard amazônico, comparável aos europeus que estavam na África a serviço de Leopoldo II. Como Casement percebe, quando ele interrogou o capitão Massard, no Congo, a impressão que o oficial da Força Pública tinha dos africanos é semelhante a de Victor Israel sobre os índios da Amazônia. Tanto Massard como Victor Israel se beneficiam com aquele sistema de exploração e o assimilaram de tal forma que o mesmo discurso se repete nos dois continentes.

Após o contato com as autoridades de Iquitos, Casement parte, com a Comissão de investigação,no dia 14 de setembro de 1910, rumo ao Putumayo.

## 5.2 A INVESTIGAÇÃO NO PUTUMAYO, O POSICIONAMENTO REVOLUCIONÁRIO E O RELATÓRIO

Durante a viagem, Casement passa boa parte do tempo organizando seus cadernos de anotações e traçando um plano de trabalho para os meses seguintes nas terras de Julio C. Arana.

Mesmo com o pedido do Foreign Office para entrevistar apenas os funcionários barbadenses que trabalham nas estações de coleta de borracha, Casement não segue essas limitações, pois sua investigação ficaria precária se ele não interrogasse os chefes das estações encarregados de vigiar o trabalho dos índios e aplicar os castigos a quem não atingisse as cotas. Dessa forma, seguindo o mesmo modelo do herói menipéico, o protagonista parte para sua aventura investigatória à busca, à provocação e principalmente à experimentação da verdade (BAKHTIN, 2010, p.130) sem imaginar o que o espera. Assim como na África, o personagem vai se deparar com paisagens paradisíacas e andar por lugares no interior das matas onde qualquer imprevisto perigoso pode acontecer.

A comissão chega a La Chorrera ao meio-dia de 22 de setembro. Enquanto os membros da Comissão são cumprimentados por aqueles que vieram recebê-los, Casement, com um ligeiro tremor,

> constatou que um de cada três ou quatro indígenas seminus que carregavam os volumes ou os olhavam com curiosidade da margem, batendo nos braços com as mãos abertas para afugentar os mosquitos, tinham cicatrizes nas costas, nádegas e coxas que só podiam ser de chicotadas. O Congo, sim, o Congo em toda parte. (LLOSA, 2011, p. 185)

Ao observar o cenário e ver que os nativos mostravam em seus corpos as marcas do chicote, imediatamente Casement percebe que a história do Congo se repete mais uma vez naquela localidade. E pior ainda, há um mau cheiro por toda parte que Casement associa à dor, ao sofrimento e ao suor dos trabalhadores:

> O odor impregnava cada centímetro de La Chorrera e iria acompanhá-lo de manhã, de tarde e de noite durante os três meses que a viagem ao Putumayo levou. Roger nunca se acostumou com esse cheiro que o fazia vomitar e lhe dava náuseas, um fedor que parecia vir do ar, da terra dos objetos e dos seres humanos e que, a partir de então, se transformaria para Roger Casement no símbolo da maldade e do sofrimento que o látex suado pelas árvores da Amazônia havia exarcebado de forma vertiginosa. (LLOSA, 2011, p. 186)

Metaforicamente, Casement percebe o cheiro desagradável do látex como um símbolo da desumanidade e sofrimento existentes em La Chorrera: a política de exploração implantada na região assemelha-se às náuseas sentidas por ele. Aquela realidade marcada pelo mau cheiro da borracha, bem como pelos maus tratos sofridos pelos indígenas, causam-lhe mal-estar, concretizando mais uma vez a dolorida descoberta da verdade.

Juan Tizón, um dos principais chefes da Peruvian Amazon Company, havia sido enviado a La Chorrera para acompanhar os trabalhos de investigação. Assim, logo após a chegada, Casement diz a Tizón que começaria o seu trabalho naquela tarde e que conversaria com todos os barbadianos.

Segundo o narrador, embora houvesse cento e noventa e seis barbadianos na região do Putumayo, em La Chorrera só estão seis deles. Apesar de dois se negarem a conversar com Casement, quatro aceitam denunciar as atrocidades cometidas pelos funcionários da Peruvian Amazon Company. O primeiro barbadense a ser ouvido nesse dia foi Donal Francis. Ele está tão desconfiado de Casement que nega todas as acusações, afirmando que todos eles se dão muito bem em La

Chorrera e que nunca houve problemas.

Após o primeiro interrogatório, Casement percebe que os demais seriam inúteis se a comissão não tomasse alguma atitude. As outras entrevistas não foram inúteis após os barbadianos ouvirem de Casement a promessa de que seriam repatriados. Então "soltaram a língua, contando tudo e se culpando com uma veemência às vezes frenética, como se estivessem impacientes para aliviar as consciências" (LLOSA, 2011, p. 187). Eles relatam, assim, o que acontece no Putumayo como se quisessem libertar-se de alguma coisa que os incomoda: A verdade oculta por tanto tempo? O último barbadiano a ser ouvido, Stanley Sealy, ilustra seu depoimento com tantos detalhes que chega a causar angustia e enjoo em Casement, revelando assim, uma vez mais, sua sensibilidade para com o sofrimento do "outro".

O fato de Casement ter garantido aos barbadianos a repatriação para Barbados cria um vínculo entre ele e os ex-funcionários de Arana. Estes sabem que, após a delação, correm risco de morte. A única forma que Casement encontra para ouvir as testemunhas é negociar sua repatriação e segurança.

Após o interrogatório com Sealy, Casement nota que o barbadiano está chorando e então pergunta a ele:

> – Você acredita em Deus? – (...). – É uma pessoa religiosa?
>
> – Acho que sim, acreditava quando era criança – choramingou o mulato, com a voz dilacerada. – Minha madrinha me levava à igreja aos domingos, lá em St. Patrick, a aldeia onde nasci. Agora, não sei.
>
> – Estou perguntando porque falar com Deus pode ajudar. Não digo rezar, mas falar. Tente. Com a mesma franqueza com que falou comigo. Conte o que sente, por que está chorando. Ele pode ajudá-lo mais do que eu, em todo caso. Não sei como fazer isso. Estou tão perturbado quanto você, Stanley. (LLOSA, 2011, p. 188)

Percebe-se que nesse momento Casement, além de apurar os fatos, fica comovido.

Ele sabe que os erros eventualmente cometidos pelo barbadiano aconteceram porque ele fora obrigado a cometê-los. Nesse momento, interrogador e interrogado se deparam com uma situação incomum: Sealy, ao relatar o que os capatazes cometem no Putumayo, reconhece seu erro em ter atuado diretamente nas atrocidades. Por outro lado, Roger reconhece sua própria pequenez ao aconselhar Sealy a colocar suas dores perante Deus. Deste modo. A nova verdade experimentada por ambos os une numa outra situação extraordinária: interrogador e interrogado se identificam no sofrimento dos outros.

Naquela noite, durante o jantar, Casement faz um comentário a respeito das marcas nos corpos dos índios que serviam o jantar para eles:

> – Vi que muitos índios e índias de La Chorrera têm cicatrizes nas costas, nas nádegas e nas coxas. Esta moça, por exemplo. Quantas chicotadas eles recebem, em geral, quando são castigados?
>
> Fez-se um silêncio generalizado, no qual o chiado dos lampiões e o zum-zum dos insetos aumentaram. Todos olharam para Juan Tizón, muito sérios. (LLOSA, 2011, p. 189)

Entretanto, por mais evidências de prática de tortura, Tizón procura esquivar-se da culpa. Ele tenta convencer Casement de que a prática é algo cultural dos "selvagens" e, em outro momento, admite a possibilidade de existir algum capataz que não respeita as ordens da Companhia. Porém Casement, ao ver que Tizón havia enveredado para outro caminho, fala a este que, o que gostaria de saber mesmo é se a Peruvian Amazon Company havia marcado algum índio com faca ou ferro, como se marca animal. Tizón diz não saber o que ele estava querendo dizer. Para contrapor Tizón, Casement responde:

> – Os barbadianos me contaram que muitos indígenas são marcados com as iniciais da companhia: CA, quer dizer, Casa Arana. Como as vacas, os cavalos e os porcos. Para que não fujam nem sejam roubados por seringueiros colombianos.

> Eles mesmos marcaram muitos. A fogo, às vezes, e às vezes a faca. Mas ainda não vi nenhum com essas marcas. O que houve com eles, senhor? (LLOSA, 2011, p.190)

E Tizón responde, indignado “Não lhe permito que fale assim comigo – (...), misturando inglês e espanhol. Eu estou aqui para facilitar o seu trabalho, não para ouvir ironias” (LLOSA, 2011, p.190). Casement pede desculpas e acrescenta: “É que, mesmo tendo testemunhado no Congo crueldades inexprimíveis, nunca vi marcar seres humanos a fogo ou a faca. Tenho certeza de que o senhor não é responsável por essa atrocidade” (LLOSA, 2011, p.190).

A resposta de Casement a Tizón é portadora de certo sarcasmo, pois afirma uma certeza e chama à responsabilidade o empregado, que reage:

> – Claro que não sou responsável por nenhuma atrocidade! – Tizón tornou a levantar a voz, gesticulando. Girava os olhos nas órbitas, fora de si. – Se são cometidas, a culpa não é da Companhia. Não está vendo que lugar é este, senhor Casement? Aqui não há nenhuma autoridade, nem polícia, nem juízes, nem ninguém. As pessoas que trabalham aqui, chefes, capatazes, ajudantes, não são pessoas educadas e sim, em muitos casos, analfabetos, aventureiros, homens rudes, endurecidos pela selva. Ás vezes cometem abusos que horrorizam um civilizado. (LLOSA, 2011, p. 190)

Como a citação revela, Tizón se contradiz abertamente, colocando os capatazes numa posição de vítimas da própria realidade que produziam: os funcionários da Peruvian Amazon Company, na Amazônia sem lei, cometem atrocidades sem remorso algum e desrespeitam os direitos humanos porque precisam lutar por sua sobrevivência. As crueldades no Putumayo atingem um estágio de desumanidade tal que, para os capatazes, matar faz parte do serviço.

Tizón continua se contradizendo em vários momentos da entrevista com Roger e, em determinado momento, admite que Arana tem conhecimento de que

haviam sido cometidos abusos:

> Nós fazemos o possível, acredite. O senhor Arana concorda com vocês. Todos os que tenham cometido abusos vão ser despedidos. Eu não sou cúmplice de nenhuma injustiça, senhor Casement. Tenho um nome respeitável, uma família que significa muito neste país, sou um católico que respeita a religião. (LLOSA, 2011, p. 190)

Casement sabe, entretanto que os barbadianos falam a verdade e que Juan Tizón obedece às ordens de Arana. Como Tizón continua a argumentar,

> Nós devemos trabalhar juntos, colaborar – repetia Tizón, um pouco mais calmo, mexendo muito as mãos. –Tudo o que estiver errado será corrigido. Os funcionários que tiverem cometido atrocidades serão castigados. Dou minha palavra de honra! Só peço que me vejam como um amigo, alguém que está do lado de vocês. (LLOSA, 2011, p. 191)

Percebe-se, nesta resposta, que a Companhia faz a lei naquela região. Tizón não fala em momento algum que denunciaria os funcionários às autoridades, mas afirma que eles seriam castigados.

Casement faz a investigação, portanto, sem desvincular o lado profissional do humano. Verifica que, por um lado, os exploradores, representados pelos chefes da Peruvian Amazon Company, tentam se defender das acusações afirmando que desconhecem os fatos. Do lado oposto, ficam os trabalhadores indígenas que sofrem toda espécie de exploração, trabalho escravo e até mesmo chicotadas por não cumprirem as cotas.

Após o jantar, enquanto espera o sono vir, o protagonista imagina qual poderia ser a reação dos chefes da Peruvian Amazon Company quando tomassem conhecimento do relatório que ele transmitiria ao Governo Britânico:

> O que diriam esses sócios de Julio C. Arana quando lessem, no relatório que ele ia apresentar ao governo, que a empresa que tinham legitimado com seu nome e seu dinheiro praticava a escravidão, conseguia seus seringueiros e criados com as

> “correrias” de bandidos armados que capturavam homens, mulheres e crianças indígenas e os levavam para os seringais, onde os exploravam de forma cruel, pendurando-os no cepo, marcando-os a fogo e faca e chicoteando-os até sangrar se não trouxessem a cota mínima de trinta quilos de borracha a cada três meses. (LLOSA, 2011, p. 192)

Assim, à medida que as investigações avançam, a descoberta da verdade vai se alastrando e Casement visualiza toda a teia de exploração que começa na Europa e se estende pela África e Amazônia. Ele conhece muito bem o círculo atlântico que une os três continentes: a trilha é marcada pela exploração e crueldade. Aquilo que representa progresso ao explorador, pois satisfaz o interesse econômico do mercado e supre a Europa com a matéria-prima para a fabricação de pneus, para o nativo é um verdadeiro apocalipse, um cataclisma que remove o morador e ocupante da floresta de seu estado primitivo e o deixa à mercê do mal. Roger Casement, consequentemente, tem pleno conhecimento de que a Europa é a origem da teia de exploração que se estende desde as colônias mais próximas, como a Irlanda do Norte, e, com mais intensidade, para a África e a Amazônia peruana.

Observa-se, entretanto, que a forma de exploração implantada nas colônias pelo Império possui características bem próprias em cada realidade. Na Irlanda, o Império Britânico mantém a colônia sob seu jugo como forma de mostrar seu poderio sobre o espaço geográfico. No Congo o *modus operandi* do Império é diferente: age na retaguarda, tendo em vista que o governo é o principal beneficiado com a compra da borracha e do marfim, pois é o principal consumidor do que é saqueado do Congo. Na Amazônia, Julio C. Arana é o representante do Império, aquele que leva o progresso e protege aquele espaço dos invasores colombianos.

Naquele mesmo dia, após ouvir os barbadianos, Casement relembra o momento em que estivera nos escritórios da Peruvian Amazon Company em

Londres. Lá viu pessoalmente que a Companhia se apresenta aos cidadãos britânicos de uma maneira diferente:

> Um lugar espetacular, com uma paisagem de Gainsborough nas paredes, secretárias de uniforme, salas atapetadas, sofás de couro para as visitas e um enxame de *clerks*, com suas calças listradas, suas levitas pretas e suas camisas de um alvo colarinho duro e gravatinhas com barbatana, fazendo as contas, mandando e recebendo telegramas, vendendo e cobrando as remessas de borracha com cheiro de talco em todas as cidades industriais da Europa. (LLOSA, 2011, p. 192)

Contrastivamente, os índios na Amazônia, além de não receberem salários da Companhia, sofrem toda espécie de maus tratos e várias etnias estão em processo de extinção: “E no outro extremo do mundo, no Putumayo, huitotos, ocaimas, muinanes, nonuyas, andoques, rezígaros e boras se extinguiam pouco a pouco sem que ninguém mexesse uma palha para mudar esse estado de coisas” (LLOSA, 2011, p. 192).

Casement compara, desta maneira, as duas realidades: a de Londres, onde a empresa está sediada com instalações luxuosas e funcionários respeitados, e a do Putumayo, onde os coletores de borracha são índios recrutados nas correrias e que, quando não conseguiam cumprir as cotas, sofrem toda espécie de tortura. O protagonista sabe que, por mais evoluídas que fossem as leis britânicas, no início do século XX, ali na região amazônica, ele estava diante de outra realidade: além de ser uma região distante do centro de poder, os costumes, a cultura e as tradições são pautadas pelas regras locais.

Portanto, aqueles que participam do processo de exploração e vivem sob a tradição da cultura europeia têm uma visão diferente dos índios que vivem em comunidades no interior da floresta, com regras e costumes próprios. O homem europeu se apresenta nessas comunidades como moderno e civilizado, aquele que

deveria proteger e auxiliar “o selvagem”. No entanto, na Amazônia, o tratamento recebido pelos índios indica que a vida deles vale menos do que uma cota de borracha. Além de não ganharem nada pelo seu trabalho, eles são açoitados, têm seus filhos mortos e as mulheres tomadas pelos exploradores.

A procura de Casement pela verdade continua: após o interrogatório pessoal dos barbadianos ocorre outro interrogatório, com toda a Comissão. Dessa vez, estão presentes três barbadianos e Juan Tizón. Os ex-empregados da Peruvian Amazon Company mantêm a palavra, mas em um momento, Tizón não suporta mais ouvir as declarações e se manifesta:

> Estou tão horrorizado quanto vocês. Fiquei doente com as coisas que ouvimos. É até possível que haja exageros nas denúncias desses barbadianos, que eles queiram agradar vocês. Mas, mesmo assim, não há dúvida, aqui se cometeram crimes intoleráveis, monstruosos, que devem ser denunciados e castigados. (LLOSA, 2011, p. 195)

Mais uma vez, Tizón é coerente com o seu discurso ambíguo. Apresenta-se como defensor do sistema de colonização, mas diz estar horrorizado com as denúncias e se compromete a punir os culpados pelas atrocidades que haviam sido cometidas. Ele não parece mais ser um alto funcionário da Peruvian Amazon Company. Comporta-se como alguém incorporado à Comissão e, a cada dia, alerta-os para tomarem precauções quanto à segurança pessoal.

Após o interrogatório com todos os membros da Comissão, no dia 28 de setembro Casement e os demais integrantes saem de La Chorrera rumo a outro acampamento, o Ocidente. Ao chegarem ao local, os membros da comitiva são recebidos por Fidel Velardes. Roger fica impressionado com o aparato de segurança da estação e pergunta a Tizón se eles esperam por um ataque indígena. Tizón responde: “Dos índios, não. Se bem que nunca se sabe se não aparecer um outro

Katenere algum dia. Mas dos colombianos, que cobiçam estes territórios" (LLOSA, 2011, p. 197).

Observa-se pela fala de Tizón que a atitude do índio Katenere havia se tornado um exemplo de resistência daqueles que não têm voz. Os personagens envolvidos no processo de exploração não estão preocupados com uma possível resistência de algum índio, mas vivem em alerta a um possível ataque dos colombianos que lutavam para conquistar mais território naquela região, o que demonstra, mais uma vez, a completa submissão dos índios aos exploradores peruanos.

Segundo a narrativa, Velarde avisa a comitiva que à tarde os índios ofereceriam uma festa aos forasteiros. A intenção do funcionário é mostrar aos membros da Comissão de investigação que a relação dos chefes da Peruvian Amazon Company com os índios é pacífica. O momento tem tonalidade folclórica: a festa que os índios oferecem é uma cortesia para dar as boas vindas aos membros da Comissão, um momento de festividade para impressionar as autoridades do Governo Britânico e os comissionados da Peruvian Amazon Company, enviados de Londres.

Todavia, a fisionomia dos índios durante a apresentação de danças e cantos demonstra o descontentamento deles com a situação em que viviam e Casement também já antevê o que eles presenciariam naquela tarde em Ocidente. Ao observar atentamente os gestos e as feições dos índios envolvidos nas apresentações, ele confirma o que já imaginara: as cicatrizes nos corpos e nas faces dos homens é o que mais impressiona os membros da Comissão. As marcas expostas nos corpos dos índios confirmam que ali os direitos humanos não eram respeitados e a fisionomia dos nativos durante a dança denuncia a deprimente situação em que se

encontram:

> As filas de dançarinos usavam chocalhos de sementes nos tornozelos e nos braços, que percutiam com os pulinhos arrítmicos que davam. Ao mesmo tempo cantarolavam umas melodias monótonas, com um laivo de amargura que combinava com seus semblantes sérios, ásperos, medrosos ou indiferentes. (LLOSA, 2011, p. 198)

O semblante dos índios não combina com a festa que os seringueiros oferecem aos forasteiros, pois há amargura nos cantos dos nativos. Casement percebe que aquela manifestação é, em si mesma, uma denúncia da vida que os índios levam por ordem do explorador.

Após a apresentação, Roger Casement discute com os demais membros da comissão sobre a porcentagem de crianças, velhos e mulheres que estão marcados pela tortura. Todos se comprometem, consequentemente, em observar como atua o sistema de exploração na região do Putumayo. Assim, na manhã seguinte, em um determinado momento das investigações, ao visitarem um depósito de borracha, os comissionados descobrem que as balanças haviam sido adulteradas com dez quilos a menos. O protagonista conclui que a atitude de adulterar a balança é um forte indício de irregularidade: os chefes das estações estão, definitivamente, roubando os nativos.

Uma das coisas que impressiona o protagonista é o cepo. Em Ocidente, esse instrumento ficava no centro do depósito de borracha. Casement pede, então, aos demais membros da Comissão para que o ajudem a entrar nele e “quando saiu, antes de recuperar os movimentos, teve que se apoiar por um bom tempo no ombro de Louis Barnes” (LLOSA, 2011, p. 199), este fato demonstra que, mesmo havendo permanecido pouco tempo dentro da ferramenta de tortura, foi o suficiente para perturbá-lo. Naquela noite, pergunta ao chefe da estação sobre o tipo de delito que

um índio deveria cometer para ser mandado ao cepo. E Fidel Velarde diz:

> – Quando eles cometem erros muito graves – explicou, remanchando em cada frase. – Quando matam os filhos, desfiguram as mulheres numa bebedeira ou roubam e não querem confessar onde esconderam o que roubaram. Não usamos o cepo com muita frequência. Só raramente. Os índios daqui se comportam bem, de modo geral. (LLOSA, 2011, p. 199-200)

Observa-se que Velarde se posiciona de forma a proteger a empresa. Ele mente ao dizer que os índios daquela localidade são “bem comportados”, pois as marcas nos seus corpos, vistas pelos membros da comissão durante a dança, denunciam a forma como os nativos são tratados pelos prepostos da Peruvian Amazon Company. Deste modo, Casement e seus companheiros penetram cada vez mais no inferno amazônico.

Outra situação que impressiona Casement é a frieza dos prepostos da companhia, Fidel Velarde e Alfredo Mont, que fazem apostas para cortar a orelha dos índios de forma rápida e fácil:

> Pouco depois, um dos cinco barbadianos de Ocidente declarou à comissão que tinha visto, numa noite de bebedeira, Fidel Velarde e Alfredo Montt, na época chefe da estação Último Retiro, apostarem quem cortava mais rápida e certeiramente a orelha de um huitoto preso no cepo. Velarde conseguiu desorelhar o indígena com um só corte de facão, mas Montt, que estava embriagado e com as mãos trêmulas, em vez de arrancar a outra orelha desceu a lâmina no meio do crânio do índio. (LLOSA, 2011, p. 200)

Aquela barbárie é, para os chefes das estações de coletas de borracha, um divertimento. O barbarismo, naquela estação, havia se tornado corriqueiro.

A reação de Seymour Bell ao final dessa sessão de perguntas foi tão grande que propôs aos colegas retornarem à Inglaterra. É nesse instante que Casement, após perceber o desconforto dele, posiciona-se como o líder do grupo e apresenta o motivo para continuar as investigações até apurar e descobrir os

responsáveis pelas atrocidades que estavam sendo cometidas:

> Lembrou que todos aqueles crimes eram cometidos por uma companhia britânica, em cuja Diretoria figuravam respeitadíssimas personalidades inglesas, e que os acionistas da Peruvian Amazon Company estavam enchendo os bolsos com tudo aquilo que estava acontecendo aqui. Era necessário acabar com esse escândalo e punir os culpados. E para isso o relatório tinha que ser exaustivo e contundente. Esses argumentos convenceram os outros, inclusive o abatido Seymour Bell. (LLOSA, 2011, p. 200)

Para superar o choque causado pelas atitudes de Fidel Velarde e Alfredo Montt, os membros da comissão resolvem tirar um dia de folga. Nesse dia eles tiveram a oportunidade de apreciar as belezas existentes no Putumayo:

> Casement e seus companheiros ficaram maravilhados com a variedade, o tamanho e a beleza das borboletas que voavam pelas cercanias do rio. Havia de todas as formas e cores, e os seus adejos graciosos e as manchas de luz que emitiam quando pousavam em alguma folha ou planta pareciam deslumbrar o ar com notas de delicadeza, um desagravo contra a feiúra moral que eles descobriam a cada passo, como se nesta terra desgraçada não houvesse fundo para a maldade, a cobiça e a dor. (LLOSA, 2011, p. 201)

Todas as belezas que apreciaram faziam parte do mesmo cenário: ao lado de tanta maldade, ainda havia espaço para o belo. Era como se as borboletas estivessem ali, naquele instante ínfimo, para transmitir um momento de paz aos comissionados. Este cenário idílico também demonstra que, se findar a cobiça, e a violência, a tranqüilidade e a beleza estarão ao alcance de todos, para serem admiradas e vividas.

Em Ocidente Casement confirma tudo o que ouvira e presenciara em La Chorrera: as duas localidades eram extensões de crueldade e a mesma história se repetia. Casement tem em Ocidente, portanto, a compreensão do que é o sistema de exploração e como funciona a companhia britânica no interior da floresta. Imagina ainda como deveria ter sido aquela região num período anterior: “Talvez no começo

houvesse algum tipo de acordo entre os seringalistas e as tribos". Entretanto, "isso já era história porque, agora, os índios não queriam ir para a selva apanhar borracha. Por isso, tudo começava com as "correrias" perpetradas pelos chefes e os seus "rapazes". Depois não se pagavam salários, os índios não ganhavam um centavo" (LLOSA, 2011, p. 201).

Durante os períodos de folga e à noite, já na estação Último Retiro, Casement procura elaborar mentalmente o Relatório que entregaria ao governo britânico sobre os acontecimentos de Putumayo:

> Ele tinha que descrever com clareza o sistema de exploração da borracha baseado no trabalho escravo e nos maus-tratos aos indígenas causados pela cobiça dos chefes, que, como trabalhavam por uma porcentagem de borracha recolhida, lançavam mão de castigos físicos, mutilações e assassinatos para aumentar a produção. (LLOSA, 2011, p. 205)

Casement não quer apenas descrever os atos de violência praticados pelos chefes e prepostos da Peruvian Amazon Company em seu relatório, mas coletar com cuidado todas as informações possíveis para punir os culpados pelos crimes que cometeram. Entretanto, por um momento, Casement se questiona se aquele relatório serviria para alguma coisa. Após ter coletado informações sobre a existência de abusos cometidos contra os nativos, o protagonista faz uma prévia daquilo que poderia acontecer após as autoridades britânicas tomarem conhecimento do seu relatório, demonstrando com clareza sua maturidade intelectual ao analisar em profundidade que consequências poderiam advir da ação do Governo britânico e da falta de ação do Governo peruano:

> Serviria para alguma coisa o seu relatório? Pelo menos para que a Peruvian Amazon Company fosse punida, sem dúvida. O governo britânico pediria às autoridades peruanas que entregassem os responsáveis pelos crimes à justiça. O presidente Augusto B. Leguia teria coragem de fazer isso? […], O que o governo

> peruano podia fazer no Putumayo, onde não tinha um único representante e onde a companhia de Julio C. Arana se jactava, com toda a razão, de ser ela, com seus bandos de assassinos, que garantia a soberania do Peru sobre estas terras? Tudo ficaria em algumas insolências retóricas. (LLOSA, 2011, p. 205-206)

Entretanto, pelo espaço de tempo em que Casement permanece no Putumayo, ele sabe que a presença da Peruvian Amazon Company representa a segurança da soberania peruana naquela região. Ele antevê que os nativos estão condenados à extinção. Sua percepção da realidade recebe um novo choque ao chegar à estação de Entre Rios e tomar conhecimento de que o chefe daquela estação era descendente de irlandeses, pois fica entristecido por ter encontrado um conterrâneo seu servindo à Casa Arana, e, portanto, contra os ideais humanitários.

Mas é no dia 16 de outubro, quando Casement escreve em seu diário "Cheguei à convicção absoluta de que a única maneira que os indígenas do Putumayo têm de sair da condição miserável a que foram reduzidos é pegando em armas contra os seus amos" (LLOSA, 2011, p. 208), que ele deixa transparecer sua extrema indignação em relação ao sistema implantado ali no Putumayo pela companhia inglesa, com o aval das autoridades peruanas. Ao propor as armas como única alternativa dos nativos, ele tem a certeza de que todos os outros meios seriam ineficientes, considerando-se o nível de violência da região e a conivência do sistema. Como comenta Fanon (2010), ao tratar da violência:

> Não se desorganiza uma sociedade, por mais primitiva, com um tal programa, se não se decide, desde o início, isto é, desde a própria formulação desse programa, derrubar todos os obstáculos que encontrarem pelo caminho. O colonizado que decide realizar esse programa, que decide fazer-se o seu motor, está preparado desde sempre para a violência. Desde o nascimento, está claro para ele que esse mundo encolhido, semeado de interdições, só pode ser questionado pela violência absoluta. (2010, p. 53)

Ao indicar a organização armada, Casement assume, pela primeira vez, a

postura de um revolucionário. Até esse momento, Casement havia sido um defensor dos direitos humanos. Porém, com a sugestão da luta armada, ele revela estar completamente desiludido com a possibilidade de resolver os problemas dos índios de modo pacífico. Ele não consegue vislumbrar uma mudança no sistema opressor. Ao sugerir a luta armada, estamos diante de uma antecipação daquilo que seria mais tarde a luta de Casement pela independência da Irlanda. Esta ideia será aprimorada quando Casement fizer uma comparação entre a situação dos irlandeses e a dos índios. Seu posicionamento é o de que a liberdade de cada uma das etnias dependeria da luta de cada um. O ato não poderia ser individual, evidentemente. Como Casement continua suas reflexões, agora comparando os irlandeses com os indígenas,

> Nós, irlandeses, somos como os huitotos, os boras, os andoques e os muinanes do Putumayo. Colonizados, explorados e condenados a ficar assim para sempre se continuarmos confiando nas leis, nas instituições e nos governos da Inglaterra para alcançar a liberdade. Eles nunca a darão. Por que o império que nos coloniza faria isso sem uma pressão irresistível que o force? Essa pressão só pode vir das armas.em seguida. (LLOSA, 2011, p. 208-209)

Deste modo, Casement coloca os irlandeses em igualdade com as demais etnias colonizadas. Nesse momento, ele assume um posicionamento político de oposição aos exploradores para, em seguida, propor como medida de defesa da dignidade a luta armada. Assim, ensaia os primeiros passos para sua futura participação ativa na libertação da Irlanda.

Em sua primeira noite em Matanzas, Casement não consegue dormir tranquilo: seu passado na Irlanda insiste em tomar-lhe a memória. É como se algo o chamasse para lá. Quanto mais se aproxima o dia de concluir seu trabalho no Putumayo, mais cresce sua ansiedade e seu desejo de voltar para a Irlanda e

retomar a militância política:

> Durante a noite Roger acordou várias vezes, angustiado, pensando na Irlanda. Sentia saudades do seu país. Havia morado tão pouco tempo lá e, no entanto, sentia-se cada vez mais solidário com o destino e os sofrimentos dele. Desde em que viu de perto a via-crúcis de outros povos colonizados, a situação da Irlanda começou a lhe doer como nunca havia doído antes. (LLOSA, 2011, p. 210)

Na manhã seguinte, quando Casement se encontra com o encarregado Armando Normand, instala-se a tensão. Ao ouvir Casement falar que ele e os membros da Comissão haviam ficado impressionados pela forma como os índios eram maltratados nos domínios de uma companhia britânica, Normand responde que eles pensam dessa forma porque não moram ali. Ao ouvir essas palavras, Casement, furioso, exclama: “Eu morei vinte anos na África e não virei um monstro (...). Que é exatamente o que o senhor se tornou, senhor Normand. Sua fama nos acompanhou ao longo de toda viagem. Os horrores que se contam do senhor no Putumayo superam tudo o que é imaginável. Sabia?” (LLOSA, 2011, p. 211).

Sua coragem em acusar Normand demonstra, mais uma vez, o quanto havia mudado: de pacifista a ativista político, que não acredita mais em palavras diplomáticas, mas em ação. Sua antipatia em relação à Normand durante seu diálogo era tão significativa que ele prefere deixar aos outros membros da Comissão continuar a interrogá-lo.

Casement, certamente, havia chegado ao limite de suas forças. Depois de tanta convivência com a barbárie, chega a imaginar que poderia desenvolver problemas mentais. A certeza de Casement é de que, a partir de todas aquelas experiências, sua vida de agora em diante seria completamente diferente:

> Estava cansado e farto. [...] Ficava prostrado ao pensar que na civilizada Inglaterra poucos acreditariam que os “brancos” e “mestiços” do Putumayo podiam chegar a tais extremos de ferocidade. Mais uma vez seria acusado de exagero e preconceito,

> de agigantar os abusos para dar mais dramaticidade ao seu relatório. Mas não ficava nesse estado só pelos maus-tratos iníquos aos índios. Mas também por saber que, depois de ver, ouvir e testemunhar as coisas que aconteciam aqui, nunca mais voltaria a ter a visão otimista da vida que tinha em sua juventude. (LLOSA, 2011, p. 212)

É a verdade completa que é revelada ao herói. É a descoberta do "outro" em si mesmo, como explica Todorov: os ingleses não acreditando na selvageria dos brancos no Putumayo ou não querendo acreditar porque isso contrariava seus interesses econômicos, e, por outro lado, ele próprio desiludido com os ideais imperialistas da sua juventude.

Consequentemente, ao condenar os maus tratos contra os nativos, o personagem começa alimentar em sua mente o desejo de voltar para a Irlanda. Assim,

> Quando soube de uma expedição de carregadores ia sair de Matanzas levando a borracha recolhida nos últimos três meses para a estação de Entre Ríos e de lá para Puerto Peruano, onde seria embarcada para o estrangeiro, avisou aos seus companheiros que iria com ela. A comissão podia ficar aqui até terminar a inspeção e as entrevistas. (LLOSA, 2011, p. 212)

Com essa decisão, o problema do Putumayo deveria ser resolvido pelos próprios nativos. Casement age como Pilatos, lava as mãos, já com relação à Irlanda, o personagem mantém o sentimento de ajudar seus compatriotas a tirarem o país da submissão.

A viagem de Casement de Matanzas a Entre Ríos, pelo interior da selva, a caminho de volta à Inglaterra, foi a que mais lhe chamou a atenção dentre as expedições pela floresta amazônica em que participou a fim de comprovar as denúncias de maus tratos contra os índios. Como comenta o narrador,

> A viagem a pé, através da selva, de Matanzas a Entre Rios, acompanhando os oitenta indígenas – borás, andoques e muinanes – que transportavam nos ombros

> a borracha reunida pelos homens de Armando Normand seria uma das lembranças mais pavorosas da primeira viagem de Roger Casement ao Peru. Não era Normand que estava no comando da expedição e sim Negretti, um dos seus lugares-tenentes, um mestiço achinesado, com dentes de ouro, que vivia cavucando a boca com um palito e cuja voz retumbante fazia tremer, pular, correr, com os rostos desfigurados de medo, aquele exército de esqueletos com chagas, marcados e cheios de cicatrizes, entre os quais muitas mulheres e crianças, algumas de pouca idade, da expedição. (LLOSA, 2011, p. 213)

Neste momento, o protagonista vive pessoalmente a experiência de acompanhar os nativos a serviço de Armando Normand ao longo da mata. Casement fica impressionado com os corpos esqueléticos dos indígenas a serviço da Casa Arana a ponto de classificar aquela imagem como uma das piores lembranças do Putumayo. Mais uma vez ele vive um deslocamento, um entre-lugar: o da melhor e o da pior lembrança, ambas no interior da mata. A melhor lembrança seria o contato com as aves e as borboletas na selva ao passo que a pior seria a visão dos índios sendo tratados de forma desumana.

Finalizando esse círculo que marca a jornada de Casement pelo mundo atlântico, percebemos que ele havia mergulhado tanto no "inferno de Dante" na África quanto penetrado no "paraíso do Diabo" na região amazônica. Suas investigações à procura da verdade em ambos os continentes, revelados tanto em seu "Relatório sobre o Congo", como em seu "Relatório sobre o Putumayo"[10], reafirmam sua mudança de conservador a revolucionário pois, em consequência das atrocidades cometidas contra os negros e os índios, Casement concebe a ideia da luta armada em favor da libertação da Irlanda, assunto que será tratado a seguir.

---

**10** De acordo com Angus Mitchell, após a morte de Roger Casement, na região do Putumayo, missionários irlandeses lutaram até o ano de 1917 para garantir segurança e proteção aos índios, mas com as atenções voltadas para a primeira guerra mundial, as tensões na região foram acalmadas. Julio C. Arana saiu do Putumayo e morreu no anonimato em Lima, em 1952 (MITCHELL, 2011, p. 51).

## 6 ROGER CASEMENT NA PRISÃO DE PENTONVILLE

Neste capítulo abordaremos o personagem na prisão de Pentonville, encarcerado por ter sido considerado um traidor da Grã-Bretanha por haver pedido ajuda do governo alemão e ter conspirado contra o Império na luta pela independência da Irlanda. Como já mencionado, a confinação de Casement à prisão está desenvolvida nos capítulos ímpares do romance.

Ao lermos o primeiro parágrafo do capítulo 1, não temos ainda a informação nem o motivo pelo qual Casement está preso. Mas o leitor supõe que o xerife deva ter algum motivo para desejar que o pedido de clemência do personagem não seja aceito:

> Quando abriram a porta da cela, junto com o jato de luz e um golpe de vento também entrou o barulho da rua, que as paredes de pedra abafavam, e Roger acordou, assustado. Piscando, ainda confuso, tentando se acalmar, viu, encostada no vão da porta, a silhueta do xerife. O rosto flácido, com um bigode louro e olhinhos maledicentes, o observava com uma antipatia que nunca tentou disfarçar. Eis uma pessoa que ia sofrer se o governo inglês lhe concedesse o pedido de clemência. (LLOSA, 2011, p. 13)

A abertura da cela é o início da narrativa, momento que marca as primeiras ações do personagem que até então dormia. Por um instante ele fica deslocado, perdido, mas após se refazer e entender o que estava acontecendo, observa que em pé, no vão da porta, está o xerife “com sua cara flácida, de bigodes vermelhos e olhos maledicentes” (LLOSA, 2011, p.13).

Após se refazer do mal-estar causado pela presença do xerife e do que este diz – que ficaria feliz se o governo inglês não concedesse a ele o pedido de clemência – é encaminhado ao local de visitas. Ao entrar no estreito locutório, percebe que quem o espera não é seu advogado e sim um assistente. O fato de ter sido ignorado por seu advogado ao ter mandado um ajudante para cuidar do caso o

deixam intrigado e preocupado por ter que ouvir e dar satisfação a um assistente de Gavan Duffy. Além disso, Casement percebe que o jovem o encara friamente e que há raiva e nojo na fisionomia dele, a ponto de Casement dizer a si mesmo: “Ele olha para mim como se eu fosse um inseto” (LLOSA, 2011, p. 14).

Outra situação que o incomoda é que, no pequeno locutório, estão presentes o xerife e o guarda escutando tudo o que ele e o assistente falavam. O personagem desconhece o tipo de tratamento que era dado aos prisioneiros e sente-se constrangido por estar em companhia de policiais enquanto trata de assuntos pessoais.

Ao conversar com o assistente, Casement faz algumas previsões e nutre ainda a ideia de que os alemães libertariam tanto a ele como aos presos sobreviventes do Levante. Ele pensa na possibilidade de a Alemanha atacar a Inglaterra e a Irlanda conseguir a sua independência. Casement não perde o ânimo e acredita na realização de seu sonho. Distante das informações, fica imaginando situações que poderiam mudar o rumo da história:

> E se finalmente o Almirantado alemão tiver decidido atacar a Grã Bretanha a partir do litoral da Irlanda? E se a sonhada invasão ocorreu e neste mesmo momento os canhões do Kaiser estavam vingando os patriotas irlandeses fuzilados pelos ingleses no Levante da Semana Santa? Se a guerra tinha tomado esse rumo, os planos estavam se realizando, apesar de tudo. (LLOSA, 2011, p. 14)

Com a informação do assistente de que estava mais difícil ganhar a causa, Casement, sem notícias, preocupa-se com o que havia acontecido, pois Gavan Duffy estava otimista em relação à petição. À pergunta de Casement “ O que aconteceu para que ele mudasse de opinião?” (LLOSA, 2011, P. 14), O ajudante respondeu que os diários – os “Black Diaries” de Casement , como foram chamados – haviam sido encontrados pela Scotland Yard. Como explica Angus Mitchell: “O que

determinou o seu destino foi a conveniente descoberta pelas agências de inteligência britânica de um conjunto de diários revelando Casement como sendo homossexual e "viciado nas mais grosseiras práticas sodomitas" (MITCHELL, 2011, p. 49). Ao pronunciar essas palavras, o assistente esperou por uma resposta de Casement, que permaneceu, por um longo tempo, em silêncio. O jovem, então, o questiona como ele poderia ter sido tão insensato de não ter tomado as devidas precauções em relação aos diários antes de começar a conspirar contra o Império Britânico? (LLOSA, 2011, p.15).

Diante disso, Casement sente a mesma sensação vivida na manhã de abril de 1916, quando fora preso. Em sua memória tinha o sentimento de que não era dele que estavam falando, ele não se via naquelas acusações, era com outro que ocorriam essas coisas. O protagonista se vê, portanto, num entre-lugar diante daquilo que ouvira do assistente, pois para ele aquilo não fazia parte da sua história. O entre-lugar vivido por Casement nesse momento da narrativa é o do "eu" e do "outro", do Casement educado e defensor dos direitos humanos – que estava preso por se opor ao sistema colonialista – e o Casement que a imprensa pública e acusa de traidor, pedófilo e homossexual.

Ao voltar para a cela, o trajeto lhe parece interminável. Casement tem a sensação de que a qualquer momento poderia tropeçar e não se levantar mais. E relembra o dia em que o trouxeram para Pentonville e do que o xerife havia comentado das pessoas que ocuparam aquela cela anteriormente: todos, sem exceção, tinham ido para o patíbulo.

No episódio seguinte na prisão, o personagem recorda que ele próprio sempre fora partidário da pena de morte, como publicado em seu "Relatório sobre o Putumayo": "Se pelo menos conseguíssemos que ele [Julio C. Arana] fosse

enforcado por esses crimes atrozes, seria o princípio do fim desse martírio interminável e da perseguição infernal contra os infortunados indígenas" (LLOSA, 2011, p. 25). Agora, no momento delicado em que se encontra, imagina que não diria a mesma coisa, pelo contrário; e a infância vem à sua lembrança, ao rememorar que, quando era pequeno, sentia um mal-estar quando entrava numa casa e descobria a existência de um aviário: "Os canários, pintassilgos ou papagaios engaiolados sempre lhe pareciam vítimas de uma crueldade inútil" (LLOSA, 2011, p. 25).

Deste modo, ao rememorar os acontecimentos na Amazônia, Casement transporta-se do mundo da prisão que o cerca e o mantém prisioneiro para o espaço onde vivia em liberdade, afastando-se mentalmente do lugar que o limita fisicamente para mergulhar nos fatos passados.

No capítulo 3, ao abrir novamente a cela para anunciar visita, o xerife, conta a Casement, de forma irônica, que este estava nos jornais, não como traidor da pátria, mas como pervertido:

> Visita – (...) Hoje o senhor está na imprensa de novo, senhor Casement. E não por ser traidor à pátria...
>
> – Minha pátria é a Irlanda – interrompeu Roger.
>
> – e sim pelas suas nojeiras – o xerife estalava a língua como se fosse cuspir. – Traidor e perverso ao mesmo tempo. Que porcaria! Vai ser um prazer vê-lo dançar na ponta de uma corda, ex-sir Roger. (LLOSA, 2011, p. 25)

Ao dirigir-se ao prisioneiro de forma agressiva, o xerife de Pentonville assume a posição de defensor do Império Britânico, pois, sem ter participado da repressão ao Levante, manifesta-se como se dele tivesse feito parte: "esmagamos o covarde Levante da Semana Santa em Dublin" (LLOSA, 2011, p. 25). Casement representa assim metonimicamente a Irlanda colonizada, impotente, aprisionada, à mercê da

boa vontade de quem detém o poder, como aquele que fora aprisionado pelo Império por ter se rebelado contra o mesmo[11].

Casement não é, portanto um prisioneiro comum. Além de ter sido cônsul da Grã- Bretanha, como cidadão britânico, simultaneamente ele é um irlandês que se manifesta contra o jugo do Império. Este, em sua posição de colonizador e detentor do domínio daquela colônia, quer fazer valer não apenas sua autoridade, mas também o seu poder. Por isso, numa atitude exemplar, mantém aprisionado um dos mentores intelectuais do Levante para reafirmar a sua autoridade, sua força, sua posição de colonizador. O fato do xerife mencionar sua perversão apenas aumenta o asco que essa revelação nos jornais provocou no mesmo em relação ao prisioneiro.

Ao ser conduzido até o locutório, para receber a visita que o aguardava, Casement pensa encontrar o capelão da prisão, mas vê sua prima Gertrude, Gee. A visita da prima querida aumenta ainda mais a dor do personagem, pois Casement soube ter sido ele o motivo da expulsão dela da escola em que havia sido vice-diretora e pede desculpas: "– Gavan Duffy me contou que você foi expulsa do colégio de Queen Anne's – desculpou-se Roger. – Sei que foi por minha culpa. Perdoe-me, querida Gee. Magoar você é a última coisa que quero fazer" (LLOSA, 2011, p. 26-27).

A prisão de Casement envolve, assim, amigos e parentes. Por ser um homem público, sua dor ultrapassa a individual: além de viver a sua própria dor por estar preso, socializa-a com aqueles que fazem parte do seu círculo de amizade. Além disso, ele compartilha seu sonho de liberdade com todo o Império Britânico,

[11]O jornal *O Estadão,* por ocasião da comemoração dos 90 anos do Levante da Páscoa pelos irlandeses em 16/04/2006, dá uma breve definição do que representou o Levante: "A rebelião fracassada contra as autoridades do Reino Unido ocorreu na Páscoa de 1916. O Levante, que levou à proclamação da República da Irlanda, foi a mais contundente tentativa de tomar o controle do território por parte dos republicanos e conquistar a independência" (16/04/2006).

pois o fato de o ex-cônsul ter sido condecorado pelo rei George V pelos bons serviços prestados ao Império no trabalho de investigação no Congo e, posteriormente, ter recebido o título de “Sir” pela investigação realizada na Amazônia tornou Roger Casement uma pessoa pública, conhecida, respeitada e com força política tanto na Inglaterra como na Irlanda.

Roger também vê, no locutório, que a sua prima está diferente: sua fisionomia demonstra que ela estava abatida. Ele sente o drama que ela está vivendo devido à sua prisão à eventual sentença de morte, e às notícias do jornal pois seu tom de voz indicava seu sofrimento:

> Falava de forma tão tensa, com uma voz tão alquebrada, que Roger sentiu pena dela, de todos os amigos que, como Gee, nessa época sofriam a mesma angústia e a mesma incerteza. Quis perguntar a ela sobre os ataques dos jornais que o carcereiro tinha mencionado, mas se conteve. O presidente dos Estados Unidos ia interceder por ele? Deviam ser iniciativas de John Devoy e os outros amigos do Clan na Gael. Se o fizesse, seu gesto teria efeito. Ainda restava uma possibilidade de que o gabinete comutasse sua pena. (LLOSA, 2011, p. 26)

O personagem tenta deste modo organizar seu futuro, criando mentalmente uma possibilidade para a comutação de sua pena, apoiando-se na influência de sua fama alcançada no trabalho como cônsul da Grã-Bretanha.

Em seu encontro com Gee, Casement também relembra que, desde jovem, talvez pela sua educação puritana, evitava se emocionar. Mas, em virtude dos últimos acontecimentos, como a morte por fuzilamento de vários amigos irlandeses, a infrutífera investida armada dos voluntários no Levante da Semana Santa e sua prisão e condenação à morte, incorre agora nessas fraquezas: “Ficou em silêncio. Não queria que a prima notasse que ele também estava prestes a chorar” (LLOSA, 2011, p. 28).

O protagonista fica novamente deslocado ao ser questionado por Gee sobre

o que os jornais noticiam: “Todas essas coisas horríveis que os jornais estão dizendo são calúnias, mentiras abjetas. Não é mesmo Roger?” (LLOSA, 2011, p. 29). Casement responde que não tem do que se envergonhar, pois o que noticiam na imprensa são calúnias. Observa-se assim que, de ambos os lados, havia certa desconfiança: por parte de Casement, ao sentir que a prima está duvidando dele e, por parte de Gee, ao achar que Casement esconde alguma coisa dela. Cria-se, neste momento, um novo entre-lugar, o da confiança e a desconfiança entre membros da família, uma situação que vai portanto além de um lugar geográfico, pois envolve a afinidade, amizade e o parentesco. É um entre-lugar metafórico, gerador de uma situação constrangedora que envolve, igualmente, vergonha e decepção.

Ao despedir-se da prima, Casement volta para a cela com os olhos cheios de lágrimas: “Vê-la sofrer assim, hesitar assim significava que, pelo menos para ela, sua pessoa e sua vida eram preciosas. Não estava tão sozinho, então, como se sentia” (LLOSA, 2011, p. 29). Revela, assim, a importância que o apoio e o afeto da prima representavam para ele.

O quinto capítulo é o momento em que a amiga e historiadora Alice Stopford Green visita Casement na prisão. Alice é outra personagem que sofre com a detenção de Casement, pois é uma das pessoas amigas que acompanham o pedido de comutação da pena. Ela é também bastante influente e havia entrado em contato com várias personalidades para que pressionassem o Governo Britânico a retroceder no processo de condenação de Casement:

> – O gabinete se reúne quinta-feira – disse ela. – Sei de boa fonte que essa questão é a primeira da agenda. Estamos fazendo o possível e até o impossível, Roger. A petição já tem quase cinquenta assinaturas, todas de gente importante. Cientistas, artistas, escritores, políticos. John Devoy nos garantiu que a qualquer momento deve chegar um telegrama ao governo inglês do presidente dos Estados Unidos.

> Todos os amigos se mobilizam para interromper, enfim, quer dizer, para rebater essa campanha indigna na imprensa. Você está a par, não é? (LLOSA, 2011, p. 59-60)

Casement, em um gesto de contrariedade, responde que está apenas "vagamente" a par, pois as notícias de fora não chegam até ele e a única pessoa com quem ele conversa é o xerife, que só aparece para insultá-lo. O protagonista também se recorda, com preocupação, de todas as pessoas que foram presas e mortas durante o Levante. Porém, ao invés de continuar reavivando sua dor, Roger fala a Alice que uma das razões de ele querer a comutação da pena é aprender gaélico. Se não fosse condenado à morte, mergulharia no estudo da língua dos antigos irlandeses. O encontro entre Roger e Alice é, assim, a demonstração de que há uma forte amizade entre ambos e que eles são cúmplices no desejo de construção de uma Irlanda independente. Na continuação de sua conversa com Alice, Roger vive outro entre-lugar – o da confiança e da decepçãp com os amigos – quando pergunta a ela a respeito de Joseph Conrad e se este havia assinado o apoio ao seu pedido de clemência:

> – Há uma pergunta que eu quis fazer ontem a Gee, mas não tive coragem – disse Roger. – Conrad assinou a petição? Nem o meu advogado nem Gee mencionaram o nome dele.
>
> Alice negou com a cabeça.
>
> – Eu mesma lhe escrevi, pedindo a assinatura – acrescentou, desgostosa. – Os motivos que ele alegou eram confusos. Ele sempre foi escorregadio em matéria de política. (LLOSA, 2011, p. 62)

Ao saber que Conrad não assinara o pedido de clemência, Casement fica abatido e a ausência dessa assinatura o deixa atormentado tanto quanto ao saber, através de seu advogado Gavan Duffy, que seu amigo Edmund D. Morel também não quis assinar o pedido alegando "razões de lealdade patriótica em tempos de guerra"

(LLOSA, 2011, p. 62). A decepção se instala, portanto, talvez por Roger ter confiado demais em Conrad e Morel. Contudo, Alice tenta animar Casement:

> – O fato de Conrad não ter assinado não muda muito as coisas – disse a historiadora. – A influência política dele no governo de Asquith é nula.
>
> – Não, claro que não – assentiu Roger.
>
> Entretanto, com Roger continua pensando,
>
> Talvez não tivesse importância para o sucesso ou o fracasso da petição, mas, para ele, no íntimo, tinha. Seria bom poder lembrar, nas crises de desesperança que enfrentava em sua cela, que uma pessoa daquele prestígio, admirada por tanta gente – inclusive por ele –, o apoiava naquele momento e, com sua assinatura, lhe enviava uma mensagem de compreensão e amizade. (LLOSA 2011, p. 62-63)

A falta da assinatura de Conrad no pedido de clemência aparentemente não importa, mas interiormente Casement sente a falta de apoio daquele que um dia havia sido seu amigo, fato que contribuiu para o isolamento emocional e moral do protagonista.

Já no sétimo capítulo, após a visita de Father Carey, capelão das prisões de Londres, e de rezar com ele, o protagonista recorda a imagem da mãe e se pergunta como sua vida teria sido se ela não tivesse morrido:

> Provavelmente não teria empreendido a aventura africana. Teria ficado na Irlanda, ou em Liverpool, seguindo uma carreira burocrática e levando uma existência digna, obscura e confortável, com mulher e filhos. Sorriu: não, esse tipo de vida não combinava com ele. A vida que teve, com todos os seus percalços, ainda era preferível. Tinha visto o mundo, seu horizonte se ampliou enormemente, ele entendeu melhor a vida, a realidade humana, as entranhas do colonialismo, a tragédia de tantos povos por culpa dessa aberração. (LLOSA, 2011. p. 118-119)

Ele reafirma deste modo que a vida o transformara num homem capaz de entender toda a complexidade do gênero humano e tenta encontrar uma justificativa para tudo aquilo que havia feito. Como ele se questiona:

> Seriam justificados todos os sacrifícios que fez nesses vinte anos que passou na

> África, nos sete de América do Sul, no ano e pouco no coração das selvas amazônicas, no ano e meio de solidão, doença e frustrações na Alemanha? Ele nunca se importou com dinheiro, mas não era absurdo que, depois de ter trabalhado tanto na vida toda, agora estivesse sem ter onde cair morto? O último saldo na sua conta bancária eram dez libras esterlinas. (LLOSA, 2011. p. 119)

A constatação de que, após tantos sacrifícios, ele estava sem recursos financeiros, levam-no a duvidar de suas realizações e, em consequência, de que apenas sua derrota final seria lembrada. Desanimado, compara então seu estado na prisão com o dos congoleses doentes mordidos pela mosca do sono:

> O desânimo o dominava de alto a baixo. Fazia dele um ser tão desamparado como aqueles Congoleses atacados pela mosca tsé-tsé que a doença do sono impedia de mexer os braços, os pés, os lábios, e até de manter os olhos abertos. Será que também os impedia de pensar? No seu caso, infelizmente, as ondas de pessimismo aumentavam a sua lucidez, transformavam o seu cérebro numa fogueira crepitante. (LLOSA, 2011. p. 120-121)

Assim, seu pessimismo o corrói. Como ele percebe, toda sua luta em favor dos desfavorecidos está manchada por umas folhas do seu diário entregues à imprensa, que ele nem sequer poderia dizer que eram verdadeiras.

Contrastivamente, o nono capítulo inicia com uma situação inesperada. O carcereiro abre a porta da cela e Roger vive um momento de apreensão: naquele instante, pela fisionomia do xerife, imagina que tivessem negado a petição. Mas não era o que o prisioneiro imaginara, pois o xerife pergunta Roger se ele ainda quer um chuveiro, o que Roger prontamente aceita. E, durante o banho, o protagonista reencontra a paz:

> Fechou os olhos e, antes de passar o sabonete que pegou em uma das caixas de borracha penduradas na parede, enquanto esfregava os braços e as pernas, sentiu a água fria deslizar pelo corpo. Estava feliz e arrebatado. Com aquele jato d'água não desaparecia somente a sujeira acumulada em seu corpo durante tantos dias, mas também as preocupações, angústias e remorsos. (LLOSA, 2011. p. 157-158)

O banho de Casement age assim sobre ele como se fosse um revigorante tanto para

o corpo como para a alma e, na volta à cela, agradece ao xerife: “Não sabe como lhe fico grato por esse banho, xerife (...) Isto me devolveu a vida, a saúde” (LLOSA, 2011. p. 158).

Mais tarde, ao deitar-se no catre, o personagem retoma a leitura da *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, mas deixa o livro de lado porque não consegue se concentrar. A sensação de ter a vida de volta após o banho serviu de ânimo para rememorar os últimos percursos da sua trajetória antes de ser preso na costa da Irlanda, quando quase perdera a vida para escapar da Royal Constabulary:

> Lembrou-se do amanhecer cinzento, chuvoso, com mar agitado e uma neblina espessa da sexta-feira Santa, dia 21 de abril de 1916, e eles três no bote irrequieto de três remos em que o submarino alemão os tinha deixado antes de desaparecer no meio da bruma. “Boa sorte”, gritara o capitão Raimundo Weissbach como despedida. Reviveu a horrível sensação de impotência, tentando controlar aquele bote encabritado pelas ondas e pelos remoinhos, e a incapacidade de os remadores improvisados levá-lo em direção à costa, que nenhum deles sabia onde estava. (LLOSA, 2011. p. 158)

Por um momento ele esquece a prisão e revive o momento da fuga, fazendo um balanço da organização do Levante da Semana Santa:

> A sua aventura também tinha sido disparatada. Não era outra fantasia delirante julgar que, vindo da Alemanha para a Irlanda, ia poder impedir sozinho, com argumentos pragmáticos e racionais, o Levante da Semana Santa, tão secretamente planejado pelo Military Council dos Irish Volunteers – Tom Clarke, Sean McDermott, Patrick Pearse, Joseph Plunkett e algum outro – do qual nem sequer o presidente dos Voluntários irlandeses, o professor Eoin MacNeill, tinha sido informado? “A razão não convence os místicos nem os mártires”, pensou. Roger havia sido partícipe e testemunha de longas e intensas discussões no seio do Irish Volunteers sobre a sua tese de que a única maneira de que uma ação armada dos nacionalistas irlandeses contra o Império Britânico desse certo era fazendo-a coincidir com uma ofensiva militar alemã que imobilizasse o grosso do poderio militar inimigo. (LLOSA, 2011, p. 160)

Esta participação intensa de Roger Casement, primeiro nos Estados Unidos e depois

na Alemanha, na organização da luta armada contra o Império Britânico foi o motivo da sua condenação à morte por enforcamento. E, pior, ele reconhece que

> Segundo as notícias que conseguiu reunir aqui e ali desde os dias de seu julgamento, o levante tinha sido um gesto heróico mas o seu saldo foi a matança dos mais arrojados dirigentes do IRB e dos Voluntários e a prisão de centenas de revolucionários. A repressão agora seria interminável. A independência da Irlanda tinha recuado mais uma vez. Triste, triste história! (LLOSA, 2011. p. 161)

Nesta retrospectiva dos acontecimentos da Semana Santa o herói reconhece que o Levante fora ato de bravura, mas o resultado foi uma história trágica, pois o Levante, além de perder os principais líderes revolucionários, de agora em diante teria seus outros membros perseguidos. Além de ficar abalado pelo fato de o Levante não ter alcançado seus objetivos, a independência da Irlanda, Casement consequentemente enxerga cada vez mais distante essa possibilidade. Assim, na cela, nesse "entre-lugar" derradeiro entre a vida e a morte, Casement revive no espaço da memória todos os momentos de sua trajetória, recordando os lugares por onde passou.

Entretanto, não são só esses entre-lugares que o protagonista vive na prisão. No capítulo 11, juntamente com o xerife, vive um entre-lugar de emoção e dor, ao este lhe confiar a dor que sentira ao perder o filho, na guerra. Como o narrador comenta, ao se iniciar o capítulo,

> desde que, violando o regulamento, o xerife lhe permitiu tomar um banho, Roger sentia, sem necessidade de uma palavra entre ambos, uma aproximação entre ele e o carcereiro, e que este, talvez sem perceber, talvez apesar de si mesmo, tinha deixado de odiá-lo e de responsabilizá-lo pela morte do filho nas trincheiras da França.(LLOSA, 2011, p. 229)

No momento em que Roger compartilha do sofrimento do xerife, a dor se torna mais forte que a oposição existente entre ambos e, assim, eles se unem num mesmo espaço geográfico e psicológico: protagonista e antagonista, numa cela, dividindo

um drama, o entre-lugar da agonia e da dor: o xerife sofre a dor pela perda do filho e o personagem preso aguarda a morte que virá. A confissão por parte do xerife torna-se assim também uma descoberta da verdade para Casement: da sensibilidade que se escondia por detrás do ódio inicial que o xerife sentia por ele. E, por outro lado, o herói que denunciara e lutara pela liberdade de milhões de negros e índios se vê incapacitado por não poder fazer nada de concreto para acalmar a dor daquele que o maltratara ali na prisão.

No capítulo 13, outro deslocamento emocional, levando a novas descobertas de uma amarga verdade, é causado por um sonho de Casement no cárcere:

> Acordou, entre assustado e surpreso. Porque, na confusão que eram as suas noites, nesta teve sobressaltos e tensões durante o sono com a lembrança do seu amigo – ex-amigo, agora – Herbert Ward. Mas não lá na África, onde se conheceram quando trabalhavam na expedição de sir Henry Morton Stanley, nem depois, em Paris, onde Roger foi visitar várias vezes Herbert e Sarita, e sim nas ruas de Dublin, simplesmente no meio do estrondo, das barricadas, dos tiroteios, dos disparos de canhão e do grande sacrifício coletivo da Semana Santa. Herbert Ward no meio dos irlandeses sublevados, junto com o Irish Volunteers e o Irish Citizen Army, lutando pela independência do Eire! Como podia a mente humana entregue ao sono criar fantasias tão absurdas? (LLOSA, 2011, p. 295)

Ao acordar, sente-se profundamente triste, ao perceber que nunca mais poderia contar com a amizade de Herbert Ward. A morte do filho dele na batalha de Neuve Chapelle em janeiro de 1916 criara um abismo entre os dois. Porém, ao recordar do amigo, Casement lembra das virtudes de Ward: vê nele um homem de uma cultura muito superior a todos os europeus que o rodeavam, um homem diferente de todos os outros que haviam sido recrutados por Stanley a serviço de Leopoldo II, pois Ward era uma pessoa que “amava a aventura pela simples aventura.” Casement revela, assim, sua generosidade em relação ao amigo que não perdoava sua opção

política de libertar a Irlanda com o apoio dos alemães.

E as verdades amargas continuam a ser descobertas por Casement, com a segunda visita da amiga Alice, relatando primeiro a dificuldade encontrada para poder visitá-lo, pois é incomum receber nova autorização para visitar alguém que está aguardando a execução, acusado de pedofilia, homossexualismo e alta traição.

E, ao Alice comentar detalhadamente sobre o Levante da Semana Santa, Casement sente-se culpado não ter podido evitar o que ocorrera dizendo a ela: “Eu sabia que ia acontecer isso (...). Não cheguei a tempo de deter essa loucura. Agora a liberdade da Irlanda está mais longe do que nunca, outra vez” (LLOSA, 2011, p. 300). Casement manifesta deste modo o seu posicionamento contrário ao Levante, da forma como aconteceu. Ele não queria o sacrifício de pessoas sem o apoio de uma força militar experiente – no caso, o apoio da Alemanha.

Alice revela ainda a Casement que MacNeill, um dos revolucionários irlandeses, tentou parar o movimento quando soube que o comando militar dos voluntários, o IRB e o Irish Citizen Army, havia convocado a população a fazer manobras militares no domingo de Ramos. Esse desentendimento entre os líderes dos revolucionários fez com que muitas pessoas ficassem em casa. Dessa forma, o movimento revolucionário ficou enfraquecido. E, ao ouvir que muitos voluntários consideravam MacNeill um traidor, Casement se cala, considerando isso uma estupidez (LLOSA, 2011, p. 300). Abatido pelas revelações de Alice, Casement está assim num novo entre-lugar: o da dúvida. Se agiu corretamente ou não em ter participado de um Levante que estava fadado ao fracasso, pois está impossibilitado de fazer qualquer coisa para mudar aquela realidade.

Entretanto, Alice, comovida, ainda comenta que, por uma semana, a Irlanda fora um país independente, com presidente e governo provisório, pois, como ela

narra, “Patrick Pearse saiu da Agência dos Correios e, nos degraus da esplanada, leu a Declaração de Independência da Irlanda e da criação do Governo Constitucional da República da Irlanda” (LLOSA, 2011, p. 301). Alice lamenta, ainda, não ter estado junto com os líderes dos voluntários.

Após essas palavras, Casement fecha os olhos, projeta-se no passado e visualiza a cena. Por um momento, assim, liberta-se de Pentonville, desloca-se do pequeno locutório que o aprisiona e transcende para a cena do Levante, em frente aos Correios, para o momento da leitura da Declaração de Independência:

> Via a cena, nítida, vibrante. No alto dos degraus da Agência Central dos Correios, sob um céu encapotado que ameaçava se derramar em chuva, diante de cem, duzentas?, pessoas armadas de escopetas, revólveres, facas, lanças, porretes, a maioria homens, mas também um bom número de mulheres com um lenço na cabeça, se destacava a figura magra, enfermiça de Patrick Pearse, com seus trinta e seis anos e seu olhar acerado, impregnado da nietzschiana “vontade de poder” que sempre lhe havia permitido, sobretudo desde que ingressou aos dezessete anos na Liga Gaélica da qual logo se tornaria líder indiscutível, superar todos os percalços, a doença, as repressões, as lutas internas, e materializar o sonho místico de toda a sua vida – o levante armado contra o opressor (...) lendo, com sua voz messiânica que a emoção do momento magnificava, as palavras cuidadosamente escolhidas que encerravam séculos de ocupação e de servidão e instauravam uma nova História da Irlanda. (LLOSA, 2011, p. 301-2)

Diante do que imagina ver, Casement sente seus olhos umedecerem, começa a tremer e, para não chorar, diz a Alice, precipitadamente “Deve ter sido emocionante, sem dúvida” (LLOSA, 2011, p. 302), revelando assim seu estoicismo diante desses momentos tão significativos para a história da Irlanda. Por esta razão, ao visualizar, de forma mística, todo o cenário daqueles dias do Levante e o que significara para os revolucionários aquela luta, principalmente para o líder, Patrick Pearse, Casement se pergunta, “se não teria sido melhor morrer lá, junto com aqueles poetas e místicos, dando e recebendo tiros”, em vez de estar numa prisão, aguardando ‘um

pedido de clemência que provavelmente seria negado" (LLOSA, 2011, p. 305). E chega à conclusão que "sua morte teria um sentido definido, em vez da situação equívoca que seria morrer na forca, como um delinquente comum", revelando portanto como aos poucos, as dúvidas, esses entre-lugares vão se eclipsando, quando a grande verdade de sua provável execução vai se tornando mais real.

Após a visita de Alice, Casement volta para a cela ainda com todas as imagens do Levante na cabeça. É como se as lembranças e os testemunhos da amiga tivessem tirado o protagonista da prisão e lançado no meio dos combates. Ele começa a rememorar a cidade de Dublin e tudo o que nela conhecia: os edifícios, as casas, os bondes barulhentos e os bairros cheios de pessoas miseráveis em volta de ilhas onde moravam os ricos, como se estivesse se despedindo de sua cidade natal.

Nesse mesmo dia, o xerife não se oferece para levá-lo ao chuveiro. Roger também não o pediu, pois percebeu que o xerife estava deprimido e com uma expressão de isolamento e não queria incomodá-lo. Simultaneamente, vive a dor do xerife e sente pena do guarda por não poder ajudá-lo. Sua capacidade em poder, ante sua própria desgraça, compartilhar da dor do xerife, mostra novamente o quanto Casement se preocupa com o "outro", seu oponente, cuja identidade civil é agora revelada: Mr. Stacey. Este não faz outra coisa a não ser falar de seu filho e da morte dele, mostrando-se arrependido por um dia tê-lo açoitado quando era pequeno. Ao deparar-se com os lamentos do xerife, Roger tenta amenizar a dor deste dizendo que seu pai também açoitava a ele e a seus irmãos e nem por isso eles haviam deixado de amá-lo, revelando assim sua própria atitude perante um pai que havia sido, em determinadas ocasiões, excessivamente severo. Significativamente, como em outras ocasiões, durante a noite a mãe de Roger lhe

reaparece em sonho. E, como se estivesse num outro plano, seu pai vem e a rouba. Diante dessas imagens, Casement, criança, sente ciúmes. Anne Jephson, em sua memória, continua deste modo sendo a mesma mãe de quando ele era criança, como se as imagens da infância estivessem congeladas em sua memória e o tempo tivesse parado:

> Teve um sonho prazeroso. Sua mãe aparecia e desaparecia, sorrindo, bela e grácil com seu grande chapéu de palha que arrastava uma fita flutuando ao vento.(...). Os olhos de Anne Jephson estavam fixos nele e os de Roger, nela, e nada nem ninguém parecia capaz de interromper aquela silenciosa e terna comunicação. Mas, de repente, surgiu da floresta o capitão de lanceiros Roger Casement, (...). Olhava para Anne Jephson com uma cobiça obscena. Tanta vulgaridade ofendeu e assustou Roger. Ele não sabia o que fazer. Não tinha forças para impedir o que estava por acontecer nem para sair correndo e se livrar daquele horrível pressentimento. Com lágrimas nos olhos, tremendo de pavor e de indignação, viu o capitão levantar sua mãe do chão. Ouviu-a dar um grito de surpresa e, depois, rir com uma risadinha forçada e complacente. Tremendo de nojo e de ciúmes, viu-a espernear no ar, mostrando seus tornozelos magros, enquanto seu pai ia percorrendo por entre as árvores. Foram sumindo na floresta e suas risadinhas diminuindo até se apagarem. (LLOSA, 2011, p. 314-315)

O sonho revela também que Casement vive um deslocamento: quando vê sua mãe, sente-se feliz; porém quando o pai aparece, este ressurge como oponente de Roger, contrariando seus desejos ao impedir que ele e sua mãe continuem juntos. Apesar de continuar sonhando por algum tempo, Casement não se lembrava do desenlace.

Na mesma noite, o protagonista tem um pesadelo: sonha com um passarinho, “um canário de voz límpida martirizado pelas grades da gaiola onde estava preso”, e cujos olhinhos pediam “compaixão”. Casement percebe então que alguma coisa secreta estava acontecendo, um perigo invisível o estava rondando, algo traiçoeiro, que se preparava para golpeá-lo. Acorda tão agitado que quase não consegue respirar” (LLOSA, 2011, p. 316).

Esses dois sonhos da época de sua infância remetem, assim, aos sentimentos conflituosos de Casement: o primeiro, em relação à lembrança inesquecível do amor materno, e à dominação do pai, e, o segundo, premonitoriamente, à sua ansiedade, na própria prisão e a expectativa de uma execução.

Nesse momento, Casement pensa no padre Carey e tem o desejo de falar com ele sobre alguns assuntos relacionados à alma, a religião e Deus. Ao lembrar o assunto, vem-lhe à memória o último encontro com o capelão do presídio quando falaram sobre a sua conversão ao catolicismo. O padre achou melhor não falarem em conversão, já que Casement já havia se batizado na Igreja católica, a igreja de sua mãe. Por outro lado, o Cardeal Bourne, como Carey lhe informou, achava que Roger deveria assinar um documento abandonando os velhos hábitos, os erros e tropeços do passado e arrepender-se. Mas Casement responde ao constrangido o padre Carey que não assinaria nenhum documento, pois sua incorporação à Igreja católica – e, portanto, sua reconciliação com Deus – deveria ser, “uma coisa íntima”, independente das “coisas vis e depravadas de que a imprensa” o acusa, demonstrando assim sua firmeza quanto a sua decisão de ser reintegrado ao catolicismo sem pressões externas (LLOSA, 2011, p. 317).

Na manhã seguinte, Roger recebe a notícia de que a comutação da pena havia sido recusada. Em função dessa notícia, já no último capítulo, e após a visita dos padres Carey e MacCarroll, Casement relembra, à noite, um acontecimento que revela a ele uma nova verdade

> (...) lembrou que, numa das primeiras expedições que fez pela África, no primeiro ano da sua estada no continente negro, pernoitou algumas vezes numa pequena aldeia, de uma tribo cujo nome já esquecera (...). Com a ajuda de um intérprete, conversou com vários aldeões. Assim descobriu que os velhos da comunidade, quando sentiam que iam morrer, faziam uma trouxinha com seus poucos pertences

> e, discretamente, sem se despedir de ninguém, tentando passar despercebido, se internavam na selva. Procuravam um lugar tranquilo, uma prainha à beira de um lago ou de um rio, a sombra de uma árvore grande, um outeiro com pedras. Uma maneira sábia e elegante de partir. (LLOSA, 2011. p. 381)

E é com esta mesma paz e serenidade que Casement irá partir, o que já se confirma com sua recusa em aceitar a oferta dos padres Carey e MacCarrol em aguardar o raiar do dia com ele.

Quando acorda, no dia seguinte, vê o xerife a seu lado oferecendo-lhe um banho: “Roger fez que sim. Enquanto avançavam para o banheiro pelo longo corredor de tijolos escurecidos, Mr. Stacey perguntou se ele tinha conseguido descansar um pouco. Quando Roger disse que dormira algumas horas, ele murmurou: “Fico contente pelo senhor”” (LLOSA, 2011, p. 382).

O xerife demonstra, assim, mais uma vez, como se humanizou perante comiseração de Casement para com ele pela morte do filho; e, mais ainda, conta-lhe “que muitas pessoas tinham passado a noite inteira rezando, na porta da prisão, com crucifixos e cartazes contra a pena de morte, entre alguns padres e pastores”, o que fez Roger se sentir “meio estranho, como se tudo aquilo não fosse mais ele, como se um outro o estivesse substituindo” (LLOSA, 2011. p. 382). Como se observa mais uma vez, o personagem vive uma situação de estranhamento consigo mesmo, dando a impressão de que ele já estava num outro patamar, distanciado de si próprio, e que a pessoa que estava lá, não era mais ele, aguardando a morte, mas um outro.

Ao voltar para a cela, Casement percebe que haviam deixado o seu café da manhã, mas recusa a refeição. Quer, entretanto, saber as horas: “oito e quarenta da manhã”, dizem a ele. Faltam, portanto, vinte minutos, pensa Roger. Os preparativos que se seguem revelam sua serenidade, diante da situação:

> Logo depois chegaram o diretor da prisão, o xerife e três homens vestidos à

> paisana, um deles sem dúvida o médico que atestaria a sua morte, algum funcionário da Coroa e o carrasco com seu jovem ajudante. Mr. Ellis, um homem baixo e parrudo, também estava de roupa escura, como os outros, mas tinha arregaçado as mangas da jaqueta para trabalhar com mais comodidade. Trazia uma corda enrolada no braço. Com uma voz educada e rouca pediu que Roger pusesse as mãos nas costas porque precisava amarrá-las. Enquanto as prendia, Mr. Ellis fez uma pergunta que ele achou absurda: “Está machucando?” Negou com a cabeça. (LLOSA, 2011. p. 383)

Os padres Carey e MacCarrol começam então a entoar ladainhas e a rezar, enquanto acompanham o protagonista para a forca. Roger quase nem presta atenção por onde andava, mas rezava e respondia às ladainhas e parecia estar contente, pois andava com passos firmes, sem “um soluço ou uma lágrima” escapando dele (LLOSA, 2011, p.383). Se às vezes fechava os olhos, era para pedir ‘clemência a Deus’, mas, significativamente, era a imagem da mãe que lhe aparecia, unindo, assim seu início de vida com sua morte. Quando chegaram finalmente ao patíbulo, num descampado inundado de sol,

> Lá havia um pelotão de guardas armados à sua espera. Estavam em volta de uma armação quadrada de madeira, com uma pequena escadinha de oito ou dez degraus. O diretor leu umas frases, certamente a sentença, mas Roger não prestou atenção. Depois lhe perguntou se queria dizer alguma coisa. Negou com a cabeça, mas, entre os dentes, murmurou: “Irlanda”. Virou-se para os sacerdotes e ambos o abraçaram. O padre Carey lhe deu a bênção. (LLOSA, 2011. p. 384)

Deste modo, Casement parte para a morte em completo silêncio, mas até o momento derradeiro, mesmo entre os dentes, ele anuncia o seu sonho de independência da Irlanda, o “sonho do celta”, que não chegou a ver concretizado, mas com o qual vai à morte. Enquanto o carrasco lhe amarrava a venda nos olhos, que já o imergiram na escuridão,

> sentiu que os dedos de Mr. Ellis eram, agora, menos firmes, menos donos de si

> mesmos do que quando amarraram as mãos. Levando-o pelo braço, o carrasco o fez galgar os degraus até a plataforma, devagar para que não tropeçasse.
> Ouviu uns movimentos, rezas de sacerdotes e por fim, outra vez, um sussurro de Mr. Ellis pedindo que ele abaixasse a cabeça e se inclinasse um pouco, *please, sir.* Atendeu e, então, sentiu que o outro havia posto a corda em volta do seu pescoço. Ainda chegou a ouvir um último sussurro de Mr. Ellis: “Se prender a respiração será mais rápido, sir.” Obedeceu. (LLOSA, 2011. p. 384)

A falta de firmeza de Mr. Ellis ao vendá-lo, bem como o fato de ter dito “please, sir”, a Casement, além de ainda lhe sussurar como a morte será mais rápida, demonstram que até o carrasco não concorda com sua condenação, e sente pena dele.

Encerram-se assim as aventuras de Roger Casement: ao lado do Império Britânico, viveu dias de glória, com trânsito livre no governo; depois das investigações na África e na Amazônia e com a publicação dos relatórios revelando a verdade que se ocultava atrás do sistema colonial, tem a atenção da Europa voltada para si. Mas, ao se opor ao Governo Britânico e ao conspirar contra ele a favor da libertação da Irlanda, com a ajuda dos alemães, inimigos da Grã-Bretanha, Roger Casement perde a batalha, é condenado como traidor do Império e executado.

Entretanto, sua história não acaba aqui, no final da narrativa. Como Mario Vargas Llosa afirma, no Epílogo,

> A história de Roger Casement se projeta, apaga e renasce depois da sua morte como esses fogos de artifício que, depois de remontarem e explodirem na noite uma chuva de estrelas e trovões, se apagam, silenciam e, momentos depois ressuscitam numa trombetada que enche o céu de incêndios (LLOSA, 2011, p. 385).

Angus Mitchell confirma esta consideração de Llosa, ao comentar que

> Morto, Casement revelou-se ainda mais irritante para as autoridades do que fora em vida. A luta pela sua reputação e seu lugar legítimo na história desencadeou uma longa e, por vezes amarga, guerra de palavras entre a Grã-Bretanha e a

> Irlanda. No interior do círculo republicano irlandês, seu nome foi adicionado ao rol de honra dos homens e mulheres que resistiram à autoridade colonial e morreram por uma nação livre e unida. (MITCHELL, 2011, p. 50)

O reconhecimento de Casement como um dos heróis do Levante da Semana Santa demonstra assim, que, apesar de sua execução como traidor do Império para servir de exemplo a todos aqueles que tentassem repetir o feito, sua contribuição para a liberdade da Irlanda é inestimável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura que fizemos do romance histórico *O sonho do celta*, a fim de apreender o despertar político de Roger Casement através de suas aventuras pelo Congo e Amazônia peruana, de sua luta pela libertação da Irlanda, e, como consequência, sua condenação à morte por ter sido considerado traidor do Império Britânico, levou-nos a organizar este trabalho da seguinte forma:

Na Introdução, apresentamos nossa proposta de análise a partir da ideia de que Roger Casement, em suas aventuras e viagens de investigação, se insere nas características do herói menipeano à procura da verdade, como expostas em Bakhtin. A descoberta dessas verdades, por sua vez, leva o herói a seu despertar político e, num primeiro momento, a um entre-lugar metafórico, pois está sempre colocado entre duas opções – morais, políticas, emocionais, religiosas. É a definição que irá tomar, em relação a esses entre-lugares, que farão o herói reagir, através de palavras, relatos e ações.

Desenvolvendo esta proposta, apresentamos, no capítulo I, a fundamentação teórica que propiciou a análise: a inserção de Casement como um moderno herói menipeano, que, em suas aventuras em busca da verdade, é colocado em situações extraordinárias a fim de provocar e testar uma ideia filosófica ou uma verdade. Essa característica menipeana foi complementada e aprofundada com teorias de outros estudiosos, como a de entre-lugar, de Silviano Santiago; do eu e do outro, de Todorov; da apropriação da África pelos europeus, de Said; da ambivalência do discurso colonial, de Bhabha; do medo do outro, de Fanon; e do nascimento e morte do sujeito moderno, de Hall. Todas essas referências problematizam a questão do posicionamento político do personagem, que, aos poucos, desconstroi as concepções que havia recebido cultural e políticamente do

valor da colonização europeia nos continentes africano e sul-americano e, consequentemente, também na Irlanda, transformando-se de conservador em defensor dos direitos humanos e em revolucionário.

No segundo capítulo, além de contextualizar *O sonho do celta* dentro da obra de Mario Vargas Llosa e de situá-lo como romance histórico, baseado na vida do ex-cônsul britânico Roger Casement, abordamos também a estrutura do romance, o uso de um narrador onisciente intruso, o entrelaçamento do tempo cronológico e psicológico, o impacto do que presenciou nos diferentes locais em que trabalhou e, principalmente, a função das aventuras que teve em sua trajetória intercontinental, que levaram à sua conversão política.

No terceiro capítulo tratamos dos primeiros “entre-lugares” de Casement, durante sua infância na Irlanda: a diferença religiosa dos pais, o apego afetivo entre Roger e a mãe em detrimento dos irmãos, a admiração pelas histórias que o pai contava em contraposição aos castigos que infligia nos filhos, e, principalmente, a morte prematura da mãe, que o deixa deslocado emocionalmente. O fato de ser então criado pelos tios paternos contribui para sua sensação de era que um estranho na casa familiar dos Casement. Sua adolescência em Londres, já em casa dos familiares da mãe, afastam-no de suas origens, descentrando-o. Por outro lado, a oportunidade de trabalhar e alimentar seus sonhos de conhecer a África servem de preparação para suas futuras aventuras.

No quarto capítulo, abordamos, na primeira parte, suas primeiras aventuras no Congo e, principalmente, sua participação na expedição comandada por Henry Morton Stanley, durante a qual percebe o embuste da missão civilizatória europeia e do patrocinador da expedição, Leopoldo II; e, na segunda parte, a investigação que faz, já como cônsul do Império Britânico, para comprovar e relatar as atrocidades

cometidas pelos exploradores nos congoleses que coletavam a borracha. Os diversos testemunhos que recolhe e, principalmente, o que ele próprio presencia, apenas confirmar seu engano em relação aos objetivos colonizadores dos europeus, transformando-o, assim, num homem mais lúcido e realista.

Já no quinto capítulo, analisamos as aventuras de Casement na Amazônia peruana, a fim de constatar as atrocidades a que eram submetidos os índios coletadores de borracha pela Peruvian Amazon Company. Na primeira parte, tratamos da viagem a Iquitos com a Comissão de investigação, durante a qual entrevista diversos barbadianos e autoridades locais a respeito das torturas que ocorrem na região do Putumayo, cujas revelações o levam a perceber a semelhança entre as atrocidades cometidas no Congo e as da Amazônia. Esta parte está entremeada com suas lembranças e sonhos com a Irlanda, levando-o, assim, a relacionar a dominação colonialista europeia também com seu país natal. Na segunda parte ocorre a investigação propriamente dita nos diversos acampamentos da Peruvian no Putumayo, durante a qual Casement não apenas comprova todas as crueldades a que os índios eram submetidos, como também o cinismo dos responsáveis por esses crimes, conduzindo-o, assim, a um novo posicionamento político: propor uma luta armada aos índios, como única alternativa para se livrarem de um opressor desumano. Sua comparação dos irlandeses com os explorados o Putumayo, torna-se assim, simultaneamente, uma antecipação de sua iminente atuação política pela libertação da Irlanda.

No último capítulo, na prisão de Pentonville em consequência de haver conspirado com o governo alemão em sua luta pela libertação da Irlanda, e, ainda mais, pela descoberta de seus Diários revelando-o como pervertido sexual, analisamos a atuação do protagonista em contato com o carcereiro e visitantes, até

sua condução ao patíbulo: a decepção ao receber informações sobre o fracasso do Levante e perda de apoio de seus amigos em relação ao pedido de clemência, a percepção de que havia prejudicado familiares e amigos e, contrastivamente, a percepção da mudança que ocorrera no xerife que, do antagonismo inicial, passou a ter em Roger um confidente de sua própria dor. Simultaneamente, as lembranças da Irlanda, de sua mãe e as visitas dos religiosos o confortam, assim como sua readmissão à Igreja católica, todos contribuindo para sua serenidade final.

As informações sobre os acontecimentos posteriores à sua morte, no Epílogo, apenas confirmam a importância histórica de Casement, bem como a mudança de percepção de sua figura: de traidor e pervertido sexual ao reconhecimento de ter sido “um dos grandes lutadores anticolonialistas e defensores dos direitos humanos e das culturas indígenas do seu tempo, e um sacrificado combatente pela emancipação da Irlanda” (LLOSA, 2011, p. 386).

Deste modo, nesta menipeia contemporânea, Mario Vargas Llosa em *O sonho do celta* apresenta um herói que, ao partir para suas primeiras aventuras no coração do Congo estava mergulhado ainda em seus ideais, mas, aos poucos, a revelação da verdade por trás da missão civilizatória do colonialismo o faz rever sua postura inicial. Este despertar político para uma outra realidade, como defensor dos oprimidos é, em seguida, ampliado, ao descobrir as atrocidades cometidas no Putumayo e perceber que apenas a luta armada seria capaz de livrar os índios de seus opressores. Esta nova percepção, combativa, irá se estender à sua luta pela emancipação da Irlanda, formando, assim, a trajetória de um herói que parte de uma visão imperialista civilizadora para um visão anti-imperialista e de resistência revolucionária, culminando em sua morte.

As grandes verdades que este herói experimentou, nas muitas situações

extraordinárias em que foi colocado, confirmam portanto a relevância deste romance histórico e, também, como o despertar político de Casement faz surgir um herói menipeano moderno, cujas dúvidas e hesitações, assim como suas decisões, certas ou erradas, aproximam-no de nós, tornando-o nosso semelhante, num convite para resistirmos contra a maldade e a opressão que se recria sob outras formas em nossa travessia pela contemporaneidade.

**REFERÊNCIAS**

**BHABHA**, H. *O Local da Cultura/* Homi K. Bhabha*;* Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

**BAKHTIN**, M. *Problemas da poética de Dostoievski*./Mikhail Bakhtin. Tradução de Paulo Bezerra, - 5. ed. – Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

**CONRAD,** J. *O coração das trevas*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1984.

**ESTEVES**, A. R., *O romance histórico contemporâneo* (1975-2000) – São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

**FANON,** F. *Os Condenados da terra*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

**GOODMAN**, J. *The Devil and Mr. Casement*. London: Verso, 2009.

**HALL,** S. *A identidade cultural na pós-modernidade* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro DP&A, 2006.

**HANCIAU**, N. J. "Entre-lugar*".* IN*:* FIGUEIREDO**,** E. (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura.* Juiz de Fora: UFJF, 2005.

**HARRIS**, P. J.: "From the Putumayo to Connemara: Roger Casement's Amazon Voyage of discovery". IN: *ABEI Journal* n. 4, June 2002.

**LLOSA,** M. V. *El sueño del celta.* Buenos Aires*:* Alfaguara, 2010.

_____**.** *O sonho do celta.* Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

**MITCHELL**, A. *Roger Casement in Brazil: Rubber, the Amazon and the Atlantic* World, 1884-1916. São Paulo: Humanitas, 2011.

_____. (ed. e introdução). *The Amazon Journal of Roger Casement*. London: Anaconda Editions, 1997.

_____. "Unframing the Black Diaries of Roger Casement". IN: ABEI Journal n. 11, November 2009.

**MOISÉS**, M. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

**SAID,** W. *Orientalismo*: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**SANTIAGO**, S. *Uma literatura nos trópicos.* São Paulo: Perspectiva, 2000.

**TODOROV,** T. *A Conquista da América*: a questão do outro / Tzvetan Todorov; Tradução de Beatriz Perrone Moisés. – 4ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Nobel Prize - <http://www.nobelprize.org/nobel-prizes/literature/laureates/2010>. acesso em: 20 de junho de 2012.

O Estadão. **Cidades** - <http://www.estadao.com.br/arquivomundo/2006>. Acesso em: 09 de agosto de 2012.

Glens Festival - <http://www.glensfestival.comindex.html>. Acesso em: 14 de agosto de 2012.